



EM DEFESA DA REVOLUÇÃO E DITADURA PROLETÁRIAS

MASSAS

ÓRGÃO BISSEMANAL DO PARTIDO OPERÁRIO REVOLUCIONÁRIO
MEMBRO DO COMITÊ DE ENLACE PELA RECONSTRUÇÃO DA IV INTERNACIONAL
ANO 34 - Nº 660 - DE 20 DE MARÇO A 3 DE ABRIL DE 2022 - R\$ 4,00

Ucrânia em ruínas

**Biden faz do povo ucraniano bucha de canhão;
e Putin, um escudo para a Rússia**

**Combater a bárbara guerra com os princípios,
a tática, a estratégia e o programa
revolucionários do proletariado**

**Todo apoio à campanha internacional
do Comitê de Enlace pela Reconstrução
da IV Internacional (CERQUI)**

**Pelo desmantelamento da OTAN! Pelo fim das bases
militares dos Estados Unidos na Europa e no mundo!**

**Abaixo as medidas econômico-financeiras de Biden
contra a Rússia e a economia mundial!**

Retirada das tropas russas da Ucrânia!

Pela autodeterminação e unidade territorial da Ucrânia!

**Trabalhadores, lutemos pelo socialismo,
único caminho para acabar com as guerras
provocadas pelo capitalismo em decomposição**

Ucrânia, bucha de canhão de Biden; e escudo de Putin Pelo fim da guerra e da barbárie

Guerra, sem destruição, morte e sofrimento da população, não é guerra. As guerras acompanham a humanidade desde sempre. As guerras mais definidas, porém, são expressões das sociedades de classe. As guerras podem ser de dominação ou de libertação, progressivas ou regressivas. A burguesia somente encarnou as guerras de libertação, quando era a classe revolucionária que lutava contra o arcaico sistema feudal. Observa-se que essa nova classe recorreu às guerras para libertar as forças produtivas das relações de produção feudais, e edificar os Estados nacionais. Os Estados Unidos, por exemplo, tiveram de travar uma guerra de libertação da dominação inglesa; e uma guerra civil para acabar com a escravidão dos negros.

Esgotada a etapa histórica de conformação do capitalismo, as guerras gestadas pela burguesia assumiram um caráter de dominação de um punhado de potências sobre a imensa maioria das nações, portanto, guerras regressivas. A fase imperialista do capitalismo está repleta de guerras de dominação, sendo as duas guerras mundiais sua mais elevada expressão. Por serem de dominação e destruição em grande escala de forças produtivas e vidas humanas, as duas guerras mundiais evidenciaram que o capitalismo está esgotado historicamente e que, para sobreviver, empurra a humanidade à barbárie social.

Na Primeira Guerra, o proletariado russo, unido aos camponeses pobres, travou a guerra civil contra a monarquia e, em seguida, contra o governo burguês, que se instalou em fevereiro de 1917, tendo por bandeira a “paz sem anexações”. A classe operária, estando no poder, teve de defender-se, diante do cerco imperialista à revolução. A transformação da guerra imperialista em guerra civil pela derrubada do poder da burguesia foi de libertação.

Em meio à barbárie da guerra imperialista, germinou a guerra antibarbárie. Nesse mesmo sentido, passou-se com a heroica guerra de libertação da China, contra a dominação japonesa, inglesa e norte-americana, em meio à Segunda Guerra Mundial. Um exemplo também de guerra de libertação foi o da guerra de resistência anti-imperialista nos Balcãs, por meio da qual se formou o Estado da Iugoslávia, hoje inexistente, graças à guerra civil de dominação, incentivada e controlada pelos Estados Unidos e aliados europeus da OTAN. Em todos esses casos de guerra de libertação, se faz necessária a presença de uma direção revolucionária, sem a qual o proletariado e a população oprimida não podem se organizar, se armar e vencer.

Esses fundamentos históricos, de princípio, de estratégia e tática revolucionários foram elaborados por Lênin, dirigente do partido bolchevique, em situação de guerra imperialista de dominação e de guerra de libertação proletária. Aplicam-se plenamente à guerra na Ucrânia. Como em qualquer guerra, é preciso, porém, evidenciar as suas particularidades.

A imprensa imperialista faz, diariamente, a campanha de exposição das ruínas, dos alvos civis atingidos, das mortes de mães, filhos, velhos, de cidades cercadas, e da onda de refugiados desolados. O presidente Zelenski é recebido pelo parlamento norte-americano, inglês e alemão, para denunciar a crise humanitária, e pleitear uma condenação da Rússia na Corte de Justiça (ICJ), de Haia. Organismos de direitos humanos pretendem que Putin seja denunciado por crime de guerra no Tribunal Penal Internacional (TPI). A imprensa espalhou o discurso de Biden, acusando Putin de “criminoso de guerra”, “ditador assassino”, “um bandido que está travando uma guerra imoral contra o povo da Ucrânia.” O governo russo respondeu: “O presidente de um país que por muitos anos bombardeou pessoas no mundo inteiro não tem o direito de dar lição de moral à Rússia.” Os Estados Unidos jamais sentarão no banco dos réus da Corte de Justiça e do Tribunal Penal Internacional, embora sejam os maiores carneiros do mundo.

O fundamental está em que Biden transformou o povo ucraniano em bucha de canhão de sua política de expansão da OTAN, e de cerco militar à Rússia. E Putin se utiliza da bárbara guerra na Ucrânia como escudo de defesa dos interesses capitalistas da Rússia. Sem dúvida, há uma diferença entre a bucha de canhão e o escudo, mas, no fundamental, expressam a guerra de dominação.

A destruição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas está na base do conflito entre os Estados Unidos imperialistas e a Rússia restauracionista. Interessa à potência norte-americana que a Rússia se afunde na Ucrânia, e arque com a responsabilidade mundial de ter realizado destruição e matança. E a Rússia, assim, terá de arcar com a barbárie, porque usou a nação oprimida como escudo. Por meio dos métodos e da política de opressão nacional, não há como vencer os Estados Unidos e sua aliança europeia. Um acordo de neutralidade será provisório, e não evitará o cerco militar, que já é poderoso. As ex-repúblicas soviéticas não deixarão de servir como instrumentos do Ocidente imperialista.

Sem a classe operária organizada e unida contra a ofensiva das potências, não tem sido possível transformar a guerra de dominação em guerra de libertação. A campanha do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional, porém, planta as sementes do internacionalismo proletário, embora marchando na contracorrente dos acontecimentos. Desse confronto mundial, será despertada a consciência entre os explorados sobre a necessidade de construir seus partidos revolucionários. Somente as massas em luta contra a exploração capitalista e a opressão nacional poderão se opor às tendências bélicas do capitalismo em decomposição. Somente a classe operária, lutando pelo socialismo, à frente das massas exploradas, poderá pôr fim às guerras.

Campanha do POR contra a guerra na Ucrânia

Estados Unidos decidem pela guerra

O imperialismo não aceitou nenhuma das condições da Rússia e avança com a militarização. A escalada bélica há muito vem sendo desenvolvida pelos Estados Unidos e OTAN. A derrocada da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) abriu caminho ao cerco das potências à Rússia.

A Ucrânia tornou-se um instrumento para os Estados Unidos avançarem na escalada militar.

Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional defende:

- 1 Pelos Estados Unidos Socialistas da Europa;
- 2 Por uma Ucrânia soviética independente;
- 3 Reconstituição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas;
- 4 Fim da militarização e do cerco imperialista à Rússia;
- 5 Não à guerra de domínio imperialista. Sim a guerra de classe contra a burguesia, pelo fim do capitalismo e pela retomada do socialismo.

Viva o XVI Congresso do Partido Operário Revolucionário (POR)!

É preciso que a vanguarda com consciência de classe vincule-se profundamente ao proletariado, para superar a crise de direção.

Todo empenho na tarefa de erguer no Brasil o partido marxista-leninista-trotskista, como parte da reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista.



Impasse no choque entre Estados Unidos e Rússia em torno à Ucrânia

Somente a classe operária organizada e de posse do programa internacionalista pode derrotar a ofensiva do imperialismo contra a Rússia e a Ucrânia.

Agrava-se a crise na Ucrânia e na Europa

Somente o proletariado organizado e mobilizado pode encontrar uma solução progressiva.

Abaixo as medidas econômicas e financeiras de Biden contra a Rússia e a economia mundial! Pelo desmantelamento da OTAN!

Pelo fim das bases militares dos Estados Unidos na Europa e no mundo!

Retirada das Forças Armadas russas da Ucrânia!

Pela autodeterminação e unidade territorial da Ucrânia!

Trabalhadores, lutemos pelo socialismo, para acabar com as guerras

Intervenção nas fábricas

Na Firestone

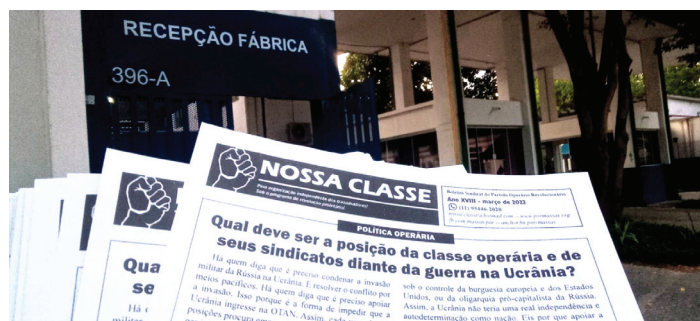
O POR tem feito, por meio do Boletim Nossa Classe, uma forte campanha nas fábricas contra a guerra na Ucrânia. No dia 10 de março, houve a distribuição do Boletim na Firestone, fábrica de pneus em Santo André/SP. Na porta da fábrica, chamamos os operários a lerem o Boletim, e a conhecerem qual deve ser a posição da classe operária em relação a guerra. O tema da guerra despertou o interesse dos operários, e não poderia ser diferente. Todos já estão sentindo no bolso as consequências da guerra. O custo de vida, que já era alto, ficou ainda pior. O preço do gás de cozinha aumentou 18,8%; o diesel, 24,9%. Certamente, as sanções dos Estados Unidos contra a Rússia afetarão vários países do mundo, e o Brasil vai ser um deles. O que recairá sobre os trabalhadores, pobres e miseráveis.

A classe operária – organizada em seu próprio partido, operário e revolucionário, defendendo suas reivindicações, por meio da ação direta, e lutando sob a estratégia da revolução e ditadura proletária – é a única que pode colocar fim à guerra, ao desemprego, aos baixos salários, ao aumento de preços e ao crescimento da fome. Por isso, na porta das fábricas, chamamos os operários a exigirem que os sindicatos e as centrais sindicais convoquem imediatamente um Dia Nacional de Lutas, com manifestações e paralisação da produção, como preparação da greve geral.

Na Mercedes

A distribuição do Boletim Nossa Classe teve uma boa recepção por parte dos operários. A nota que abre o Boletim “Qual deve ser a posição da classe operária e de seus sindicatos diante da guerra na Ucrânia?”, e a agitação dos militantes em torno à guerra, chamou a atenção dos metalúrgicos. Rapidamente, mais de mil Boletins foram distribuídos. O vínculo da guerra com o aumento do custo de vida era respondido positivamente, em voz alta, pelos operários que passavam pela portaria da fábrica.

Os militantes notaram que até mesmo a juventude operária, que não se interessava pelo Boletim Nossa Classe, certamente, porque temia perder o emprego, desta vez, rapidamente pegou, e não deixou de fazer comentário sobre a guerra na Ucrânia.



Na Volks

O Boletim Nossa Classe foi distribuído no dia em que o segundo turno da fábrica estava retornando, depois de alguns meses em lay-off. Ao contrário da maioria das vezes, os ônibus que chegavam à fábrica pararam mais distantes da cerca, onde previamente os Boletins são enrolados em forma de canudos e presos ao alambrado. Mesmo assim, dezenas de operários, depois de descerem dos ônibus e antes de se dirigirem à portaria de entrada, vieram pegar e ouviram com atenção a exposição do conteúdo do Boletim. Isso por que, também, durante todo o tempo, um dos distribuidores fez fala ao microfone, ligada a uma caixa de som, improvisadamente, instalada sobre o muro de concreto, presa com um fio a telas do alto alambrado que compõe a cerca. A intervenção do camarada, segurando em uma das mãos o Boletim aberto e voltado para o interior da fábrica, chama os operários para os pontos centrais do conteúdo do Boletim. Muitas vezes, é reforçada a importância de lerem e discutirem com outros operários nos momentos e locais possíveis, como vestiários e refeitórios, no interior dos ônibus na vinda para a fábrica, ou também no retorno a suas casas, onde, após o necessário descanso do estafante dia de trabalho, podem, não somente ler, como também refletir, sobre o que discutir com os demais operários no dia seguinte de trabalho na fábrica. Esse é um trabalho que a militância porista vem fazendo nessa multinacional, que há algum tempo cercou a fábrica, impedindo que os metalúrgicos tivessem contato com outras posições, a não ser a do sindicato, que tem acesso ao pátio da empresa.

Nessa distribuição, em particular, os distribuidores do Boletim Nossa Classe destacaram o conteúdo da Política Operária, “Qual deve ser a posição da classe operária e de seus sindicatos diante da guerra na Ucrânia?”, mostrando o caráter internacionalista da classe operária e a necessidade de os sindicatos ini-

ciarem uma mobilização contra a guerra, em torno a bandeiras como: Desmantelamento da OTAN. Autodeterminação e unidade nacional da Ucrânia. Retirada imediata das tropas russas do território ucraniano; E unidade mundial da classe operária contra as guerras de dominação. ■

Intervenção no ato convocado pelas centrais contra a guerra

No dia 15 de março, a CUT realizou uma manifestação contra a guerra na Ucrânia, como parte da campanha internacional, intitulada “SindicatosPelaPaz”, envolvendo vários sindicatos do mundo, ligados à Confederação Sindical Internacional (CSI). Em São Paulo, não houve empenho das centrais para a convocação do ato, comparecendo apenas alguns representantes da direção da CUT, e um número reduzido de sindicatos. Houve um boicote por parte das correntes e partidos de esquerda.

Os discursos se limitaram a mostrar a perda de vidas humanas e as consequências para o Brasil. Enfatizaram que é a “classe trabalhadora” quem sofre com as guerras – com mortes, falta de alimentos, elevação do custo de vida e crescimento de refugiados. Exigiram o “diálogo” e a “paz” como a via para pôr fim à guerra. Denunciaram o governo Bolsonaro, e se colocaram por trabalhar pela eleição de Lula.

O POR interveio com o Manifesto e Boletim do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI), levantou suas bandeiras e palavras de ordem, expressas no Manifesto.

Pronunciamento do POR

Companheiros e companheiras.

Estamos, hoje, reunidos nessa manifestação contra a guerra. Mas essa bandeira

contra a guerra nos obriga a dizer que a guerra tem um responsável. E o principal responsável é o imperialismo norte-americano, portanto, os EUA e seu braço armado, a OTAN, que, desde 1991, com a destruição da URSS, vem fazendo um cerco contra a Rússia. A OTAN aproveitou o momento que as ex repúblicas soviéticas se desprenderam da URSS para ampliar a investida contra a Rússia. Nesse momento, a Rússia tem uma burocracia restauracionista, que vem ampliando a opressão nacional sobre as ex repúblicas soviéticas, portanto uma política de opressão nacional sobre as nações oprimidas. E nós temos de dizer: o trabalhador tem lado. E o lado do trabalhador é o lado da Ucrânia. Porque defendemos a autodeterminação do povo ucraniano. A vitória dos EUA significará maior opressão da Ucrânia, sua submissão à OTAN, à União Europeia e, fundamentalmente, à hegemonia dos EUA. Por outro lado, a vitória da Rússia significará a submissão da nação oprimida ao poderio regional da burocracia restauracionista.

Por isso, companheiros, o Partido Operário Revolucionário vem fazendo uma campanha internacional por meio do Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional (CERQUI). Uma campanha assentada em algumas bandeiras. A principal delas é o desmantelamento da OTAN, o



fim das sanções econômicas sobre a Rússia, sobre o conjunto dos países. Pela retirada das tropas russas do território ucraniano e em defesa da unidade da Ucrânia. A unidade do povo ucraniano significa a defesa da sua autodeterminação com os métodos da classe operária. E os métodos da classe operária para impor a autodeterminação são os métodos da revolução, é o método da defesa do socialismo, porque não há possibilidade de autodeterminação nos marcos do capitalismo.

Companheiros, pela autodeterminação da Ucrânia. Por uma Ucrânia livre, socialista. ■

Formação política

Grupo de Estudos do POR debate guerra na Ucrânia

O grupo de estudos do POR iniciou um novo ciclo, neste mês de março. A partir de agora acontecerá todas as terças, às 19h, virtualmente. Trata-se de uma forma de reunir militantes e simpatizantes, de diferentes partes do país, para se aprofundar nas obras e conceitos clássicos do marxismo. Como parte da campanha do POR contra a guerra, a qual consiste em manifestos do CERQUI, boletins de fábrica, agitação nos movimentos, colagens de cartazes etc., o grupo de estudos dedicou seus dois primeiros encontros do ano ao debate e análise da guerra na Ucrânia. E dedicará a escolha dos temas e conceitos marxistas que serão discutidos nos encontros seguintes ao aprofundamento dessa compreensão. Já na segunda metade de março, iniciaremos a discussão sobre a dialética, fazendo a leitura da obra Dialética da Natureza, de Engels.

Mais de 50 pessoas participaram do estudo nos dois dias, onde pudemos apresentar as posições proletárias diante da guerra, defendidas desde o Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV

Internacional (CERQUI). Foi possível responder às dúvidas dos simpatizantes referentes, por exemplo, às sanções econômicas dos EUA contra a Rússia, o papel de Zelenski nesse processo, e a crise de direção. Discutimos em profundidade alguns aspectos que valem ser destacados: a importância da diferenciação das forças em conflito e a da hierarquização das bandeiras; a relação da guerra na Ucrânia com a guerra comercial; a caracterização do Estado russo; a importância da caracterização de classe do conflito; a falta de uma direção revolucionária, e o papel que o estalinismo cumpre nesse aspecto; a validade da bandeira de autodeterminação da Ucrânia, como defendida por Lênin e Trotsky.

Discutimos a importância de compreender que a Rússia, em sua ação defensiva frente ao avanço da OTAN sobre as ex-repúblicas soviéticas e cerco de suas fronteiras, decidiu pela ofensiva sobre a Ucrânia, uma nação sem a menor capacidade de resistir ao seu poderio bélico. Essa situação coloca a vanguarda mundial diante da

tarefa de reconstruir o poder proletário, unificar a classe operária e demais explorados no combate ao imperialismo e seu braço armado, a OTAN, e pela autodeterminação da Ucrânia, o que implica a retirada das tropas russas do solo ucraniano. Foi discutido também que essa autodeterminação só pode se dar sob a ditadura do proletariado

Ato político do POR em São Paulo

No dia 13 de março, a militância, simpatizantes e convidados se reuniram na sede do POR para discutir sobre a guerra na Ucrânia. O ato fez parte da campanha do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI), que vem publicando declarações de acordo com a evolução dos acontecimentos. Neste dia, foi apresentado o Boletim do CERQUI, que reúne o conjunto das posições internacionalistas. Neste momento, o CERQUI divulgava o Manifesto *“Pelo fim da guerra na Ucrânia! Somente a classe operária organizada e unida em torno ao programa da revolução mundial pode enfrentar o curso da barbárie do capitalismo em decomposição”*.

O ato se iniciou com um informe sobre as atividades do partido, voltadas contra o cerco da OTAN à Rússia, e a intervenção da Rússia na Ucrânia. Nas fábricas, foi distribuído o Boletim Nossa Classe, e realizada exposição do conteúdo internacionalista da campanha do CERQUI. Nos corredores fabris, cartazes foram colocados, com as bandeiras: Abaixo as medidas econômicas e financeiras dos Estados Unidos contra a Rússia e a economia mundial! Pelo desmantelamento da OTAN! Pelo fim das bases militares dos Estados Unidos na Europa e no mundo! Retirada das tropas russas da Ucrânia! Pela autodeterminação e unidade territorial da Ucrânia! Trabalhadores, lutemos pelo socialismo, único caminho para acabar com as guerras provocadas pelo capitalismo apodrecido. Os boletins da Corrente Proletária na Educação, da Corrente Proletária na Universidade, da Juventude em Luta, e o Boletim O Proletário, todos subordinaram sua propaganda e agitação à campanha do CERQUI. O partido também interveio no ato do Dia Internacional das Mulheres, divulgando as bandeiras internacionalistas. Momento em que teve como usar a tribuna para expor a posição do POR sobre a guerra.

Ato político da Regional Nordeste do POR contra a guerra na Ucrânia

No dia 12 de março, no Recife, a coordenação regional nordeste do POR realizou um ato político pelo fim da guerra na Ucrânia, com a presença de camaradas de Pernambuco, Paraíba, Ceará e Rio Grande do Norte. O ato foi aberto pela fala de um camarada, que apontou os fundamentos da guerra, encontrados na fase imperialista do capitalismo, caracterizada pela decomposição social. Mostrou-se que existem várias formas de guerra: imperialista, de libertação nacional, de defesa nacional e a revolucionária. A guerra na Ucrânia tem um duplo caráter: de uma guerra defensiva da Rússia diante do cerco econômico-militar da OTAN, com a instalação de várias bases militares em suas fronteiras, ações impulsionadas pelo imperialismo norte-americano; e de uma guerra ofensiva da Rússia sobre a Ucrânia.

As raízes históricas do conflito remontam à Revolução Russa de outubro de 1917, que deu origem, anos depois, à federação das repúblicas socialistas soviéticas, e expropriou a burguesia, transformando a propriedade burguesa em social, abrindo um percurso de transição do capitalismo ao socialismo, e forjando o Partido Mundial da Revolução Socialista, a III Internacional. O partido bolchevique e o Estado operário se burocratizaram, sob o comando de Stalin. A degeneração levou à negação do internacionalismo. Várias conquistas revolucionárias foram sendo destruídas, e, em 1991, houve a queda

e seus métodos. Os métodos burgueses de opressão nacional, aplicados agora pela Rússia, são estranhos à luta do proletariado.

Os debates foram bem recebidos pelos participantes, que agora realizarão os estudos sobre os fundamentos do marxismo, sempre aplicando esses conhecimentos à realidade concreta e à luta de classes.

Terminado o informe da campanha, Atílio de Castro fez uma síntese das posições desenvolvidas nas declarações do CERQUI e no Manifesto. Enfatizou a importância das bandeiras sobre as quais se baseia a campanha do CERQUI, uma vez que os fatos as vinham confirmando. Os Estados Unidos empurraram a Rússia à guerra, e a Ucrânia se encontrava na condição de bucha de canhão da política imperialista, e arcava com a brutal opressão nacional exercida pela Rússia. Mostrou que o problema fundamental estava na crise de direção. O proletariado e suas organizações sindicais se mantinham passivos diante da guerra. Uma camada da pequena burguesia se movimentava sob a pressão dos Estados Unidos e dos aliados europeus. O que explicava e explica a dificuldade de materializar a resposta internacionalista. Tratava-se, portanto, de trabalhar com afinco com as bandeiras do CERQUI, mesmo nas condições tão difíceis.

Em seguida, passou-se à reunião de grupos, que discutiram a Declaração de 28 de fevereiro, *“Agrava-se a crise mundial. A classe operária e os demais explorados estão diante da necessidade de reagir com seu programa, política e organização próprios”*; e o Manifesto, 11 de março, *“Pelo fim da guerra na Ucrânia! Somente a classe operária organizada e unida em torno ao programa da revolução mundial pode enfrentar o curso da barbárie do capitalismo em decomposição”*. Terminado o estudo, os grupos apresentaram suas considerações e conclusões, ressaltando o acerto da linha desenvolvida pelo CERQUI.

No encerramento, os presentes se colocaram de pé e de punhos fechados gritaram: Pelo fim da guerra, fora os Estados Unidos da Europa, desmantelamento da OTAN, pela autodeterminação da Ucrânia e pela retirada das tropas russas. ■

de URSS e restauração do capitalismo no Leste Europeu. Essa vitória do imperialismo sobre as antigas conquistas revolucionárias trouxe consequências nefastas para a classe operária mundial. A OTAN, criada nos marcos da “guerra fria”, se manteve, mesmo após a queda da URSS, tendo como objetivo que a restauração capitalista na Rússia se complete, derrubando a burocracia, eliminando o que resta da propriedade nacionalizada, e se apoderando diretamente dos recursos naturais, fazendo da Rússia uma semicolônia. A burocracia e a oligarquia restauracionista, ao mesmo tempo em que é inimiga das massas, protagonizam choques com o imperialismo, sobretudo norte-americano, procurando manter-se à frente do processo de restauração, preservando seus privilégios.

O imperialismo tem amplificado o uso de suas armas econômicas e militares contra a Rússia, o que provocou a invasão da Ucrânia. Impregnado pelo nacionalismo, com objetivos de atuar como potência regional, Putin rechaça a autodeterminação da Ucrânia e de outros povos, defendida de forma intransigente por Lênin. A restauração, portanto, reaviva a opressão nacional e, por sua vez, o fortalecimento do nacionalismo burguês e pequeno-burguês no interior das antigas repúblicas soviéticas.

As correntes de esquerda têm oscilado entre a defesa da Rússia, como o PCO e PCB, e a defesa da derrota da Rússia

na guerra, como o PSTU. Os primeiros caracterizam Zelenski como capacho do imperialismo e acobertador de nazistas. Por essa via, atrelam trabalhadores à burocracia e ao nacionalismo russo. E empurram camponeses e operários ucranianos para os braços do nacionalismo oligárquico. A linha dos morenistas, ao colocar em primeiro plano a derrota da Rússia, caracterizada como capitalista desde a queda da URSS, acaba se entroncando com Zelenski e a OTAN. A posição marxista, de independência de classe, indica que somente a classe operária europeia pode solucionar o conflito, enfrentando o imperialismo, e garantindo a unidade territorial e autodeterminação da Ucrânia.

O CERQUI tem feito uma campanha internacional, destacando que a classe operária precisa se reorganizar e superar a crise de direção, reerguer o Partido Mundial da Revolução Socialista. Nossa campanha chama as massas a se erguerem contra a guerra, colocando abaixo as medidas econômicas e financeiras de Biden contra a Rússia e a economia mundial. Defende o desmantelamento da OTAN e das bases militares. Ergue as bandeiras de retirada das tropas russas e de autodeterminação e unidade territorial da Ucrânia.

Após a exposição, o plenário dividiu-se em grupos, e foi iniciada a discussão do Manifesto do CERQUI, publicado no dia 11 de março. Com as discussões, foi possível aprofundar o conhecimento das questões pertinentes para o conhecimento

do conflito, pensar como levar às massas a explicação sobre a guerra. Notou-se como a caracterização presente no material difere das análises de outras correntes políticas, e do que é veiculado na mídia burguesa, já que foi dada uma resposta classista e com independência de classe à questão.

No final do Ato Político, foi aberto para intervenções da plenária para exposição das discussões expressas nos grupos, onde foi feita a defesa e discutida a importância das bandeiras do CERQUI. Os presentes também reafirmaram como esse conflito é parte da fase imperialista de guerras, revoluções e contrarrevoluções. Mostrou-se como as guerras servem à destruição das forças produtivas, o que se dá pelos bombardeios, mas também pelo consumo da produção bélica, pela elevação do custo de vida que, por sua vez, é parte do rebaixamento do valor da força de trabalho mundial. Confirma-se a tese leninista a respeito da inevitabilidade das crises cada vez mais agudas na fase monopolista, e como agudiza-se a guerra comercial, que tende a converter-se em guerra militar.

A atividade contribuiu, portanto, para avançar na compreensão das determinações mais gerais que envolvem o conflito na Ucrânia. No encerramento, foi realizada uma saudação ao POR e à reconstrução da IV Internacional, afirmando que “somente a classe operária organizada e unida em torno ao programa da revolução mundial pode enfrentar o curso da barbárie do capitalismo em decomposição.” ■

Divulgação das posições do POR na imprensa sindical

O artigo abaixo foi publicado no *Jornal PUC-Viva*, da Associação de Professores da PUC-SP

Que posição tomar diante da guerra na Ucrânia?

Depois da Segunda Guerra Mundial e do fim da guerra da Coreia, inúmeras foram as guerras de intervenção. Em todas elas, os Estados Unidos estiveram direta ou indiretamente envolvidos. Ainda quando existia a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), a Rússia interveio na Hungria, Checoslováquia e Afeganistão. As guerras travadas pelos Estados Unidos que mais se destacaram foram as do Vietnã, Iraque, Afeganistão e Síria. Há que considerar ainda sua influência na guerra de intervenção imperialista contra a Líbia.

Esse quadro indica que os Estados Unidos, ou impõem-se pelo poderio econômico, ou pelo militar. Não é preciso explicar o entrelaçamento entre o poder econômico e militar. Eis por que a potência norte-americana se encontra no epicentro da guerra na Ucrânia. Distintamente das demais guerras de intervenção acima citadas, desta vez, o mundo está diante de um enfrentamento aberto dos Estados Unidos e Rússia. Essa é a particularidade que traz dificuldades para caracterizar a natureza desta guerra, e definir uma posição correta.

Para os marxistas – como é o meu caso, militante do Partido Operário Revolucionário (POR) –, é preciso procurar a raiz de classe das guerras e definir as forças econômicas em confronto. Somente assim, se pode rejeitar a condenação moral, burguesa e pequeno-burguesa, das guerras, embora envolvam um sentido moral. Há guerras de libertação e guerras de dominação. A guerra do Vietnã, sem dúvida, foi essencialmente de libertação. A guerra do Iraque foi de dominação. A guerra da Ucrânia não é de libertação.

Esse é o ponto de partida para um posicionamento mais preciso possível, em meio à complicada rede de contradições. Afirmamos que os Estados Unidos estão no epicentro da guerra, e não a Rússia. O que não significa deixar de expor a sua responsabilidade em uma guerra de dominação. Simplificando, com o desmoronamento da URSS, a Rússia se enfraqueceu estrategicamente, diante do poderio norte-americano e de sua aliança europeia. O Pacto de Varsóvia se

desfez, mas a OTAN permaneceu, e caminhou no sentido de fechar o cerco à Rússia. As ex-repúblicas populares do Leste Europeu foram absorvidas pelo imperialismo ocidental, e abriram caminho militar aos Estados Unidos e à OTAN. E boa parte da ex-repúblicas soviéticas se tornou um instrumento do cerco imperialista.

O avanço da OTAN, chegando à Ucrânia, desestabilizou o frágil equilíbrio regional, estabelecido depois do fim da URSS. Ocorre que a vitória final do imperialismo sobre a URSS evidenciou a existência da opressão nacional, como consequência da burocratização estalinista e do processo de restauração capitalista. A contraofensiva militar de Putin à integração da Ucrânia à OTAN se faz com os meios, métodos e objetivos típicos da opressão nacional. Não há, portanto, como caracterizar a ocupação da Ucrânia como anti-imperialista e progressiva. Não há como caracterizar como guerra de libertação. Está aí a contradição pela qual a classe operária, os demais explorados e a vanguarda com consciência de classe devem estar atentos, para não se submeter à campanha de Biden e aliados contra a guerra, e à de Putin, em sua defesa.

Atravessamos uma profunda crise de direção mundial da classe operária, o que deixa um campo aberto às forças da reação. Para potencializar a luta por sua superação, é fundamental uma resposta programática proletária-internacionalista. Estamos certos de que são justas para a situação as bandeiras: Abaixo as medidas econômicas e financeiras de Biden contra a Rússia e a economia mundial! Pelo desmantelamento da OTAN! Pelo fim das bases militares dos Estados Unidos na Europa e no mundo! Pela retirada das Forças Armadas russas da Ucrânia! Pela autodeterminação e unidade territorial da Ucrânia.

A luta por essas bandeiras somente pode enfrentar a ofensiva do imperialismo contra a Rússia, e da Rússia contra as nações oprimidas, caso as massas exploradas de todo o mundo as empunhem. É nesse sentido que o Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) convoca todas as correntes e movimentos a se unirem em torno a essas bandeiras. ■

Nesta seção de campanhas, também constam as intervenções do POR nas atividades que permitiram um pronunciamento sobre a guerra na Ucrânia

Boletim Nossa Classe - extraordinário

Não às demissões! Pelas contratações e estabilidade no emprego!

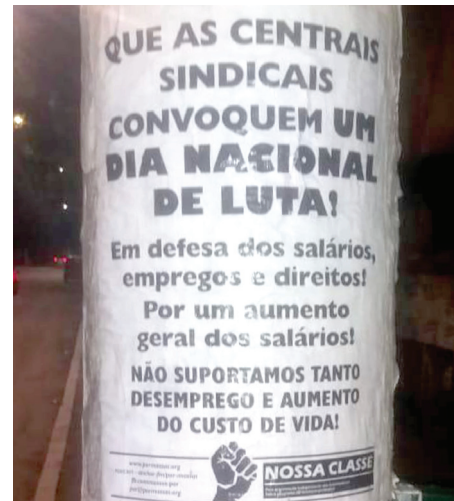
Companheiros da Volks denunciaram ao Boletim Nossa Classe que a montadora começou a demitir. A multinacional alemã fez um acordo com o sindicato, de lay-off, tendo como previsão a demissão de cerca de 450 metalúrgicos. Estava previsto, também, no acordo, a abertura do PDV. Como o número de demissão pelo PDV não atingiu a meta, a Volks passou a demitir. Vem usando a justificativa de “baixa performance”.

O Boletim Nossa Classe já havia denunciado que o lay-off é uma medida patronal, que tem por objetivo demitir. Agora, as novas demissões só

vêm confirmar que o Boletim Nossa Classe estava certo. A direção do sindicato sabia perfeitamente que haveria um “desligamento” de cerca de 450 companheiros.

É preciso dizer NÃO às demissões. SIM às contratações e à estabilidade no emprego.

O Boletim Nossa Classe defende que o sindicato convoque imediatamente a assembleia dos metalúrgicos, para acabar com as demissões, e lutar pela redução da jornada de trabalho, sem reduzir os salários e estabilidade no emprego.



Pelo fim dos acordos de lay-off e PDV

As multinacionais exploram os trabalhadores brasileiros e lucram muito. Quando não mais precisam, demitem sem piedade. Muitos operários se esgotam de tanto trabalhar. E a multinacional diz que são de “baixa performance”. Ou seja, já são um bagaço, que não têm como continuar explorando. Outra justificativa é que a empresa tem um excedente de mão-de-obra. De um lado,

esse excedente se deve à modernização tecnológica. E de outro, se deve à queda nas vendas.

Assim, ano a ano, as montadoras vêm reduzindo a força de trabalho. Para isso, demitem em massa. A facilidade com que impõe o PDV se deve à colaboração da direção sindical, que se vende à multinacional.

O Boletim Nossa Classe vem lutan-

do contra os acordos de flexibilização capitalista do trabalho. Flexibilização significa que a multinacional tem a liberdade de impor os lay-off, banco de horas, PDVs, que resultam em perdas salariais, quebra de direitos e demissões. E é capitalista porque favorece os patrões e enfraquece a classe operária. NÃO às demissões! Pelas contratações e estabilidade no emprego!

Defender os empregos!

O movimento metalúrgico tem como responder aos ataques das multinacionais. O ponto de partida é o da convocação das assembleias de fábrica e da assembleia geral. A convocação deve ter, por objetivo claro, a organização da luta coletiva contra as demissões e em defesa dos empregos. Por esse caminho, fortalecer a democracia operária.

A democracia operária se expressa na soberania das assembleias e no direito real de todos os operários defenderem suas posições. Chega de assembleias em que somente os burocratas da direção do sindicato podem falar! Chega de assembleias em que não existe proposta que se opõe à da direção do sindicato! Chega de assembleias passivas, que fa-

zem dos trabalhadores “carneiros”! Por assembleias verdadeiramente democráticas!

O Boletim Nossa Classe luta diariamente para que os operários tomem em suas próprias mãos as suas necessidades e as suas reivindicações. Luta para unificar todos os operários em defesa de um programa próprio.

Os ataques patronais exigem respostas coletivas dos operários

Os capitalistas demitem para proteger seus lucros. Os operários lutam para proteger suas vidas e de suas famílias. O lucro e a vida dos operários estão em polos opostos. Quanto mais os capitalistas lucram, mais os operários empobrecem. Eis por que capitalistas e operários são classes opostas (antagônicas).

Os capitalistas impõem sua vontade

de aos operários, porque têm o poder econômico e as leis em suas mãos. E os operários só podem impor sua vontade aos capitalistas por meio da luta coletiva, da união, das assembleias democráticas, das greves e das manifestações.

Os acordos montados nos gabinetes das multinacionais somente servem aos capitalistas. É o que vem acontecendo

com o lay-off, PDVs, etc. É preciso acabar com essa política de conciliação de classes, e colocar em seu lugar a política de luta de classes.

O Boletim Nossa Classe chama os operários a exigirem as assembleias, a aprovação das reivindicações, a unificação das lutas, e o fortalecimento da consciência política de que a greve é nossa principal arma.

O capitalismo não tem nada a oferecer à classe operária e aos demais trabalhadores

A Tribuna Metalúrgica, volta e meia, fala que é preciso reindustrializar o Brasil. E que assim se abririam milhões de postos de trabalho. Ocorre que a Tribuna Metalúrgica não pode dizer que a regressão industrial do Brasil reflete a crise geral do capitalismo. A ideia de que um novo governo, comprometido com a população, poderá reindustrializar o país é

completamente falsa. A tendência é a de diminuição de empregos na indústria. Os outros setores da economia não têm como absorver o número crescente de desempregados. Está aí por que milhões de brasileiros estão sendo jogados no subemprego e na informalidade. A classe operária tem suas próprias reivindicações e métodos de luta.

O Boletim Nossa Classe defende: 1) a redução da jornada, sem redução dos salários; 2) aplicação da escala móvel das horas de trabalho, em que se dividem as horas nacionais entre todos aptos ao trabalho; 3) a imposição do controle operário da produção, que permite à classe operária se contrapor ao poderio econômico dos capitalistas.

Pernambuco

Boletim Nossa Classe - Março

O Boletim Nossa Classe inicia apontando que a resposta da classe operária e de seus sindicatos, diante da guerra da Ucrânia, deve ser a de se levantar em luta, empunhando suas bandeiras próprias, seus métodos de luta e democracia proletária. A classe operária em todo o mundo deve exigir o desmantelamento da OTAN e das bases militares norte-americanas; autodeterminação e unidade nacional da Ucrânia, e retirada imediata das tropas russas do território ucraniano.

Diante do brutal aumento do custo de vida, o Boletim apresenta uma campanha pelo reajuste automático de salários de acordo com o aumento dos preços, aponta que os reajustes propostos pelas campanhas salariais de 2021 ficaram, na sua maioria, abaixo da inflação oficial, e que não acompanham sequer o aumento do preço dos itens mais essenciais da cesta básica. Portanto, é preciso organizar a classe operária para enfrentar essa situação, através da criação de comissões de fábrica, convocação de assembleias gerais unitárias, discutir e aprovar uma pauta de reivindicações e ir à luta. O Boletim defende que é necessário exigir a reposição das perdas reais, e o reajuste automático dos salários.

Em seguida, o Boletim apresenta a situação de aprofundamento da precarização das condições de trabalho dos rodoviários da região metropolitana do Recife. A categoria vivencia a intensificação da superexploração. Com a demissão dos cobradores, os motoristas passaram a dirigir e cobrar, fato que representa um grande risco, tanto para motoristas quanto para usuários. Além de aumentar o exército de desempregados, atua na

sobrecarga dos rodoviários, que estão sendo obrigados a trabalhar além de suas escalas, sob ameaça de punição. Também está presente no Boletim a denúncia dos Guarás, sobre a precariedade do salário, que é insuficiente para atender as necessidades dos trabalhadores.

Diante dessa situação, o sindicato (Resistência-PSOL) limitou-se à realização de campanha virtual contra a dobra da jornada de trabalho e a dupla-função, e denúncias sobre os abusos cometidos pelas empresas, mas sem consequência para a organização da categoria. A direção do sindicato encobre a falta de luta real, com visitas aos terminais e pequenas melhorias no ambiente de trabalho, como a instalação de bebedouros e micro-ondas.

O método próprio dos operários é a ação direta coletiva como as greves, piquetes, bloqueios de rodovias e avenidas, as marchas e as ocupações. Para conquistar a unidade, os trabalhadores precisam da democracia operária, que sejam convocadas assembleias democráticas em que os trabalhadores decidam como se defender da exploração patronal. A direção do sindicato não está fazendo nada disso.

O Boletim conclui com a defesa de que se faz necessário que os Guarás exijam da direção do sindicato a organização da luta, através de: 1) convocação de assembleias nas garagens; 2) aprovação de uma pauta que unifique todos os rodoviários; 3) organização de ações diretas coletivas, como piquetes, greves e bloqueios; 4) Defesa do direito de manifestação e greve, como parte do direito ao trabalho e à vida.

R\$ 30

ADQUIRA
COM NOSSO
DISTRIBUIDOR
DO MASSAS

LANÇAMENTO LIVRO

**Lênin estrategista
da revolução proletária**

Este livro faz parte da luta da vanguarda consciente em superar a crise mundial de direção, construindo o Partido Operário Revolucionário, como seção brasileira do Comitê de Enlace pela Reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

POR

Marxismo
Teoria e Programa

Nova
Coleção
Editorial



**Lênin estrategista
da revolução proletária**

*Apostamentos sobre a história
do Partido Bolchevique*

São Paulo

Boletim do Comitê de Luta

O Comitê de Luta nos bairros vem atuando desde 2020. Iniciou com a defesa da vacinação universal, a começar pelos pobres e miseráveis, momento em que a Pandemia vitimava a população pobre, principalmente na Zona Leste. Reuniu moradores, para exigir abertura de vagas nos hospitais da região, e atendimento imediato aos contagiados. Agora, além de continuar reivindicando melhores condições nos postos de saúde e hospitais, saiu em defesa da abertura de salas de aulas fechadas e, particularmente, do turno noturno. Denunciou a política de Doria, de aumentar a quantidade de escolas de tempo integral, transferindo centenas de crianças e adolescentes para escolas distantes, e superlotando outras unidades.

Diz o Boletim: Doria aproveitou a Pandemia para aumentar a quantidade de escolas de tempo integral, essa modalidade de ensino fecha salas e turnos, e superlota as outras escolas. (...) As filas por vagas, do ensino fundamental I até o ensino médio voltaram, obrigando as mães retornarem as peregrinações por vagas (...). É o que se passa aqui no Jardim Santo André e nos bairros entorno, primeiro fechou a EJA, obrigando os alunos irem estudar em bairro distante, depois vieram as PEIs, expulsando o aluno trabalhador (...) A campanha do Comitê se volta contra o fechamento dos turnos e salas. Defende a abertura imediatamente de todas as salas e turnos fechados, e faz a defesa de 25 alunos por sala, passo importante na luta por melhores condições de ensino e trabalho.

Boletim Juventude em Luta, da Corrente Proletária Secundarista

Essa edição do Boletim traz uma campanha central, sob o título “Não à guerra na Ucrânia”. Alerta a juventude da possibilidade de uma ampliação do conflito. Coloca o avanço mundial das armas dos EUA, através da OTAN, e o cerco que se fecha à Rússia. Ao mesmo tempo, mostra a contradição da posição defensiva russa contra o imperialismo norte-americano e ofensiva contra a Ucrânia. Expõe que a submissão, ou ao EUA, ou à Rússia, faz com que a Ucrânia não tenha autodeterminação. Chama a juventude a lutar contra a guerra e que as entidades de luta não podem ter uma posição pacifista, que devem mobilizar com bandeiras e métodos de luta próprios. Conclui rechaçando as sanções econômicas, defendendo o desmantelamento da OTAN, a autodeterminação da Ucrânia, a retirada imediata das tropas russas da Ucrânia, e a unidade mundial da classe operária contra a militarização imperialista, e contra a opressão das potências sobre as ex-repúblicas soviéticas.

Na sequência, traz as matérias “volta às aulas em 2022” e “aumento da violência nas escolas é expressão da decomposição do capitalismo”, que mostram a situação de precarização do ensino, que se aprofundou com as medidas dos governos. Concluem rejeitando a escola de tempo integral, o ensino a distância e o fechamento de salas de aulas e escolas, além da defesa da organização independente e da luta pelas reivindicações com métodos próprios.

Por fim, faz uma campanha em defesa da independência política dos estudantes, com 3 matérias. Uma de denúncia da campanha eleitoralista de conciliação de classes da direção da UBES, sob controle do PCdoB, de troca de um governo burguês por outro. Outra denuncia a presença do Secretário Estadual da Educação na sede das entidades estudantis, recebido pelas direções conciliadoras submissas à política burguesa. E a última, sob o título “os grêmios devem ser livres! Nada de receber dinheiro do governo!”, denuncia que o financiamento dos grêmios estudantis através PDDE (Programa Dinheiro Direto nas Escolas) Grêmios, comemorado como vitória pelas direções conciliadoras, deve ser rechaçado como uma medida de cooptação dos estudantes, que grêmios independentes e de luta devem se sustentar a partir de campanhas financeiras próprias, organizadas e fiscalizadas a partir das assembleias.

Avança a intervenção do governo nos grêmios estudantis

Há alguns anos, particularmente depois do grande movimento secundarista contra o fechamento de escolas e a reforma do ensino médio, em 2015-2016, o governo vem ampliando o controle sobre os grêmios existentes. É bom lembrar que, após a extinção dos “Centros Cívicos Escolares”, da época da ditadura militar, a Secretaria da Educação de São Paulo vem impondo os objetivos para os grêmios. Primeiramente, instituiu a figura do “professor orientador”, responsável pela organização e pelas atividades promovidas pelos grêmios. A experiência mostrou que a função de “orientador” ou “facilitador” serviu para disciplinar o funcionamento dos grêmios, desde as eleições dos estudantes até as reuniões no interior das escolas. Ou seja, atrelar os grêmios ao “Plano de Gestão Escolar”. Entre as funções desse professor, constava a de promover, juntamente com os grêmios, os programas da Secretaria da Educação. Nesse momento, uma parcela de professores considerou que era possível assumir a condição de “professor orientador”, e desenvolver um trabalho desvinculado dos propósitos do caráter atribuído pelo governo. Logo se verificou que não era possível manter essa independência e que, na realidade, era a forma de intervir na atuação dos grêmios.

As ocupações de escolas trouxeram à tona a farsa dos grêmios montados pela Secretaria da Educação. Isso por que, com raras exceções, foi um movimento espontâneo dos secundaristas, que se chocava com a política do governo levada a cabo pelas direções de escolas e dos grêmios atrelados. A bandeira de “grêmios livres” ganhou projeção. Mas, lamentavelmente, não avançou, por responsabilidade das direções estudantis, UBES, UMES, controladas pelo PCdoB e PT, que se mostraram incapazes de pôr em prática os grêmios livres, em função de sua política de conciliação de classes. Assim, o governo pôde retomar o controle da grande maioria dos grêmios.

Assim, o governo voltou a ser o incentivador dos grêmios, determinando o período das eleições e suas ações, como a de incentivar os jovens a se preparar para as avaliações do Saresp. A expansão dos “Programas de Escola Integral (PEIs)” vem auxiliando no disciplinamento ideológico dos estudantes e de dos grêmios, como instrumentos de colaboração nos “êxitos” do PEI. Portanto, um grêmio sujeito à hierarquia da escola e às regras da Secretaria da Educação.

O fechamento das escolas e a adoção do ensino a distância, na Pandemia, trouxeram consequências graves à Educação, entre

eles a enorme evasão escolar, e a regressão na aprendizagem, que já era baixa. Na retomada das aulas presenciais, a Secretaria da Educação realizou uma reunião para os supervisores e professores coordenadores, no início de março, para anunciar: 1) a liberação de R\$ 60 milhões, por meio do Programa Dinheiro Direto na Escola (PDDE) Grêmios, para “fomentar projetos e ações para recuperação de aprendizagem, busca ativa, além de promover a diversidade e melhorar a convivência nas escolas”; 2) a criação da Comissão Gremista de Direitos Humanos em todas as escolas, com a representação de até 7 estudantes, que irá atuar junto ao grêmio, objetivando impulsionar os projetos político-ideológicos do governo, a exemplo de palestras de direitos humanos, saúde mental, competências e protagonismo, entre outros temas.

A desorganização dos estudantes vem avançando a intervenção do Estado nos grêmios. O governo usa seus porta-vozes (supervisores, diretores, coordenadores, acadêmicos) para propa-

gandear os programas para uma educação voltada às “competências” e ao “protagonismo”, aos “itinerários” e outras adjetivações individualistas e concorrenciais entre os estudantes. Como existe uma rejeição natural por parte dos alunos a esses programas, nada melhor para o governo do que usar os grêmios para serem os “parceiros” ideais, como dizem os porta-vozes, “falarem na mesma língua dos estudantes”. Querem, portanto, grêmios serviçais à direção da escola e à Secretaria da Educação. Para isso, usam os recursos públicos (dinheiro) para submeter a juventude.

O Boletim “Juventude em Luta” – Corrente Proletária na Educação – vem fazendo uma campanha nas escolas em defesa dos grêmios livres. Fim dos grêmios montados pelas direções das escolas e submetidos à Secretaria da Educação. E chamando a juventude para discutir essa situação grave de intervenção em um organismo próprio dos estudantes, somente vista na época da ditadura militar. ■

São Paulo

Manifesto da Corrente Proletária Estudantil no retorno às aulas presenciais

O Boletim da Corrente Proletária Estudantil da USP, dirigido à volta às aulas presenciais, faz um balanço dos dois anos de Pandemia e da conduta das direções estudantis e sindicais, durante os dois anos em que a USP ficou fechada, com as aulas acontecendo apenas no mundo virtual. Mostra que as direções não tiveram uma conduta de independência de classe, subordinando-se à política burguesa de isolamento social. Isso desarmou o movimento estudantil, assim como o de professores e funcionários, diante da reitoria e do governo, que impuseram uma série de medidas de ataques às condições de estudo e trabalho.

A imposição do chamado “ensino remoto” se deu sem a resistência estudantil, ao contrário, as direções apresentaram à reitoria e governo propostas de aperfeiçoamento dessa modalidade, que impõe maior destruição da educação, ao ampliar ainda mais a separação entre sujeito e objeto do estudo.

O privatismo aumentou: “No que tange ao avanço do privatismo, nesse meio tempo, o restaurante universitário da Física foi privatizado, somando-se aos da Química e Prefeitura, que já eram privatizados, restando agora apenas o restaurante Central ser privatizado, para que não se tenha mais controle sobre os preços das refeições, com os quais muitos estudantes não poderão arcar. Não obstante, foi inaugurada uma faculdade privada do Banco BTG dentro do campus. Não por acaso, para defender os interesses privados cada vez mais presentes na universidade, no primeiro semestre de 2021, foi completada a reforma de uma base permanente da polícia militar no campus, que passou a cercear, revistar, e até mesmo a deter arbitrariamente estudantes, colocando os moradores do Conjunto Residencial da USP (CRUSP)”.

A moradia estudantil corre o risco da cobrança de aluguéis pela universidade. O fechamento do Bloco D, supostamente

para reformas, poderá ser usado para esse propósito. Sem o controle estudantil da moradia, a reitoria está de mãos livres para prosseguir em seus planos privatistas. Os moradores do Conjunto Residencial da USP (CRUSP) compõem o setor mais vulnerável do movimento estudantil da USP, em termos econômicos e de permanência, desde o início da Pandemia, e foram abandonados, com seu passe livre cortado, sem internet e recorrentes problemas de falta de água em alguns blocos.

A Corrente Proletária Estudantil, em sentido oposto ao das direções, inicia o ano fazendo um chamado à constituição de uma direção revolucionária, que luta pelo ensino público gratuito, científico e laico, vinculado à produção social e que tenha como diretriz a defesa do governo tripartite na universidade – composto por estudantes, funcionários e professores, eleito e subordinado à assembleia geral universitária. ■

Contra a privatização da educação básica

As investidas privatizantes na educação básica brasileira sempre se depararam com um enorme obstáculo para sua expansão, que se encontra na sua própria composição social, tendo uma maioria de estudantes provenientes de famílias pobres, bem como em função da precarização estrutural das escolas públicas (ausências de condições estruturais mínimas).

No entanto, mesmo diante dessas condições adversas, a Pandemia abriu espaço para o avanço do ensino a distância nesse nível educacional, portanto, à privatização, que vem ocorrendo por meio dos serviços, como a venda de aplicativos de videoconferência, plataformas online e materiais digitais diversos. Essas investi-

das privatizantes já existiam no ensino superior, onde o processo de privatização se deu, prioritariamente, de forma direta e não limitado aos serviços.

Assim, na educação básica, se destacaram as parcerias com as plataformas de ensino online. É evidente essas parcerias foram maiores na rede privada, mas também ganhou projeção nas redes estadual e municipal, segundo a pesquisa de Todos pela Educação, de abril de 2020.

Como parte da expansão da privatização, houve um crescimento gigantesco do grupo Somos Educação, empresa que nasceu em 2010, quando as editoras Ática e Scipione, além do sistema

de ensino SER, que era do Grupo Abril, juntaram-se, para formar a Abril Educação, absorvido pela Kroton Educacional, em 2018, hoje parte da holding Cogna Educação (monopólio multinacional), que intervém na educação básica por meio de sua Plataforma Plurall (software desenvolvido pela Somos originalmente para ser usado no contraturno escolar, com atividades de reforço).

Em 2018, a Somos Educação já era o principal grupo de educação básica do Brasil, com escolas próprias, cursos pré-vestibulares e idiomas, além de sistemas de ensino e livros. É dona das editoras Ática, Scipione e Saraiva, do Colégio Anglo, da escola de inglês Red Ballon, entre outros negócios, possuindo até então 3.624 escolas e um total de 1,8 milhão de professores (incluindo escolas próprias, parceiras e o ensino público). Na apresentação da operação divulgada em 23/04/2018, a Kroton destaca que o mercado de educação básica no Brasil é 83% maior que o de ensino superior. A Kroton avalia que o mercado da educação básica movimenta R\$ 101 bilhões (R\$ 96 bilhões em mensalidades e R\$ 5 bilhões em livros didáticos). Segundo a companhia, após a conclusão da aquisição da Somos, a educação básica representará cerca de 28% da receita da Kroton.

Em 2020, a plataforma Plurall foi ampliada e transformada em uma plataforma de ensino a distância completa: passou a permitir montar, gravar e dar aulas ao vivo. A Somos fechou parcerias com a fabricante de computadores Lenovo e com a Google, passando a oferecer às escolas particulares o learning book, um notebook para ensino, que permite aos professores acompanhar o aluno, ministrar aulas e prover material didático e exercícios; aos alunos é possível realizar atividades, assistir às aulas e participar de conteúdos extras.

A parceria entre a Somos, Lenovo e Google permitiu a produção de computadores personalizados para o ensino. A Lenovo fabrica as máquinas, a Google estabelece software e sistema operacional e a Somos entra com o programa de ensino. O objetivo não é vender computadores, como iniciativas do passado, mas criar um sistema educacional que possa colher e utilizar dados, e aplicá-los ao ensino. Esse é o grande negócio do momento, operado pela Somos Educação, que a diferencia de iniciativas do passado, que tentaram digitalizar o ensino.

Em 2021, segundo declaração de Camila Cardoso, vice-presidente de tecnologia educacional da companhia *“As nossas 4 mil escolas parceiras estavam prontas para operar o ensino básico [pela plataforma] em uma semana. Passamos, de 300 mil alunos, para 1,3 milhão, com 100 mil professores ensinando digitalmente”*. Embora o grupo já tivesse investido em Educação digital desde 2012, foi em agosto de 2021 que lançou a Plurall Store Family, estruturada em menos de seis meses, em meio às demandas latentes, evidenciadas pela Pandemia. Atualmente, a SOMOS Educação atende mais de 130 mil escolas, e a cerca de 30 milhões de alunos, em todos os estados da federação.

Fica claro o interesse em produzir conteúdo para comercialização dentro das plataformas online e outros materiais (livros didáticos e materiais digitais). Um exemplo dessa apropriação encontra-se no próprio termo contratual que o usuário precisa firmar com a Somos, ao adquirir o acesso a plataforma plural: *“A SOMOS, ou qualquer uma de suas afiliadas, poderão usar o conteúdo gerado e publicado por você para qualquer finalidade. Além disso, a SOMOS e suas afiliadas poderão usar quaisquer ideias, conceitos, know-how ou técnicas, contidas em qualquer comunicação ou material enviado por você para a plataforma, para qualquer finalidade, incluindo entre outras, a criação de novos materiais didáticos. Isto significa que você reconhece o direito irrestrito da SOMOS de utilizar os seus conteúdos disponibili-*

zados na Plurall (assim como materiais ou ideias similares) em qualquer meio, agora e no futuro, sem notificação, remuneração ou qualquer outra obrigação por parte da SOMOS”.

Em 2022, embora não temos ainda informações disponíveis nos bancos de dados da SOMOS, que revelem de forma mais detalhada a intervenção no ensino público (o que aparece ainda é somente a parceria por meio do PNLD), há evidências de que sua intervenção tende a avançar no ensino público, a exemplo de uma parceria firmada com a Fundação Instituto de Educação de Barueri (FIEB), instituição pública conveniada com a prefeitura de Barueri, de gestão privada. Essa parceria, anunciada às famílias dos estudantes em dezembro/2021, conta com a venda dos livros didáticos de todas as disciplinas, bem como da venda do acesso a plataforma Plurall, e de dois projetos interdisciplinares, Pensamento Computacional e Socioemocional/Líder em Mim, o que causou logo de início uma série de questionamentos das famílias, em sua maioria de classe média, mesmo já estando acostumada a custear os livros didáticos.

A rede municipal de ensino de Barueri foi completamente municipalizada no ensino fundamental, restando apenas algumas escolas de ensino médio da rede estadual, que possui o ensino regular, enquanto a FIEB conta com 2 unidades de ensino fundamental e médio regular, e 7 unidades de ensino médio técnico profissionalizante, além de administrar a Faculdade Municipal de Barueri, e um Polo da UAB. A parceria público-privada na educação municipal também avança no atendimento as crianças da Educação Infantil (maternais e pré-escolas)

No início do ano letivo de 2022, quando foram disponibilizados às famílias os valores para aquisição dos kits (livros e acesso a plataforma online), surgiu um movimento de resistência, denunciando os altos valores, o que implicava a exclusão de uma parcela de estudantes. Mas, o movimento das famílias não contou com os sindicatos e entidades estudantis. A resistência se limitou a recorrer ao Ministério Público, que acabou permitindo a comercialização dos livros e da plataforma.

Esses exemplos servem para evidenciar o quanto a privatização vem ganhando terreno. A Corrente Proletária na Educação vem fazendo uma campanha contra o EaD, porque essa excrescência é parte da expansão da privatização. Durante o período da Pandemia, combateu a política das direções sindicais, que se curvaram ao EaD, ao se submeterem à política burguesa do isolamento social. Como vimos, os capitalistas da educação e governos aproveitaram para expandir a privatização na educação básica. Isso foi possível porque não houve resistência por parte dos professores e estudantes, que estavam desorganizados e à mercê da propaganda mentirosa sobre o EaD. A desorganização tem, como principal responsável, a conduta das direções sindicais e estudantis, que passaram a exigir “ajustes” no chamado ensino remoto. Agora, mesmo com o retorno às aulas presenciais, não há um combate à privatização, que, como dissemos, vem crescendo com a venda de plataformas e outras parafernalias nocivas à aprendizagem, que por sua natureza é coletiva.

A Corrente Proletária expôs essa situação da “Somos Educação”, objetivando impulsionar a resistência contra a privatização. E, ao mesmo tempo, levantar as reivindicações de defesa de um sistema único de educação, público, sob o controle dos trabalhadores e estudantes, laico e voltado à produção social. Significa defender a estatização de toda a educação, do infantil ao universitário. Tarefa essa que está colocada à vanguarda com consciência de classe, portanto, ao fortalecimento da Corrente Proletária. ■

Atos de 16 de março

São Paulo

Entidades do funcionalismo protestam em defesa do reajuste salarial

No dia 16 de março, sindicatos do funcionalismo público, com a Apeoesp à frente, realizaram uma manifestação, com concentração em frente ao MASP, e passeata até a Praça da República. O ato foi convocado atendendo ao chamado da CNTE (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação), e teve como ponto central a questão do piso salarial. No entanto, as direções sindicais procuraram fazer demagogia eleitoral, enfatizando os prejuízos causados pelo governo Bolsonaro, e as conquistas obtidas com os governos petistas.

O protesto, que tinha uma pauta de reivindicações justa, tendo em vista a miséria salarial generalizada, piorada pela alta do custo de vida, acabou sendo menor do que poderia ter sido. Isso se deveu ao pouco esforço das direções sindicais em convocar a manifestação. Apesar de comparecerem várias entidades, inclusive com falas no carro de som, na prática, a composição do ato foi marcada quase exclusivamente pelo magistério, particularmente, por sua vanguarda.

A presidente da Apeoesp dirigiu o ato com uma aparência radicalizada contra as medidas de Doria, chegou até citar a necessidade de uma greve, caso insistisse em aprovar o novo Plano de Carreira, que destrói conquistas. Porém, não passou de palavrea-

do, porque não apresentou nenhuma proposta de organização da luta para pôr abaixo mais essa medida de Doria.

A política das direções se limitou a denunciar a defasagem salarial e a criticar o PLC 003, da chamada “Nova Carreira”, mostrando o problema contido na transformação dos salários em subsídios, entre outras armadilhas, colocando em contraposição a defesa da “valorização” da categoria, com um reajuste de 33,24%.

O POR interveio por meio do Boletim da Corrente Proletária (que, em um de seus artigos, trouxe um estudo sobre o Novo Plano de Carreira), do Manifesto do Comitê de Enlace (CERQUI), do jornal Massas e do Boletim do CERQUI. O centro da intervenção esteve voltado à luta contra a guerra na Ucrânia. Nenhuma das direções fez qualquer menção ao problema da guerra da Ucrânia.

Coube à Corrente Proletária na Educação/POR, em seu pronunciamento, mostrar a importância de uma resposta marxista ao problema da guerra. Criticou a hipocrisia do imperialismo, como ponto de partida da análise, sem deixar de apontar a opressão nacional exercida pela Rússia sobre a Ucrânia. Concluiu defendendo a necessidade de combinar a luta pelas reivindicações elementares dos trabalhadores com o combate a essa guerra de dominação, levantando a bandeira da convocação de um Dia Nacional de Luta.

Paraná

Manifestação de servidores públicos em Curitiba

No dia 16 de março, servidores públicos do Paraná se manifestaram contra o governo, e em defesa de um conjunto de reivindicações. Na capital, a manifestação foi convocada pelo FES, Fórum das Entidades Sindicais, instância que congrega os principais sindicatos e associações de servidores públicos do estado. Da manifestação, participaram professores da rede estadual, servidores das penitenciárias, das universidades, da Secretaria de Meio Ambiente e do Judiciário.

A principal reivindicação é o cumprimento da data-base, que há 6 anos não faz a reposição anual de vencimento, que é obrigado pela lei. As perdas salariais já chegam a 34%, e o governador, Ratinho Junior, no começo deste ano, concedeu míseros 3% de reposição, ao mesmo tempo em que fazia aprovar a lei orçamentária, destinando R\$17 bilhões para os capitalistas em forma de renúncia fiscal.

É preciso dizer que as direções sindicais não se empenharam em convocar a manifestação. E, no dia, acabou cumprindo a decisão policial de não utilizar

o carro de som.

É muito difícil que, até maio, data em que o governo deveria repor as perdas salariais, os servidores consigam organizar um movimento capaz de arrancar a reposição devida. Contra esta possibilidade, conspira a dificuldade de se fazer o movimento de greve unificada, pois, algumas categorias já estão negociando em paralelo com o governo, e a própria APP, que é o principal Sindicato dos Servidores, manifestou uma grande dificuldade, em virtude de um abono recebido pelos professores e da repressão sistemática a que tem sido submetida a categoria, após qualquer movimento de greve.

As dificuldades, no entanto, não se limitam a estas questões. Há que lembrar que a coordenação do FES, em diversas ocasiões, aceitou do governo o rebaixamento das perdas salariais, como forma de encerrar os movimentos de greve, enfraquecendo a greve e provocando a desconfiança na direção do movimento.

Os servidores públicos têm sido duramente atacados pelo governo Ratinho

Junior, que deu sequência à política de desmonte do estado e do funcionalismo público, iniciada por Beto Richa, o anterior governador. Terceirizações, precarizações diversas, bloqueio de progressões e promoções, e uma Lei Geral das Universidades, que reduz o quantitativo de docentes e servidores técnicos nas universidades, além do arrocho salarial.

Ao funcionalismo público do Paraná, está colocada a tarefa de se livrar das direções de colaboração de classe, que tomaram conta de suas entidades. Enquanto prevalecer a orientação de grupos vinculados aos partidos reformistas e ao oportunismo eleitoral, os servidores públicos não conseguirão arrancar do governo as suas reivindicações. Para conquistar a reposição salarial e outros direitos hoje conspurcados, só existe um caminho, o da luta, a organização de uma greve unificada de todo o funcionalismo. Defendemos a realização de assembleias de base, assembleias de verdade, presenciais, que preparem os servidores para a luta. ■

Rondônia

Burocracia do Sintero enrola com as negociações infundáveis***Para conquistar as reivindicações, é preciso organizar a luta unitária nas ruas***

No dia 8 de março, o Sintero realizou assembleias em todas as regionais, mas unicamente para informar sobre as “mesas de negociações” com o governo do estado. Como ocorreu no Dia Internacional das Mulheres, a direção do sindicato iniciou parabenizando e denunciando a violência sobre as mulheres. Nos informes sobre as negociações, a presidente disse que, no dia 10/3, haveria mais uma reunião e, caso não revolvesse, convocaria nova assembleia. É bom lembrar que essas negociações começaram em agosto de 2021.

Como era esperado, no dia 10, o governo desmarcou a reunião, e disse que seria no dia 16. Ao invés de chamar a assembleia geral, a direção decidiu cumprir a decisão da CNTE, de realizar uma mobilização nacional da Educação no dia 16, e assembleias em todas as regionais. E que faria uma convocação pelas redes sociais. Na forma de um desabafo, a presidente do Sintero disse que *“Não vamos admitir ser tratados de qualquer forma, pois, estamos falando em nome de uma entidade classista e representativa, construída por meios democráticos. Sendo assim, iremos aguardar um posicionamento oficial sobre a pauta de valorização dos*

trabalhadores/as em educação”. Portanto, deixou claro que não faria nenhuma ação dos trabalhadores contra a conduta do governador.

Como se vê, a burocracia, depois de ficar dois anos no mundo virtual, agora, convoca assembleias por região. Recusa-se a organizar a luta unitária, que tem como ponto importante a assembleia geral, que deve discutir e aprovar o caminho para pôr fim ao lengalenga das negociações infundáveis. Sabemos que o governo só vai responder às reivindicações se houver luta direta nas ruas, se houver greve. Para isso, é preciso um trabalho junto às escolas de convocação da assembleia geral. Uma assembleia com a mais ampla democracia, para que os trabalhadores da Educação possam defender suas posições. É preciso pôr fim às assembleias controladas pela burocracia do sindicato, que se resumem a informes de supostas negociações com o governo.

A Corrente Proletária interveio na assembleia com a banca de materiais, manifesto nacional do Dia da Mulher e o Boletim em defesa das reivindicações e dos métodos para conquistá-las. ■

Intervenção do POR nas manifestações do Dia Internacional da Mulher

São Paulo

Despolitização, eleitoralismo e dispersão

O 8 de março reproduziu os mesmos problemas dos atos passados, de não ser um dia de luta das mulheres oprimidas. Ao contrário, milhares de mulheres compareceram à Av. Paulista, mas sob as bandeiras eleitoreiras de “Fora Bolsonaro” e “Lula presidente”. A manifestação se iniciou com a apresentação do pronunciamento gravado por Dilma Rousseff, que dizia que era preciso reconstruir o país e resgatar a democracia. Passou boa parte do tempo enumerados os feitos dos governos petistas, Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida, Prouni, Pronatec. Destacou as conquistas obtidas pelas mulheres, mas que hoje tiveram uma regressão. E conclui com o chamado ao apoio à eleição de Lula. Após o vídeo, seguiram várias intervenções, que se centraram em dois pontos: denúncias de violência, em particular às mulheres pretas; e na exigência de cassação do deputado Arthur do Val, pela violência desfechada às ucranianas.

Como predominou a festividade, o barulho dos bumbos impedia que as intervenções fossem acompanhadas pelos presentes, que ficaram dispersos e alheios às colocações políticas dos partidos e movimentos.

O comando da manifestação esteve a cargo dos movimentos feministas do PT e PCdoB, que se revezavam no microfone, e tinham o poder de veto às correntes tidas como as que não “contribuíram para a organização”. Portanto, uma manifestação oposta à democracia operária, que preza pelo direito de intervir a todas as correntes que atuam na luta dos explorados.

O POR interveio com os Manifestos do Dia Internacional da Mulher e do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional contra a guerra na Ucrânia. Divulgou suas publicações e o Jornal Massas. Levantou as bandeiras da campanha internacional do CERQUI: *Abaixo as medidas econômicas e financeiras de Biden contra a Rússia e a economia mundial! Pelo desmantelamento da OTAN! Pelo fim das bases militares dos Estados Unidos na Europa e no mundo! Retirada das Forças Armadas russas da Ucrânia! Pela*

autodeterminação e unidade territorial da Ucrânia! Durante a marcha, reuniu a militância e contatos, que portavam as bandeiras, pirulitos e gritavam palavras de ordem contra o imperialismo norte-americano e em defesa da autodeterminação da Ucrânia.

Pronunciamento do POR no carro de som

Companheiros e companheiras,

Nós, do Partido Operário Revolucionário, reivindicamos uma fala neste dia especial, Dia Internacional da Mulher. Um 8 de março marcado pela guerra na Ucrânia. Um 8 de março que não pode ser de festividades, não pode ser de bumbos e não pode ser de samba, mas tem de ser um 8 de março de luta, para desmascarar a campanha imperialista contra a guerra na Ucrânia.

Não podemos ocultar o principal responsável pela guerra na Ucrânia. Esse principal responsável é o imperialismo norte-americano e seu braço armado, a OTAN, que há anos vem utilizando as ex-repúblicas soviéticas para ampliar o cerco à Rússia. Mas, não podemos apoiar a política da burocracia restauracionista na Rússia, que usa os meios e métodos do imperialismo para invadir a Ucrânia. Uma burocracia que, para manter seu domínio regional, amplia a opressão nacional sobre a Ucrânia.

Nós trabalhadores, nós da classe operária, temos de sair em luta, levantando as bandeiras: Desmantelamento da OTAN e de suas bases militares! Fim das sanções econômicas à Rússia! Pela retirada das tropas da Ucrânia por parte da Rússia! Em defesa da autodeterminação da nação oprimida!

É um dever das direções sindicais e dos movimentos convocar um Dia Nacional de Lutas, com paralisações e bloqueios, em defesa do emprego, dos salários, dos direitos, contra a guerra imperialista. E de dizer a todos os trabalhadores: Fora a OTAN da Europa, fora as bases militares, inclusive a do Brasil. Por uma Ucrânia livre e socialista! ■

8 de março - Pernambuco

Predominou o tom festivo e eleitoreiro

A manifestação contou com os movimentos de mulheres e setoriais de partidos e sindicatos. A revolta e as denúncias contra diversas manifestações da opressão sobre as mulheres foram encobertas pelo tom festivo e eleitoreiro.

A organização do ato expressou a compreensão de que a opressão sobre mulheres, negros, homossexuais e transexuais são paralelas à de classe. Tanto que tentaram dividir previamente o espaço das ruas, começando pelas mulheres negras, depois trans e negras antiproibicionistas, e assim por diante. A ala “classista” é confundida com a dos sindicatos e centrais sindicais. Para garantir essa hierarquização, o ato ficou imobilizado por muito tempo, antes de sair. Foi mantida a forma dos atos anteriores, de fazer paradas com performances e intervenções culturais e simbólicas, que nem mesmo conseguem ser vistas pelos manifestantes. As inscrições de falas foram feitas antes do ato, por meio de um formulário virtual; mesmo assim, nem todas inscritas falaram. Ao mesmo tempo, durante o percurso, não foram garantidas falas. O carro de som foi praticamente inutilizado no trajeto, sendo usado para tentar enquadrar o ato massivo nas regras das organizadoras.

As falas e bandeiras estiveram subordinadas à estratégia burguesa do “Fora Bolsonaro”, o que para a maioria se traduz na eleição de Lula. As medidas do governo nacional-reformista foram lembradas e exaltadas. Falou-se da criação de secretarias, ministérios, conselhos, cotas e legislações punitivas à violência contra mulheres.

Barreiros

Ato à margem das necessidades das massas oprimidas

No município de Barreiros, mata sul de Pernambuco, o ato foi convocado pelo Sintepe, Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Pernambuco. O chamado foi “Pela vida de todas as mulheres: abaixo o bolsonarismo. Pelo fim da fome, do racismo, feminicídio e transfeminicídio”. Contou apenas com a participação de membros da direção regional (PT) e alguns professores. A direção trouxe um balanço da violência da mulher na região, e propagandeou a Lei Maria da Penha, em resposta ao alto índice de violência doméstica na região. Apesar da maioria da categoria ser composta por mulheres, o Sintepe não fez uma ampla convocação do ato. Não houve chamado de assembleias, para organizar a manifestação que expressasse a defesa das condições de vida e de trabalho das mulheres.

O POR atuou com a distribuição do manifesto, fala e venda-gem do jornal Massas. Apontamos que a guerra na Ucrânia só aumentará a opressão sobre as mulheres. As sanções de guerra

A greve dos professores municipais pelo pagamento do piso salarial foi lembrada em algumas falas, sobretudo pela composição majoritariamente feminina da categoria. Também estava presente em maior número a base do sindicato dos enfermeiros, em campanha pela aprovação do PL 2564/20, que criará o piso salarial nacional da enfermagem.

Esteve ausente a explicação de que a origem da opressão da mulher se deu com o surgimento da propriedade privada. Essa raiz só será eliminada pela via revolucionária.

O POR Pernambuco destoou do tom geral do ato, ao difundir a campanha do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional pelo fim da Guerra da Ucrânia. O manifesto, os cartazes, e as conversas na banca de materiais expressaram a denúncia do cerco militar e econômico dos EUA, por meio da OTAN contra a Rússia, condenando também as sanções que recairão sobre os explorados. Ao mesmo tempo, defendeu a soberania e integridade territorial da Ucrânia. A resposta à guerra só pode se dar pela recuperação do terreno perdido pelo proletariado russo e mundial. Qualquer fortalecimento do Imperialismo servirá à manutenção da dominação burguesa, que se utiliza de meios cada vez mais bárbaros para se conservar no poder. O que se reflete em maior exploração e opressão, que recairá de forma particular sobre as mulheres. Por isso, nosso chamado foi para que as mulheres que de fato querem eliminar as opressões contribuam com a superação da crise de direção revolucionária. ■

ditadas pelo imperialismo norte-americano só aumentarão, ainda mais, o custo de vida e desemprego, o que compromete principalmente as famílias de operários e camponeses pobres. Barreiros é uma cidade que sofre com a miséria da maioria. O assassinato do menino Jonas, de 9 anos, no mês passado, mostra a violência que os explorados enfrentam, na luta pelo direito à terra na região.

Defender a mulher explorada significa defender suas condições de vida, com emprego, salário e direitos – o que na região implica em defender a nacionalização das terras e entrega aos camponeses. Por isso, o dia 8 de Março devia ser um marco para organização da luta de mulheres e homens contra todo tipo de exploração e opressão, seja dos latifundiários, da burguesia nacional ou imperialista. Por isso, defendemos a necessidade das mulheres oprimidas se levantarem contra a guerra na Ucrânia, sob a política independente do proletariado. ■

Paraíba

8 de março em Patos: Atuação das enfermeiras, em campanha por piso salarial nacional, apontou necessidade de erguer a luta unitária por empregos, salários e direitos

O ato do Dia Internacional das Mulheres aconteceu em Patos, convocado pelo Sinfemp (Sindicato dos funcionários públicos municipais de Patos e região) e outros movimentos sociais e de mulheres. O ato foi marcado por um maior número de participantes do que o usual, sobretudo pela presença das trabalhadoras da enfermagem da região, em campanha pelo piso nacional da

categoria (PL 2564/2020). As falas expressaram a defesa do piso salarial e a construção da campanha salarial, programada para 23 de março – indicando a necessidade de construir a greve. Foi um passo positivo, articular o 8M com a luta pelo piso salarial, sobretudo de uma categoria majoritariamente feminina e que amarga baixíssimos salários. A campanha está submetida à linha de pres-

são sobre o parlamento. Apesar disso, a participação mais ativa das enfermeiras deu outro tom ao ato.

Contrastando com isso, a marcha foi interrompida quando passava em frente à catedral da cidade, para que fosse lida a carta do bispo local. Não é a primeira vez que a direção do Sinfemp convida e dá destaque à fala do bispo, que já compareceu em atos do ano passado, o que mostra uma relação forte entre o PT na região e a Igreja Católica. Em seguida, fez-se um minuto de silêncio devido ao julgamento de um homem acusado de assassinar a companheira no distrito de Santa Gertrudes, na mesma região.

Rio Grande do Norte

Denúncias sobre a violência e eleitoralismo dominaram a marcha

O ato se concentrou no Alecrim, bairro comercial popular. A caminhada se deu pelas ruas principais, com destino à Avenida Rio Branco, onde se encerrou, com atividades culturais. Estiveram presentes representantes das centrais, sindicatos, movimentos e correntes de esquerda. Chamaram a atenção da população, os pirulitos (fotos em formato de cartazes de mulheres que foram assassinadas). A quase totalidade das falas se concentrou nas denúncias de violência sobre as mulheres e nas eleições de outubro. O ato reproduziu o caráter festivo, que é dado pelo movimento ao Dia Internacional da Mulher.

Os militantes do POR atuaram com o manifesto, bandeiras e falas no carro de som. Eis algumas colocações do POR:

Companheiros, o Partido Operário Revolucionário não pode deixar de dizer sobre a guerra na Ucrânia. Tem feito uma campanha internacional, em torno às bandeiras: Desmantelamento da

O POR atuou com banca de materiais e distribuição do manifesto “Dia Internacional da Mulher - As mulheres oprimidas devem se levantar contra a guerra na Ucrânia, sob a política do proletariado”. A participação no ato permitiu perceber elementos bem diferentes: a necessidade de articular o 8M com a luta por salários, empregos e direitos; a escancarada ligação da igreja com a política e o Estado; e o quanto o reformismo do PT reforça as crenças na justiça burguesa. O POR reforça a necessidade de lutar contra a opressão sobre a mulher sob a política da classe operária, vinculando com a defesa das condições de vida da maioria oprimida.

OTAN; Fim das sanções econômicas sobre a Rússia; Retirada das tropas russas da Ucrânia e Pela autodeterminação da nação oprimida

O capitalismo é um sistema marcado por guerras, revoluções e contrarrevoluções. É marcado pela fome, miséria e barbárie social. Nesse Dia Internacional da Mulher, estamos obrigados a nos colocar contra a guerra na Ucrânia, não com os meios e métodos pacifistas, mas sim com os da classe operária. Temos de defender o programa da revolução proletária, o socialismo. Temos de dizer que a opressão vivida pelas mulheres é de classe, e que somente poderá ser enfrentada com a luta de classes. E que devemos partir das reivindicações gerais de emprego, salário, Saúde e Educação, que unificam mulheres e homens explorados, combinando com as reivindicações particulares da mulher, como a proteção à maternidade e fim da escravidão da mulher na família. ■

Ceará

Divisão da burocracia e reivindicações corporativistas

Em Fortaleza, o 8 de março foi marcado pela divisão, corporativismo e eleitoralismo. Pelo menos três atos públicos foram realizados: o primeiro, no Paço Municipal, reuniu professores da rede municipal, e foi convocado pelo Sindiute, com a pauta de concurso público; o segundo, na Praça do Ferreira, convocado como ato cultural e passeata, organizado pela Marcha Mundial de Mulheres, MST, Andes, UNE e outras entidades. Teve como tema a bandeira de “Pela vida das mulheres, Bolsonaro nunca mais”. Foi marcado pelo distracionismo cultural e pelo eleitoralismo; o terceiro, na Av. Beira Mar, convocado pelos sindicatos Sindifort e Sindisaúde, entre outros, e pela vereadora Ana Paula/PDT. O ato teve como principal bandeira a defe-

sa do piso salarial dos enfermeiros, defesa do SUS e pela vida.

A divisão dos atos expressou o distanciamento das direções do movimento da política classista, assim como da necessidade de responder de conjunto ao problema da opressão sobre a mulher, com as reivindicações de defesa da vida das massas. O corporativismo defendido pelas direções sindicais foi decisivo para a fragmentação da luta. Por um lado, Sindiute e Sindifort, os dois mais importantes sindicatos de servidores municipais, convocaram, cada um, suas respectivas categorias para atos separados. Ao mesmo tempo, os professores de Maracanaú em greve, e que ocupavam a secretaria de educação, realizaram seu próprio 8 de março, completamente

isolados pelos demais. É forçoso concluir que o 8 de março, por suas bandeiras e reivindicações, não serviu para a organização da luta nacional e unificada por empregos, salários, direitos, assim como para a preparação para um Dia Nacional de Luta, com paralisações e bloqueios.

O POR interveio nos atos, com seu manifesto, bandeiras e jornal massas. Realizou sua campanha contra a guerra na Ucrânia convocando as mulheres a levantarem a bandeira de unidade da luta contra a barbárie e a desintegração mundial capitalista. As manifestações revelaram a necessidade de se constituir uma direção revolucionária, que lute por uma política de independência de classe no seio das massas femininas e dos explorados em geral. ■

São Paulo - Francisco Morato

Manifestação contra a taxa do lixo

No dia 19, ocorreu um protesto, contra a decisão do prefeito de criar mais uma taxa.

O POR esteve à frente da organização da manifestação, com o boletim de convocação e colagem dos cartazes no cento da cidade. No dia, divulgou dois manifestos: contra a guerra na Ucrânia do

Comitê de Enlace (CERQUI), e contra a taxa do lixo. Reproduzimos abaixo algumas passagens desse Manifesto.

Nenhuma taxa e imposto a mais!

No início de 2022, os moradores de Francisco Morato tiveram

o acréscimo de mais uma taxa na conta de água, a taxa do lixo. A prefeitura impôs mais essa taxa, que se soma à taxa de esgoto, também cobrada na conta da Sabesp... Os moradores da cidade não têm como arcar com mais impostos. A grande maioria viveu e vive as consequências terríveis da Pandemia e das enchentes. Boa parte vive do trabalho informal, ou se encontra desempregada ou subempregada. Quando tem emprego, os salários são miseráveis. Está aí por que a população não suporta mais a criação de impostos (...). O controle da coleta de lixo em Francisco Morato é feito por uma empresa privada, que visa aos lucros. Assim, pressiona a prefeitura para a criação e elevação de impostos. Está aí mais uma

de nossas reivindicações. Ou seja, fim da coleta de lixo por empresa privada. Os serviços têm de ser públicos. O controle desses serviços deve estar nas mãos dos trabalhadores, portanto, o serviço é de responsabilidade da prefeitura, mas seu controle cabe aos trabalhadores (moradores) (...) Essa manifestação coloca uma tarefa para nós moradores, que é a organização. Daí a importância da construção de comitês de bairros, comitês independentes dos políticos, para realmente fazer a defesa dos serviços públicos. (...) Abaixo a taxa de lixo! Estatização dos serviços públicos, sob controle dos trabalhadores! Construir os comitês de luta, em defesa dos empregos, salários e fim das taxas impostas pela prefeitura!

Assassinato de Marielle, um crime de classe não resolvido

Em defesa do Tribunal Popular

No dia 14 de março, completaram-se 4 anos do assassinato de Marielle Franco e Anderson Gomes. Os executores estão presos e aguardando julgamento. Ronnie Lessa, o atirador, agora também está sendo acusado de tráfico de armas. Até hoje, não foram encontrados o carro e a arma usados no crime. Provavelmente, para aliviar a pressão, o MPRJ vem dizendo que está reanalizando todo o caso, que possui novas imagens de câmeras de trânsito e novas tecnologias para o exame dos celulares apreendidos. O concreto é que, até agora, não se tem ideia dos mandantes desse bárbaro assassinato, que o POR caracterizou como um crime de classe.

Diferente do que se diz, que a motivação do crime seja a defesa de Marielle dos direitos humanos, ela entrou no caminho de importantes poderes econômicos, seja da burguesia narcotraficante, com seus braços armados, as milícias e a polícia, seja dos grileiros e latifundiários, com interesses na zona oeste e metropolitana do Rio. O fato de o executor ser ex-policia, conhecedor dos métodos de investigação, torna sua solução mais complexa, mas isso é só a ponta do iceberg. Cinco delegados já passaram pelo caso, duas promotoras abandonaram o caso voluntariamente, alegando “risco de

interferência externa”. Em 2019, a procuradora Raquel Dodge solicitou que o caso fosse federalizado, alegando que a polícia carioca não era capaz de resolver, mas, em 2020, o STJ manteve o caso no Rio de Janeiro, o Ministério da Justiça pediu que a PF “investigasse a investigação”, além do obscuro assassinato do miliciano Adriano da Nóbrega, são elementos que mostram que existem forças poderosas por trás desse crime. Também revelam que a justiça burguesa não é capaz de punir os verdadeiros responsáveis pelo crime

Não se deve isolar o assassinato de Marielle e Anderson do rio de sangue que marca a história da luta de classes no país. Lutadores camponeses, indígenas são assassinados cotidianamente pelo Estado burguês ou com sua conivência. O assassinato de um militante que esteja ao lado dos explorados, que denuncia a opressão do capital e suas manifestações podres, como as milícias, é sempre um crime de classe.

O POR responsabiliza a burguesia e seu Estado por esse crime e pelos milhares de assassinatos. Defende que somente a classe operária e demais explorados organizados podem julgar e punir os crimes da burguesia, por meio de um Tribunal Popular. ■

São Paulo

Manifestação contra os despejos

Neste dia 17, os diversos movimentos de luta por moradia, FLM, CMP, MST, MLB, MTST etc., se unificaram em uma manifestação na cidade de São Paulo, para exigir a prorrogação do decreto que impedia os despejos durante a Pandemia. O ato contou com milhares de trabalhadores, a maioria vinda das centenas de ocupações que existem pela cidade e região metropolitana. Foi uma manifestação proletária em sua composição, ainda que dirigida pelos partidos e movimentos reformistas.

O grande mérito desta manifestação foi mostrar que, quando as direções querem, elas podem unificar e colocar milhares nas ruas, com os métodos da classe operária, as ocupações, manifestações massivas, parando a produção e afetando o bolso dos capitalistas, além de colocar os governos contra a parede.

O ponto frágil deste movimento está

na limitação de sua reivindicação. Embora necessária, a prorrogação da medida (ADPF 828), que suspende os despejos, como uma medida emergencial, não evitou que ocorressem despejos, mesmo na Pandemia, como nós sabemos que mesmo na Pandemia os despejos ocorreram. A contradição está em que o Estado burguês não garante nem mesmo as migalhas que promete. O mais importante é que este movimento unificado deveria se colocar pelo fim de qualquer despejo, e por moradia para todas as famílias de trabalhadores. Deveria ser o ponto de partida para uma luta unificada da maioria oprimida por suas necessidades.

O POR atuou na manifestação com manifesto, cartazes, intervenção no carro de som, e as bandeiras da campanha do CERQUI contra a guerra na Ucrânia. Defendeu que a luta por moradia é parte de uma luta muito maior contra toda opres-

são capitalista, a falta de emprego, a fome, a miséria, os salários rebaixados, etc. Assim, apresentou uma proposta concreta: a necessidade de que as centrais, sindicatos e movimentos populares convoquem imediatamente um Dia Nacional de Luta, com paralisações, greves e bloqueios, que defendam as necessidades mais sentidas dos explorados, e se coloque contra a guerra e todos os seus efeitos nas massas empobrecidas.

Neste sentido, o POR se destacou por fazer a única intervenção que se colocou contra a guerra. Contra as medidas econômicas impostas pelos EUA à Rússia e à economia mundial. Já são milhões pelo mundo que perderam seus empregos, por conta da guerra. É por isso que os explorados devem dizer não à guerra, promovida pelos carniceiros do mundo, o imperialismo e seu braço armado, a OTAN. ■

Pronunciamento do POR

Companheiros e companheiras,

Nós, do Partido Operário Revolucionário, viemos dar nosso apoio a essa luta. Esse é um grande ato, de um movimento que está obrigado a ocupar e ganhar as ruas, para defender o direito de moradia. Esse é o método para mostrar ao governo e à burguesia a força dos trabalhadores. É preciso dizer, companheiros, que a luta pela moradia faz parte do combate pelo emprego, salário e direitos. Uma luta que se choca com o capitalismo, responsável pela fome e miséria.

O Partido Operário Revolucionário faz um chamado às centrais sindicais, aos movimentos populares, aos sindicatos, para que convoquem imediatamente um Dia Nacional de Lutas, com

paralisações, bloqueios e greves. As lutas isoladas não têm a força necessária para impor as reivindicações. Daí a importância da unidade e do método próprios dos explorados, que são as greves, ocupações e manifestações.

Para concluir, não podemos deixar de se nos manifestar contra a guerra na Ucrânia. As sanções econômicas dos EUA contra a Rússia já afetam os trabalhadores do mundo todo, e já nos estão afetando aqui também. Por outro lado, é preciso defender que a Rússia retire suas tropas da Ucrânia.

***Fora os EUA da Europa, pelo fim da OTAN
e pela autodeterminação da Ucrânia.***

Viva a luta dos explorados!

Reproduzimos abaixo o Boletim distribuído.

Fim dos despejos! Moradia para todos!

Em defesa dos empregos, salários, direitos e moradia!

Não à guerra! Fim das sanções econômicas contra a Rússia e a economia mundial!

Desmantelamento da OTAN e das bases militares estadunidenses! Retirada das tropas russas do território ucraniano! Pela autodeterminação da Ucrânia!

A falta de moradia afeta milhares de trabalhadores explorados, no Brasil e no mundo. Os oprimidos, que não têm onde morar, convivem diariamente com o medo de perder seu teto. De acordo com estimativa feita pelo IPEA, publicada em março de 2020, o Brasil contava com 221.869 pessoas em situação de rua, e esta situação foi agravada, durante o período da Pandemia, quando diversas pessoas perderam e continuam perdendo seus empregos e, consequentemente, a capacidade de pagar a moradia (aluguel, financiamento, etc.). De acordo com dados da Campanha Despejo Zero, durante a Pandemia, mais de 132.290 famílias estiveram ou estão ameaçadas de despejo, e mais de 27.600 famílias foram despejadas de seus locais de moradia. É neste contexto que ocorrem os atos pelo país que exigem a prorrogação da ADPF (Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental) 828, liminar esta concedida pelo STF, que suspende despejos e desocupação coletiva, em decorrência da Pandemia, com validade estendida até março de 2022.

Apesar da liminar, diversos despejos e desocupações ocorreram e continuam ocorrendo, mesmo durante sua vigência. Ou seja, a burguesia e seu controle sobre os aparatos institucionais, tais como governo, judiciário e polícia, não conseguem, nem se interessam em garantir o cumprimento das regras por eles mesmos aprovadas. A especulação imobiliária e seus lucros estarão sempre em primeiro lugar. O problema da moradia é parte da miséria geral

a que são submetidas a classe operária e demais camadas miseráveis da população. O desemprego, a informalidade, a falta de acesso à saúde e a crescente miséria fazem parte do dia-a-dia da população pobre. É por isso que o POR travou, ao longo de toda a pandemia, uma luta em defesa das condições de vida dos explorados. Enquanto os movimentos e sindicatos faziam lives e debates virtuais, nossa defesa era de levantar um movimento por essas necessidades, porque é por aí que passa nossa revolta. A Pandemia arrefeceu, mas a miséria geral continua, e agora vai piorar com a guerra.

O que a guerra tem a ver conosco?

Uma guerra é sempre destruição daquilo que o ser humano construiu. Existem guerras de libertação, neste caso, deve ser defendida pelos trabalhadores. Mas, neste caso atual, é uma guerra de dominação. A guerra na Ucrânia, motivada pelo avanço da OTAN, liderada pelos EUA, com a instalação de bases militares próximo às fronteiras da Rússia, além de dizimar milhares de vidas dos explorados, causam impacto mundo afora. Na Europa, os explorados já conseguem sentir de forma mais intensa os impactos econômicos causados por esta guerra, e não tardará para que, aqui no Brasil, os trabalhadores e explorados no geral sintam também seu impacto, através da inflação, perda de direitos já conquistados, carestia de vida, etc. As sanções econômicas aplicadas pelos EUA contra a Rússia afetam o mundo todo. Já são milhões de demitidos



no mundo, sob efeito da guerra. Do outro lado, a Rússia, para se defender do avanço da OTAN, exerce opressão nacional à Ucrânia, através de seu exército muito mais poderoso. É por isso que se trata de uma guerra de dominação.

Por estes motivos, o POR defende que as centrais sindicais, sindicatos e movimentos populares convoquem imediatamente um Dia Nacional de Lutas, com greves, paralisações e bloqueios, que se coloque pela defesa das necessidades dos explorados: emprego, salário, direitos e moradia. É com essas bandeiras que será possível colocar a maioria oprimida nas ruas. Os trabalhadores organizados e em luta também devem dizer: Não à Guerra! Abaixo as medidas econômicas contra a Rússia e a economia mundial, afinal essas medidas afetam principalmente os mais pobres. Desmantelamento da OTAN e fim das bases militares dos EUA pelo mundo. Fora as tropas russas da Ucrânia! Pela autodeterminação da Ucrânia! A luta por moradia é parte da luta mais geral pelo fim do capitalismo e construção do socialismo!

“Conferência da Classe Trabalhadora”

Direções das centrais se preparam para fazer dos sindicatos instrumentos da disputa eleitoral

Lutemos por um programa próprio dos explorados, com sua organização independente e seus métodos da luta de classes

As centrais convocaram a Conferência da Classe Trabalhadora (Conclat) para 7 de abril. Assinam a proposta de pauta da Conclat: CUT, Força Sindical, UGT, CTB, CSP-Conlutas, Intersindical entre outras. Essas centrais representam os partidos como o PT, Solidariedade, PCdoB, PDT, PSOL e PSTU. Tudo farão para conduzir a classe operária e os de-

dência da República, aos governos dos estados e ao poder legislativo. A ideia dos burocratas é de que as centrais devam “incidir no processo de debate eleitoral com propostas”. Segundo os organizadores, a Conclat vem sendo realizada desde 1981, e que a de 2010 lançou a “Agenda da Classe Trabalhadora”, que foi destinada aos candidatos que concor-

controlam os sindicatos e os colocam a serviço das disputas eleitorais. É bom lembrar que nada da “Agenda da Classe Trabalhadora” foi concedida pelo governo de Dilma Rousseff, eleito em 2010.

Diante da candidatura à reeleição de Bolsonaro e da possibilidade de Lula vencer o pleito, as centrais divulgaram a “Proposta de pauta da Classe Trabalhadora-2022”, que se intitula “Documento para discussão nas centrais sindicais”. O documento inicia apontando as dificuldades impostas pelos governos Temer e Bolsonaro ao país e aos trabalhadores. Diz que os dois governos “optaram pelo retrocesso”, seja no campo da economia, das medidas contra os trabalhadores (as reformas), e dos impactos de uma política “negacionista”. Conclui essa descrição, apontando que é “necessário olhar para frente, mobilizar a esperança, reunir a força da classe trabalhadora para alcançar um futuro de mudanças e transformar o país”. E anuncia o desafio, que é a participação das eleições de outubro, com propostas (Pauta).

A partir daí, dividem a “Pauta da Classe Trabalhadora” em 3 grupos de “propostas”. 1) Medidas Emergenciais; 2) Medidas Estruturais; 3) Estratégia de Desenvolvimento com redução de desigualdades. Destacamos aqui os pontos principais dessa pauta:

- 1) “Revisar os marcos regressivos da legislação trabalhista e previdenciária”. 2) “Reduzir a jornada de trabalho para 40 horas semanais, sem redução do salário”: 3) “Instituir a política de valorização do salário mínimo”; 4) “Promover políticas de proteção aos empregos”; 5) “Promover trabalho decente” 6) “Rever a legislação que autoriza a terceirização sem limites e sem proteções” 7) Rever as “diferentes formas de privatização do Estado”.

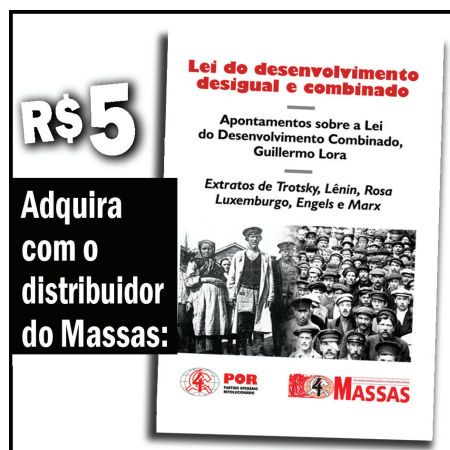
Como se trata de aparatos, a Conclat passa despercebida dos explorados. Na realidade, as centrais armam um circo, como a que reuniu milhares de pessoas no estádio do Pacaembu, em 2010, para anunciar a “Agenda”. Depois de concluído o processo eleitoral, tudo é esquecido. A desgraça está em que essas centrais controlam os sindicatos e os colocam a serviço das disputas eleitorais. É bom lembrar que nada da “Agenda da Classe Trabalhadora” foi concedida pelo governo de Dilma Rousseff, eleito em 2010.

mais explorados para o terreno das eleições, objetivando eleger seus candidatos considerados “comprometidos com a classe trabalhadora”.

A Conclat é uma reunião da cúpula burocrática que controla os sindicatos. A sua convocação tem por objetivo aprovar uma pauta de “reivindicações” a ser entregue aos candidatos à presi-

ram às eleições de 2010.

Como se trata de aparatos, a Conclat passa despercebida dos explorados. Na realidade, as centrais armam um circo, como a que reuniu milhares de pessoas no estádio do Pacaembu, em 2010, para anunciar a “Agenda”. Depois de concluído o processo eleitoral, tudo é esquecido. A desgraça está em que essas centrais



Nota-se que há reivindicações que são do interesse imediato da classe operária, como a redução da jornada de trabalho, a valorização do salário mínimo e proteção aos empregos. No entanto, tem as seguintes limitações: a) a redução da jornada de trabalho para 40 horas não alterará a situação de superexploração da força de trabalho e de alto desemprego e subemprego. É bom lembrar que uma parcela dos assalariados já se encaixa nas 40 horas. A redução da jornada está na razão direta da diminuição da superexploração e da necessidade do aumento de postos de trabalho; b) a valorização do salário mínimo corresponde à política fracassada do governo Lula de dobrar o seu valor. Opõe-se à luta dos explorados por um salário mínimo vital, que corresponda às reais necessidades da família trabalhadora; c) a “proteção dos empregos” é uma mistura de medidas, parte delas voltadas às denominadas políticas públicas, como desconto de taxas, programa de transferência de renda, formação profissional, etc. As reivindicações de seguro desemprego e vale transporte correspondem à luta do movimento sindical. Dilma Rousseff deu um primeiro passo para prejudicar o seguro emprego. A contrarreforma trabalhista de Temer foi às últimas consequências na inviabilização do seguro-desemprego para uma parcela significativa de trabalhadores (terceirizados, trabalho intermitente e informal). É bom ter claro que o seguro-desemprego nunca protegeu a família trabalhadora, uma vez que corresponde ao baixíssimo valor, quando deveria corresponder ao salário mínimo vital, e ao tempo necessário enquanto o trabalhador estiver de-

sempregado; d) rever a “legislação que autoriza a terceirização sem limites e sem proteção”. Essa formulação significa perpetuar o sistema da terceirização, que tem resultado em rebaixamento dos salários, aumento da jornada, perda de direitos e avanço da rotatividade; e) “revisar os marcos regressivos da legislação trabalhista e previdenciária”. Esse objetivo é mais uma das hipocrisias da “Pauta da Classe Trabalhadora”, e uma adaptação da burocracia sindical a um dos maiores ataques às conquistas trabalhistas dos explorados.

Bastam esses pontos da “Pauta da Classe Trabalhadora” para ter claro o tamanho da demagogia política, que serve tão somente às eleições. As reivindicações genuínas da classe operária somente podem ser conquistadas por meio da organização independente, da unidade dos explorados e dos métodos próprios de luta.

Cabe ainda considerar o ponto rever “as diferentes formas de privatização do Estado”. As privatizações e desnacionalizações vêm atingindo profundamente a economia brasileira, e fragilizando o país diante do capital financeiro internacional e das multinacionais, desde o governo de Fernando Henrique Cardoso. Com Lula, não se reverteram as privatizações do governo anterior. As formas de concessões e partilhas também servem à privatização. Ou se luta pela reestatização sem indenização, sob

o controle operário, ou se subordina aos interesses do capital financeiro internacional.

Bastam esses pontos da “Pauta da Classe Trabalhadora” para ter claro o tamanho da demagogia política, que serve tão somente às eleições. As reivindicações genuínas da classe operária somente podem ser conquistadas por meio da organização independente, da unidade dos explorados e dos métodos próprios de luta. Sujeitá-las ao governo e ao Estado é a forma de evitar a luta de classes do proletariado e demais explorados, bem como manter os sindicatos subordinados aos interesses gerais da burguesia.

Eis as reivindicações imediatas que o momento exige: 1) enfrentar as demissões e lutar pelos empregos; 2) reagir à redução dos salários (valor da força de trabalho); 3) revogação das reformas trabalhista e previdenciária; 4) lutar pelo fim da terceirização; 5) defender o salário mínimo vital; 6) rejeitar as privatizações e levantar a bandeira de reestatização, sob o controle operário da produção.

Diante desse conjunto de reivindicações, colocam-se as seguintes tarefas: 1) convocar imediatamente um Dia Nacional de Lutas, com paralisações e bloqueios, em defesa dos empregos, salários e direitos; 2) unir a classe operária e os demais trabalhadores em um movimento nacional; 3) preparar as condições para a greve geral; 4) convocar assembleias democráticas em todos os sindicatos; 5) constituir comitês de empregados e desempregados; 6) denunciar e rechaçar os desvios eleitoreiros, defendendo a organização independente e os métodos próprios de luta do proletariado.

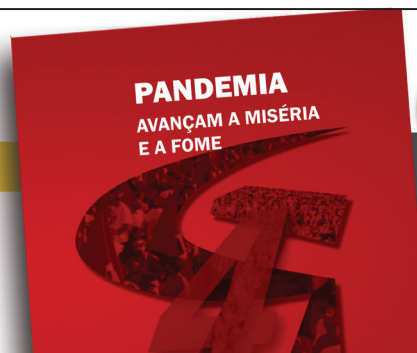
Publicado o livro:

PANDEMIA

AVANÇAM A MISÉRIA E A FOME



A classe operária, desorganizada e estilhaçada mundial e nacionalmente pela crise de direção, se sujeita à política pandêmica, que aterroriza as massas, com a campanha orquestrada internacionalmente pelo imperialismo, e executada nacionalmente pelos Estados. Sem o seu partido e sem uma vanguarda internacional com elevada consciência de classe, e capaz de desenvolver o programa da revolução proletária, os explorados ficam à mercê das respostas burguesas à crise econômica e pandêmica.



R\$ 40

**ADQUIRA
COM NOSSO
DISTRIBUIDOR**

Milite no POR, um partido de quadros, marxista-leninista-trotskista. Discuta nosso programa.

nossa.classe@hotmail.com - www.pormassas.org - fb.com/massas.por - anchor.fm/por-massas / ☎ (11) 95446-2020

Nesta edição:

- CERQUI: *Manifesto* - Pelo fim da guerra na Ucrânia! / *Declaração*
- Estados Unidos empurram Rússia à guerra / Apresentação do Boletim Internacional nº 33 / Seminário do CERQUI realizado no dia 12 de março.
- Só o proletariado pode enfrentar a escalada militar no mundo.
- Impactos da guerra sobre as economias e as massas mundiais.
- Crítica às posições das esquerdas diante da guerra.
- XVI Congresso do POR-Brasil e XV Congresso do POR-Argentina.



Artigos das Seções **Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional**

**Manifesto do CERQUI****Ucrânia****Comitê de Enlace pela Reconstrução
da IV Internacional****II de março de 2022**

Pelo fim da guerra na Ucrânia!

Somente a classe operária organizada e unida em torno ao programa da revolução mundial pode enfrentar o curso da barbárie do capitalismo em decomposição

Os Estados Unidos e potências europeias evitaram que a OTAN interviesse diretamente na guerra da Ucrânia. O motivo esteve e está em que a conflagração se estenderia para a Europa. Os Estados Unidos estão distantes, e, em princípio, poderiam ganhar muito com uma guerra no velho continente. Mas, para a burguesia europeia, seria desastroso ter de se bater contra a Rússia.

O acordo de golpear, financeira e economicamente, os rusos foi obtido à base de muita pressão de Biden, uma vez que os europeus também serão imediatamente afetados. A economia mundial mal se convalesce do período da Pandemia, e se ressentirá amplamente com o pacote de sanções montado pelos Estados Unidos. As últimas decisões do imperialismo norte-americano, de romper os contratos comerciais de compra do petróleo, e da Inglaterra, de diminuir sua dependência do gás da Rússia, potenciam a guerra comercial e desequilibram amplamente os preços das commodities. Putin, em contrapartida, anunciou que poderá nacionalizar as multinacionais, que acatarem a diretriz das sanções e encerrarem seus negócios em território russo.

Os Estados Unidos e aliados contam com o isolamento de Putin, para dificultar a vitória militar na Ucrânia. Na melhor das hipóteses, evitar que a Ucrânia seja completamente tragada pela Rússia. A guerra se tornou inevitável, no momento em que os Estados Unidos e seu braço armado na Europa, a OTAN, se negaram terminantemente a aceitar o pleito da Rússia de uma Ucrânia neutra. O imperialismo tinha pleno conhecimento de que Putin e as Forças Armadas não poderiam retirar-se da fronteira com a Ucrânia de mãos vazias. O governo Zelenski não estava em condições de tomar uma decisão pró-

pria, como não poderia acertar um acordo de paz, sem que fosse orientado pelos Estados Unidos. Na condição de peão dos Estados Unidos e da União Europeia, decidiu expor a Ucrânia à ocupação russa, sabendo perfeitamente que seus amos não iriam enviar tropas para defendê-la.

Biden, nos momentos mais decisivos, alertava o mundo de que Putin não cumpriria a sua palavra, como se sua rede de espionagem fosse eficaz nas informações, quando, na realidade, a Casa Branca e o Pentágono sabiam que a inflexibilidade do governo russo se devia ao não atendimento do pleito de um acordo de uma Ucrânia neutra. Os Estados Unidos, portanto, empurraram o governo Zelenski a não aceitar a condição exigida pela Rússia, e empurraram Putin a decidir, finalmente, pela invasão da Ucrânia.

O resultado de mais de duas semanas de guerra evidenciou que o povo ucraniano tem servido de bucha de canhão para o imperialismo. E que a Ucrânia vem sendo utilizada como instrumento, pela oligarquia burguesa russa, para recuperar o poder regional da Rússia sobre as ex-repúblicas soviéticas, evidentemente acossada pelo cerco militar da OTAN. A guerra já arruinou parte do país; provocou uma onda de refugiados; e alastrou o sofrimento da população submetida ao fogo cruzado. Não se tem ainda o número preciso de civis e militares mortos.

O imperialismo se vale das imagens trágicas para comparecer como o santo que condena o carrasco. Age para impressionar a classe média e cegar a classe operária. Mas, o fato é que os Estados Unidos e aliados fizeram do povo ucraniano bucha de canhão para sua estratégia de apertar o cerco da OTAN e dos Estados Unidos à Rússia. A responsabilidade da Rússia não

está no fato de procurar se defender da ofensiva da OTAN, mas de oprimir a Ucrânia, de pisotear o seu direito à autodeterminação, e de utilizar os meios e os métodos militares próprios do imperialismo.

O fracasso da negociação, do dia 10 de março, na Turquia, indica que Zelenski continua sendo orientado a não aceitar as condições de Putin: neutralidade da Ucrânia e reconhecimento das repúblicas separatistas. Sem dúvida, é uma imposição de guerra a uma nação oprimida. O que independe do fato de seu governo ser xenófobo e pró-União Europeia-OTAN.

Somente o povo ucraniano, constituído pela maioria oprimida, pode decidir o destino de seu governo e de seu país. Está comprovado historicamente pela revolução proletária na Rússia, que a conquista do direito de separação e de autodeterminação somente é possível sob a ditadura do proletariado. Sem esse fundamento, não há autodeterminação da nação. A desorganização do proletariado ucraniano e a dominação oligárquica foram decisivas para que o levante de 2014 depusesse o governo pró-Rússia, e constituísse um governo pró-União Europeia-OTAN. Também foi decisiva a desorganização do proletariado russo no campo da independência de classe, para reagir à anexação da Crimeia e ao incentivo do separatismo em Donbass. E, graças à incapacidade de reação do proletariado com seu programa e política próprios, é que o povo ucraniano e o povo russo não se uniram contra o cerco imperialista da OTAN à Rússia, bem como contra o governo e a oligarquia restauracionistas russos de intervirem sobre as ex-repúblicas soviéticas, sem que fosse por vontade de seu povo.

A Ucrânia não pode libertar-se da opressão nacional da Rússia, submetendo-se aos maiores opressores do mundo, que são os Estados Unidos e as potências europeias. E a Rússia não tem como se defender do cerco imperialista norte-americano do pós-guerra e do fim da URSS, submetendo as ex-repúblicas soviéticas. Essa é uma contradição particular, que se potenciou com a degeneração e a derrocada final da URSS, em 1991. A guerra sangrenta da oligarquia russa contra a independência da Chechênia (1994-1996 e 1999-2009) estabeleceu um novo marco da opressão russa às nacionalidades, que se haviam libertado dos grilhões do império russo, galgado o caminho da revolução de Outubro e, livremente, decidido por constituir a URSS, em 1922, sob a direção do partido bolchevique e de Lênin. Somente sobre essa base histórica, é possível combater o nacionalismo burguês e pequeno-burguês – via de regra xenófobo –, que divide as massas.

A constituição da URSS se deu alicerçada no programa e nos fundamentos do internacionalismo marxista, que se opõem a todo tipo de nacionalismo. O reaparecimento e fortalecimento do nacionalismo no seio das ex-repúblicas soviéticas, o que inclui a Rússia, foi e é expressão do processo de restauração capitalista e de interrupção da transição do capitalismo ao socialismo. Essa profunda regressão histórica explica por que o proletariado russo, ucraniano e mundial se mantém à margem de um dos mais importantes acontecimentos do pós-guerra. A propósito da guerra na Ucrânia, a Alemanha, derrotada nas duas grandes guerras, anunciou seu objetivo de aumentar o orçamento destinado ao seu rearmamento. Essa é a tendência que se vem potenciando há tempos, acompanhando o avanço

da guerra comercial.

A explosão do conflito ucraniano antecipou a possibilidade de um confronto entre os Estados Unidos e a China. Há algum tempo, a política imperialista de “coexistência pacífica”, de “desarmamento”, “de multilateralismo”, de promoção da “democracia” e dos “direitos humanos” tem cedido lugar à escalada militar. A enorme dificuldade da economia mundial de alcançar um crescimento compatível com as necessidades do capital financeiro e dos monopólios industriais forçam os Estados Unidos, cuja hegemonia do pós-guerra se encontra em declínio, a se chocarem com a China e a Rússia, cujas particularidades advêm das revoluções proletárias, e de seu oposto, do processo de restauração capitalista.

A partilha do mundo do pós Segunda Guerra Mundial está esgotada. A liquidação da URSS correspondeu ao principal objetivo dos Estados Unidos e aliados. A burguesia imperialista esperava que a Rússia também desmoronasse e abrisse seu rico território de matérias-primas às multinacionais, bem como se sujeitasse às diretrizes norte-americanas, diante da desintegração do capitalismo mundial.

A partilha do mundo do pós Segunda Guerra Mundial está esgotada. A liquidação da URSS correspondeu ao principal objetivo dos Estados Unidos e aliados. A burguesia imperialista esperava que a Rússia também desmoronasse e abrisse seu rico território de matérias-primas às multinacionais, bem como se sujeitasse às diretrizes norte-americanas, diante da desintegração do capitalismo mundial. Esperava também que a China, não apenas abrisse suas fronteiras para o grande capital, como também passasse o comando do Estado para setores burgueses, vinculados aos interesses das potências. Como a Rússia e a China mantiveram um alto grau de independência, passaram a ser um obstáculo à política dos Estados Unidos. Em especial, o fato de a China se tornar uma potência mundial rivaliza com os Estados Unidos, e colide com a sua hegemonia econômica.

O choque entre as forças produtivas e as fronteiras nacionais, que esteve na base das duas grandes guerras, se recompôs em uma escala superior. A guerra na Ucrânia e o perigo de se europeizar, portanto, internacionalizar, dão a dimensão catastrófica da incompatibilidade entre as forças produtivas e as relações de produção, bem como com as fronteiras nacionais. Está posta a necessidade de o proletariado, objetivamente, recuperar seu lugar como classe revolucionária. O problema se encontra no fato de seus partidos comunistas terem se degenerado pelo estalinismo e de o proletariado não ter podido ainda reconstituir sua vanguarda marxista-leninista-trotskista. O programa da transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social, e a estratégia histórica da ditadura do proletariado, continuam vigentes, diante do capitalismo imperialista, que se caracteriza pelas guerras, revoluções e contrarrevoluções.

A guerra na Ucrânia evidencia a necessidade da unidade da classe operária mundial, para quebrar a espinha dorsal

dos Estados Unidos na Europa, e combater as tendências reacionárias do nacionalismo russo e as suas ações contrárias à autodeterminação das ex-repúblicas soviéticas. A guerra que se trava na Ucrânia não é uma guerra de libertação, mas de dominação.

O proletariado russo e a sua vanguarda com consciência de classe estão diante da tarefa de reconhecer a hecatombe que significou a destruição da URSS, e a interrupção da transição do capitalismo ao socialismo, transição que se iniciou com a revolução proletária de Outubro de 1917. Seja qual for o resultado favorável à Rússia na guerra da Ucrânia, não tem como deter por muito tempo o avanço dos Estados Unidos e da OTAN. O mais provável é que as ex-repúblicas continuem a gestar o nacionalismo, e a caminhar para os braços das potências europeias. Somente o proletariado, com seus partidos revolucionários e com o internacionalismo marxista, tem como combater o curso da barbárie capitalista, e recuperar o terreno perdido para o imperialismo, com a destruição da URSS.

O poderio militar da Rússia é respeitável, mas se assenta

em uma economia exportadora de commodities e de recursos industriais-financeiros limitados, se comparados com as potências imperialistas, e com a própria China. É nesse marco que se coloca a necessidade de o proletariado dar passos no sentido da superação da crise de direção, construindo os partidos marxista-leninista-trotskistas, e reconstruindo o Partido Mundial da Revolução Socialista.

O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional desenvolve sua campanha, guiando-se pelas bandeiras: Abaixo as medidas econômicas e financeiras de Biden contra a Rússia e a economia mundial! Pelo desmantelamento da OTAN! Pelo fim das bases militares dos Estados Unidos na Europa e no mundo! Retirada das Forças Armadas russas da Ucrânia! Pela autodeterminação e unidade territorial da Ucrânia! Abaixo a burocracia e a oligarquia burguesa russa e ucraniana do poder! Pela ditadura do proletariado e restabelecimento da democracia soviética! Operários e demais trabalhadores, lutemos unidos sob a bandeira dos Estados Unidos Socialistas da Europa e do Mundo.

Declaração 22 de fevereiro de 2022

Por falha nossa, deixamos de publicar no Jornal Massas, a Declaração do CERQUI de 22 de fevereiro. Apesar de termos propagandeado na forma de panfleto e de ter sido publicado no Boletim do Comitê de Enlace que reúne todas as Declarações de 18 de janeiro a 11 de março, consideramos necessário registrá-la neste número do jornal Massas.

Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI)

À classe operária, aos demais trabalhadores e à vanguarda mundial que luta pelo socialismo

Estados Unidos empurram Rússia à guerra

Resposta proletária internacionalista

O conflito na fronteira da Ucrânia dura cerca de três meses. Na segunda semana de dezembro de 2021, a Rússia apresentou suas exigências aos Estados Unidos, para que cessassem o avanço da OTAN e desmontassem o cerco militar já existente.

A escalada desse braço armado do imperialismo norte-americano e europeu se iniciou poucos anos depois de sua criação em 1949, quando reuniu doze membros. Entre 1952 e 1990, se deu o primeiro passo expansionista, incluindo a Grécia, Turquia, Alemanha e Espanha. Nove anos depois, em 1999, foi a vez da Polônia, Hungria e República Checa. A todo vapor, a marcha da OTAN rumo ao cerco da Rússia, entre 2004 e 2009, incorporaria mais oito países - Bulgária, Romênia, Albânia, Eslováquia, Croácia e três ex-repúblicas soviéticas do Báltico, Lituânia, Estônia, Letônia. Na Cúpula da OTAN de Budapeste, em 2008, a delegação americana, liderada por George W. Bush, defendeu o ingresso da Ucrânia e Geórgia. A Alemanha e França se opuseram, com a justificativa de que era prematuro. O choque separatista na Geórgia e o não convencimento majoritário dos ucranianos seriam impeditivos para a OTAN dar um passo nesse sentido. A Rússia, apesar de não integrar a organização militar, teve como se pronunciar. Vladimir Putin fez menção à segurança da Rússia e às possíveis reações contrárias. Como a decisão é por consenso, a ofensiva do governo Bush não prosperou, mas ficou plantada a semente, que germinou na crise ucraniana de 2013-2014, e que veio a florescer em 2021-2022.

A via para caminhar no sentido do ingresso da Ucrânia na União Europeia e, daí, na OTAN, foi a de um levante popular, apoiado pelo imperialismo, contra o governo títere da Rússia e a favor de sua substituição por um governo servil das potências ocidentais. Os Estados Unidos aguardaram o momento propício em que a burocracia restauracionista ucraniana se despedaçasse, diante de uma população descontente com as condições de existência e com o regime apodrecido até a medula, e, principalmente, diante de uma completa desorganização da classe operária e dos demais trabalhadores. O choque interno deu lugar a um movimento separatista e à guerra civil na região de Donbass, envolvendo Donetsk e Luhansk, que se proclamaram repúblicas populares independentes, apoiadas pelo governo de Putin. Completa o quadro de ruptura, a anexação da Crimeia pela Rússia. Os Estados Unidos impuseram sanções econômicas, mas não tiveram como reverter a divisão de parte do território ucraniano.

Os governos eleitos na Ucrânia se valeram da caricatura de democracia escorada pelas potências, para levantar a bandeira de independência, que lhes permitiria efetuar o objetivo de fazer parte da União Europeia e da OTAN. O aventureiro Volodimir Zelenski, presidente da Ucrânia, não mediu as consequências do que seria colocar o país sob o comando dos Estados Unidos e do aparato militar da OTAN, postados às portas da Rússia, já comprimida desde o Leste Europeu e Balcãs. A frustrada ofensiva de Bush, na Cúpula de Budapeste, tomava

forma concreta na crise de 2014 e progredia em 2021.

É nesse marco que Putin e seus generais não viram alternativa a não ser recorrer à pressão militar sobre a Ucrânia, e, em certa medida, a Alemanha e França, que não viram com bons olhos, em 2008, o desprezo dos Estados Unidos ao precário equilíbrio da Europa, que tendia à desestabilização em consequência da crise econômica estrutural do capitalismo mundial, que passou a expor as contradições de fundo, que estiveram na base das duas guerras mundiais. Recrudescer o cerco militar à Rússia resultaria em alterar a engrenagem montada no pós-Segunda Guerra, que movimenta a superestrutura já em estado de avançada deterioração. Apenas de passagem, é preciso considerar a guerra comercial dos Estados Unidos e aliados com a China, que tende a se agravar e aumentar as tensões militares na Ásia.

Os Estados Unidos acumulam uma vasta quantidade de capital parasitário represado, que precisa ser desaguado por meio do saque dos países semicoloniais. Onde existir abundantes recursos naturais, o imperialismo tem a necessidade de controlar, como é o caso da Rússia e da região circunvizinha sobre a qual tem ascendência. A indústria bélica, dominada pelos monopólios norte-americanos, ocupa um lugar chave nas relações econômicas e financeiras parasitárias. A OTAN é um conduto por onde o Estado imperialista flui o capital parasitário, que, segundo o ex-presidente Trump, deveria contar com muito mais recursos dos grandes sócios europeus. Por meio desse braço armado, os Estados Unidos passaram a exercer mais ostensivamente o seu poder econômico no pós-guerra e a desenvolver o combate à URSS e China, as principais colunas erguidas pelas revoluções proletárias.

Para o mal da humanidade, confirmaram-se as previsões de Lênin e Trotsky, de que, se a revolução mundial não avançasse, a transição do capitalismo ao socialismo poderia regredir e retardar muito mais a marcha histórica do desaparecimento da sociedade de classes. Em seus últimos esforços, Lênin travou a luta contra os primeiros sinais da burocratização do regime soviético e pela elevação da classe operária à condição de dirigente do Estado e da economia. Caso contrário, o estrangulamento da ditadura do proletariado interromperia a transição do capitalismo ao socialismo. Trotsky deu continuidade a esse fundamento leninista da revolução proletária como parte da revolução mundial. Diante da sedimentação do processo de burocratização e das evidências inconfundíveis quanto à liquidação do partido bolchevique e da III Internacional, a Oposição de Esquerda Internacional concebeu a estratégia e o programa da revolução política. É nessa luta que Trotsky admitiu a possibilidade de a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) sofrer, finalmente, uma derrocada. No caso de a revolução política não se impor e não se restabelecer a democracia soviética, o retrocesso do movimento revolucionário mundial seria profundo. O capitalismo em decomposição elevaria a barbárie a níveis escabrosos. Nesse marco, ressurgiria, sob as cinzas da URSS, a velha dominação sobre as nacionalidades, que, por séculos, sustentou o Império Russo. Trotsky foi assassinado a mando de Stalin, em meio à Segunda Guerra Mundial, mas teve tempo de fundamentar o programa da revolução política como parte da revolução social mundial.

A vitória final do imperialismo viria a ocorrer em 1991, quando a burocracia governamental, herdeira do estalinismo

em decomposição, não teve mais como manter a centralização autoritária e desmoronou, seguindo os objetivos do imperialismo, guiado pelos Estados Unidos e amparado na OTAN. Em consequência do caráter anárquico da crise política, o governo de Putin reconstituiu a centralização burocrática, assentada na oligarquia empresarial, que se desenvolveu durante os anos de estalinização e, principalmente, depois da “desestalinização” sob o comando de Khrushchov.

É necessário recorrer às raízes das causas históricas, que levaram ao desfiguramento paulatino da URSS e ao seu desmoronamento final. Somente assim, a classe operária, os demais explorados e a vanguarda com consciência de classe podem levantar uma posição revolucionária diante do choque instalado e da possibilidade de uma guerra na Ucrânia, cujas duas principais forças são a do imperialismo norte-americano e a da autocracia russa restauracionista.

Os Estados Unidos não admitem que a Ucrânia seja impedida de concluir sua subordinação à União Europeia e ao imperialismo norte-americano, assegurada pelas armas da OTAN, como tem ocorrido com a Polônia e as demais ex-repúblicas populares originadas na Segunda Guerra. Putin retiraria os soldados da fronteira com a Ucrânia, se Biden aceitasse o pleito mínimo da Rússia. A resposta americana de se realizar um acordo de controle de armas não passou de uma provocação. O problema está em que a Rússia já não pode ceder mais terreno com o desmoronamento da URSS e o avanço dos Estados Unidos na Europa Central e Oriental, promovido pela OTAN. A posição defensiva da Rússia, porém, se faz pelos mesmos meios, métodos e objetivos do imperialismo, que são a opressão econômica, intervenção militar e anexações.

A Ucrânia se livrou do Estado Operário degenerado, para se lançar nos braços do Estado imperialista mais potente, saqueador e sanguinário, que substituiu na Segunda Guerra a velha hegemonia da Inglaterra. Trotsky e a Oposição de Esquerda Internacional, em sua luta contra a opressão da autocracia estalinista, logo no início da guerra, em 1939, defendeu o direito da Ucrânia à independência, quando ainda existiam as bases soviéticas, sobre as quais originalmente conquistou a sua autodeterminação. Essa posição programática se opunha à burocracia oligárquica russa e à nacionalista ucraniana. Ao não se percorrer o caminho da real independência, a Ucrânia se tornou peão das forças desintegradoras do capitalismo, do confronto militar e dos perigos de uma guerra.

O fracasso da intermediação da França, para se chegar a um acordo entre Estados Unidos e Rússia, demonstra que o imperialismo norte-americano se mantém inflexível em ceder a um acordo de “neutralidade” da Ucrânia, e admitir que a Rússia permaneça no controle das fronteiras e conserve a anexação da Crimeia. O reconhecimento do parlamento russo da independência de Donetsk e Luhansk oficializa um golpe sobre a unidade territorial da Ucrânia. É por essa via que Putin pressiona Volodimir Zelensk, presidente da Ucrânia, a aceitar um acordo que proíba a OTAN de se instalar no país. O reconhecimento das duas repúblicas, que se autoproclamaram “populares”, é a forma legal para avançar as tropas russas no interior da Ucrânia. Esse passo de Putin, com apoio dos partidos no parlamento, inclusive o do Partido Comunista, indica que o governo chegou à conclusão de que o impasse pode obrigá-

lo a avançar uma força de ocupação, com o risco de guerra na Ucrânia.

Os Estados Unidos, no momento em que concentravam suas atenções na guerra comercial com a China e nas operações típicas de cerco militar, não esperavam essa ofensiva da Rússia. A ascensão econômica da China e a recuperação da Rússia, que saiu enfraquecida do desastre do desmoronamento da URSS, nas condições de crescentes impasses da economia mundial e, em particular, interna aos Estados Unidos, têm alterado a relação de forças no âmbito internacional. O imperialismo norte-americano já não pode assegurar, nos termos do pós-guerra e do colapso da URSS, as mesmas posições de dominação mundial. A ousadia de Putin de cercar a Ucrânia e exigir a segurança da Rússia contra a escalada militar da OTAN, bem como de obter apoio estratégico da China, revela profundas mudanças na ordem internacional, montada sob a égide dos Estados Unidos no pós-Segunda Guerra Mundial.

O que está se passando na Ucrânia é uma erupção da contradição entre as forças produtivas altamente desenvolvidas, as relações de produção capitalistas e as fronteiras nacionais. Nesse marco, emergem as contradições do aumento da concentração de riqueza e ampliação da pobreza, miséria e fome das massas. Os capitalistas, em toda a parte, vêm impondo contrarreformas que mutilam a força de trabalho e travam o desenvolvimento econômico dos países semicoloniais. O período de pouco mais de dois anos de enfrentamento à pandemia pôs à luz do dia o quanto a burguesia não tem como proteger os explorados, o quanto os monopólios farmacêuticos se aproveitaram da catástrofe humana para acumular fortunas, e o quanto as potências projetaram a guerra comercial por cima da montanha de mortos.

Agora, a possibilidade de guerra na Ucrânia retrata a dimensão da crise mundial de direção revolucionária, que se iniciou com a destruição das bases soviéticas da Revolução Russa pelo estalinismo, a liquidação da III Internacional, a degeneração dos partidos comunistas estalinizados em todo o mundo e a implantação generalizada da política de conciliação nos sindicatos. O confronto entre os Estados Unidos e a Rússia, por enquanto, emerge sem uma reação do movimento operário internacional. A passividade das massas na Rússia, Ucrânia, Polônia, Alemanha, França e, em praticamente, toda a Europa expressa a necessidade de superar a crise de direção. Somente o proletariado, organizado e empenhado em derrotar as ações contrarrevolucionárias da burguesia, tem como responder às

tendências destrutivas da crise capitalista.

O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) vem fazendo uma campanha contra a guerra imperialista com suas Declarações, empunhando o programa internacionalista do proletariado. A união dos operários e demais explorados russos, ucranianos, norte-americanos, poloneses, franceses, alemães e dos demais países envolvidos é o ponto de partida para a união revolucionária mundial das massas, para derrotar o imperialismo e arrancar do poder a burocracia oligárquica russa, reconstituindo o poder proletário soviético. A defesa da autodeterminação da Ucrânia e de sua reconstituição soviética é parte do combate à guerra de dominação capitalista e imperialista. Essa luta é muito importante para a vanguarda com consciência de classe recuperar a tradição científica do marxismo e trabalhar no terreno sólido aplainado pelo Programa de Transição da IV Internacional, que deve ser aplicado de acordo com as novas condições do capitalismo em decomposição e da vitória final do imperialismo sobre a URSS.

As bases materiais e sociais da transição do capitalismo ao socialismo continuam vigentes. Trata-se de construir os partidos marxista-leninista-trotskistas, como parte da reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional, para o proletariado encarnar a tarefa de reiniciar o processo de transição do capitalismo ao socialismo, iniciado com a revolução de Outubro de 1917 e com a edificação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

O Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional chama os explorados do mundo todo a reagirem ao confronto militar na Ucrânia, com seu programa e política próprios.

Pelo fim da OTAN. Imediata retirada das bases militares da Polônia, Romênia e outros países. Expulsão dos Estados Unidos da Europa. Pelo fim do desmembramento e anexação territorial da Ucrânia! Pela reintegração de russos e ucranianos em Donetsk e Luhansk! Pela união da classe operária contra a guerra, pelo fim do capitalismo e pela retomada da transição do capitalismo ao socialismo! Pela derrota do nacionalismo pró-imperialista e restauracionista! Pelo internacionalismo proletário! Não à guerra! Sim, à revolução socialista!

O Comitê de Enlace reuniu suas publicações de 18 janeiro a 11 de março, no Boletim nº 33. Reproduzimos abaixo a sua apresentação

Apresentação

Este Boletim contém Declarações do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI) sobre a guerra na Ucrânia. Estão publicadas na ordem cronológica. O leitor poderá acompanhar as suas formulações, que correspondem à evolução da crise, que se iniciou em novembro de 2021, com o deslocamento de tropas russas para a fronteira da Ucrânia, e que resultou na ocupação militar do país, em 24 de fevereiro.

O confronto, envolvendo a Rússia, os Estados Unidos e sua aliança europeia, é considerado por todas as tendências políticas

como o mais grave, depois da Segunda Guerra Mundial, do fim da guerra da Coreia, e do desabamento da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Nesse sentido, trouxe à tona a dissensão entre a URSS e os Estados Unidos, em 1962, no episódio da tentativa de instalação de mísseis em Cuba, pelo governo de Nikita Khrushchov. O perigo do embate na Ucrânia se estender à Europa deu a dimensão da gravidade do cerco militar montado pela OTAN à Rússia, e da resposta de Putin com a ocupação a Ucrânia.

No capitalismo, em particular, em sua fase última, que é a do imperialismo, proliferam as guerras. A Europa sofreu violentos abalos com a Primeira e Segunda guerras mundiais, que destruíram maciçamente forças produtivas e arrebataram milhões de vidas humanas. É obrigatório não se esquecer de que os Estados Unidos, no final da Segunda Guerra, quando a Alemanha e o Japão já estavam derrotados, fizeram um teste-laboratório, descarregando, sobre Hiroshima e Nagasaki, as primeiras bombas nucleares. A Rússia se tornou, em seguida, uma potência atômica. Sobre a guerra da Ucrânia, pairou a sombra dos perigos de um choque direto com os Estados Unidos.

Estava claro que a burguesia europeia colocou um limite para a ofensiva norte-americana contra a Rússia, que é o de não enviar tropas da OTAN para o solo ucraniano, nem estabelecer uma zona aérea de exclusão, como pediu Zelenski.

Mesmo assim, ronda na Europa a memória das catastróficas guerras mundiais.

As medidas de retaliação econômico-financeira são uma arma típica da guerra comercial, da qual se vale a ditadura do capital, exercida mundialmente pelos Estados Unidos. Esse capítulo da guerra na Ucrânia mostrou que o imperialismo não se importa

em golpear a economia mundial, e esmagar ainda mais as condições de existência das massas.

As Declarações do CERQUI convocam a classe operária e a sua vanguarda com consciência de classe a se unirem em torno ao conjunto das bandeiras voltadas contra o cerco militar e econômico à Rússia, sem apoiar a política de Putin e da oligarquia russa, de invadir militarmente a Ucrânia e anexar parte de seu território. Assinaram a necessidade de o proletariado assumir uma posição de independência de classe, colocando-se diante da escalada militar dos Estados Unidos e de seu braço armado, a OTAN, sob o objetivo e a tarefa de a Ucrânia conquistar sua real independência, por meio de uma revolução que estabeleça a ditadura do proletariado e a democracia soviética. Na Rússia, o proletariado tem de recorrer à rica experiência da revolução e se unir sob o objetivo de acabar com o governo e a oligarquia burguesa restauracionistas.

Os operários, os demais trabalhadores e a vanguarda proletária podem estudar criticamente as posições do CERQUI, desenvolvidas passo a passo, de acordo com os acontecimentos. Fortaleçam a luta pelo internacionalismo marxista-leninista-trotskista e pela reconstrução do Partido da Revolução Socialista.



Seminário do Comitê de Enlace realizado no dia 12 de março

Publicamos, em seguida, a transcrição da exposição de Atilio de Castro, membro da direção do CERQUI e POR-Brasil

Introdução de uma camarada da Bolívia.

Com a palavra Atilio de Castro, da seção brasileira do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

Atilio

Esta é uma atividade necessária e urgente, devido à profundidade da crise mundial, que se expressa na guerra na Ucrânia. Entendo que o ponto de partida, para se compreender por que a Rússia chegou a uma situação de confrontação com os EUA, temos de recorrer às leis da história. Este é o ponto de partida.

A revolução proletária na Rússia constituiu a URSS, e esta federação socialista, soviética, reuniu 15 nacionalidades distintas. Foi uma conquista extraordinária do proletariado mundial. O que caracterizou a revolução foi que abriu a transição do capitalismo ao socialismo. Pela primeira vez, a vitória do proletariado possibilitou que a transição do capitalismo ao socialismo pudesse abrir a era da revolução social, e ganhar concretude histórica.

O desenvolvimento da transição dependia da revolução mundial. Este era o fundamento do bolchevismo. O proletariado mundial tinha a tarefa de se erguer como classe revolucionária, somente assim, poderia defender a URSS; de encarnar o programa de transformação da propriedade privada dos meios de produção em propriedade social em seu próprio país. Ou seja, lutar

pela instalação da ditadura do proletariado. E, neste momento, a Alemanha aparecia como o país capitalista mais desenvolvido, e mais amadurecido para dar continuidade à revolução mundial. Esta tese, por sua vez, teria sua contraposição, ou seja, se a revolução mundial não se desenvolvesse, haveria a possibilidade de a URSS não sobreviver. Essa previsão se confirmará no processo de restauração capitalista, que teve como instrumento a burocratização do Estado, a desfiguração da ditadura do proletariado e a liquidação da democracia operária soviética. O que permitiu que as forças restauracionistas burguesas fossem ganhando terreno, ganhando força. Chegou-se prematuramente ao ponto de provocar uma cisão no Estado operário e no partido bolchevique. Cisão entre a fração estalinista governante e a fração opositora leninista-trotskista – a Oposição de Esquerda, com Trotsky em sua direção. Desse ponto de partida, Trotsky mais tarde concluirá que, se não houvesse uma revolução política, a URSS não poderia sobreviver. Isso acabou confirmando-se com o seu desmoronamento, em 1991.

Aí está a raiz da crise atual, da guerra entre Rússia e Ucrânia, e do enfrentamento com os EUA e sua aliança imperialista. A desintegração da URSS deu lugar a que a opressão nacional sobre as ex-repúblicas soviéticas se expressassem mais claramente. A guerra da Chechênia foi um indicador de que a Rússia teria de exercer a opressão nacional a todo custo. A re-

volução proletária havia justamente liberado as nações do jugo do Grão-Império, o que possibilitou que viessem a constituir a URSS. Por isso, surgirá um grande problema com a extinção da URSS: o imperialismo vai fortalecer a ofensiva da OTAN. A OTAN, como um braço armado dos EUA, fatalmente, iria recrudescer o cerco à URSS, um cerco que começou pelas ex-repúblicas populares do Leste Europeu, principalmente a Polônia, como uma base para a expansão militarista dos EUA e da OTAN. A Rússia se viu diante de um grande problema, pois, a ofensiva da OTAN constituía um grande perigo à sua segurança nacional.

Houve tentativas de coexistência pacífica da Rússia com os EUA, para evitar o cerco da OTAN, mas todas fracassaram. Fracassaram, porque o problema não se encerrava com o fim da URSS. Era necessário que o imperialismo rompesse as fronteiras nacionais da própria Rússia. E o capital financeiro, o capital multinacional, exercesse diretamente uma influência interna em suas forças produtivas e em seu próprio Estado.

Houve tentativas de coexistência pacífica da Rússia com os EUA, para evitar o cerco da OTAN, mas todas fracassaram. Fracassaram, porque o problema não se encerrava com o fim da URSS. Era necessário que o imperialismo rompesse as fronteiras nacionais da própria Rússia. E o capital financeiro, o capital multinacional, exercesse diretamente uma influência interna em suas forças produtivas e em seu próprio Estado. O fato de a Rússia ter conservado uma independência relativamente grande diante dos EUA e das potências europeias tornou-se um obstáculo aos interesses do imperialismo, nas condições de agravamento da crise mundial. Independência essa que também se encontra na China. A restauração capitalista, que continuaria depois da destruição da URSS, já não poderia ficar a cargo somente da burocracia governamental e da oligarquia burguesa que se fortaleceu no último período. O imperialismo necessitava que, à frente da restauração, estivesse o capital-financeiro. Essa condição provocou um grande conflito da Rússia com o Ocidente imperialista, potenciando-se depois do fim da URSS. Isso explica por que a OTAN foi ganhando terreno a partir do Leste Europeu, e se aproximando das ex-repúblicas soviéticas, que foram atraídas pelas forças econômicas do imperialismo.

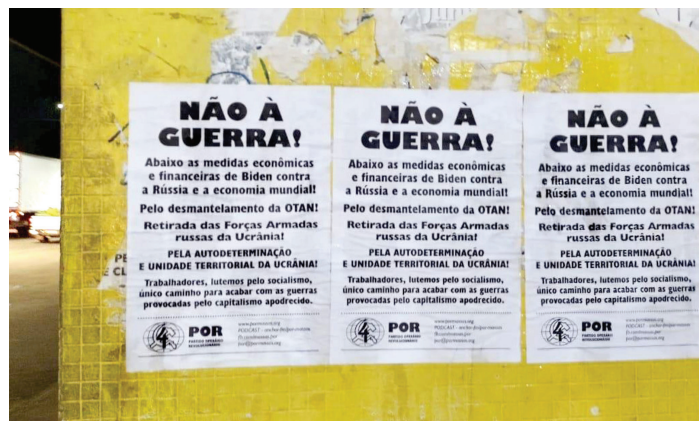
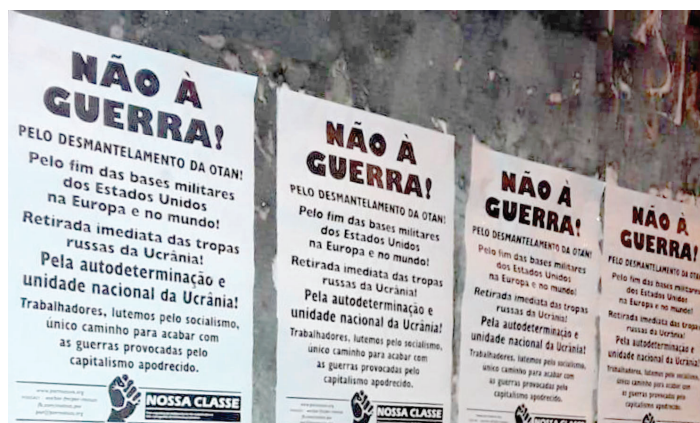
Aí está a essência do conflito, e também a contradição fundamental que o proletariado tem de entender, para ter uma resposta própria, de classe, correta e precisa. Em que consiste a contradição? Consiste no fato de que os EUA e sua aliança imperialista ofereceram um perigo à segurança da Rússia, não só às suas fronteiras nacionais, como também às fronteiras nacionais das ex-repúblicas socialistas. Esse ponto coloca o outro termo da contradição, que é a necessidade do Estado russo, da oligarquia restauracionista e do governo oprimirem as nacionalidades. Eis, portanto, o outro polo da contradição. Por isso, tem-se, de um lado, a ofensiva norte-americana, que obrigou a Rússia a se autodefender, mas essa autodefesa não se faz pelos métodos da classe operária, não se faz pelos métodos da luta

de classes, mas sim pelos métodos da guerra de dominação e da opressão nacional, que são burgueses. E que têm traços e características de dominação imperialista, ainda que a Rússia não seja um país imperialista.

Essa contradição obrigou o Comitê de Enlace a tomar o seguinte ponto de partida na formulação da política revolucionária: não condenar a Rússia em primeiro termo, mas o imperialismo, e, em particular, os Estados Unidos. Aí está o ponto estratégico da política do proletariado. Tendo claro esse ponto de partida, se coloca o problema da autodeterminação da Ucrânia. Qual é o princípio de classe que está em jogo neste caso? Está em que a Rússia se autodefende com os métodos da própria opressão imperialista, com as formas da opressão nacional, que tem em suas raízes a opressão de classe. Não há como enfrentar a OTAN esmagando outra nação mais fraca, que não tem poder de defesa, e que está à mercê da ajuda militar das potências. E, sobretudo, de uma nação que está com seu proletariado completamente desorganizado. Por isso é que o CERQUI determinou que a bandeira fundamental, a bandeira que encabeça, que está à frente de sua resposta, é a bandeira de desmantelamento da OTAN e de todas as bases militares dos EUA na Europa e no mundo. Essa é a bandeira central do Comitê de Enlace. Porém, não se pode ser consequente na luta contra a prepotência imperialista, se não se combaterem as formas de opressão nacional, exercida pela Rússia na Ucrânia. Se não for assim, não se tem uma política proletária, mas sim uma política burguesa. Então, o CERQUI levantou a bandeira da autodeterminação da nação oprimida, a bandeira da autodeterminação da Ucrânia, e contra a invasão militar da Rússia.

É claro que a defesa do direito à autodeterminação da nação oprimida é incondicional. Os marxista-leninista-trotskistas têm claro que a autodeterminação é uma tarefa democrática no capitalismo, mas que só pode ser realizada sob a ditadura do proletariado, sob a revolução proletária. Por isso, o CERQUI faz uma relação, uma ligação intrínseca, entre a bandeira de “desmantelamento da OTAN” e “expulsão dos EUA da Europa”, com a bandeira de “autodeterminação da Ucrânia”. Isso também porque, se a Ucrânia acabar subordinada à OTAN e à União Europeia, também não terá sua autodeterminação, não será uma nação livre. Por isso, a luta pela defesa de um governo que expresse as conquistas soviéticas da revolução de Outubro de 1917. Aí está essa formulação.

Estrategicamente, o CERQUI coloca que somente a classe operária, organizada, unida, e independente das forças burguesas em conflito, pode dar uma resposta revolucionária. Porém, a classe operária está dividida, separada, pelo nacionalismo burguês e pequeno burguês. As expressões nacionalistas estão presentes, tanto na Ucrânia, quando na Rússia, Polônia, Romênia, etc. Em todos esses países, houve um enorme recuo das posições internacionalistas, cedendo espaço ao nacionalismo burguês e pequeno-burguês. A vanguarda está diante da tarefa de combater pela unificação da classe operária. Sem uma luta pela unidade proletária, é impossível a materialização das formulações revolucionárias diante da guerra, que vai ter consequências futuras mais profundas do que podemos imaginar. A unidade da classe operária somente é possível de ser alcançada, sob a bandeira de expulsão dos EUA da Europa e do desmantelamento da OTAN. São bandeiras claramente



revolucionárias que, de um lado, fazem uma defesa da Rússia, ao mesmo tempo em que fazem a defesa da Ucrânia contra a opressão russa. Veja que essas bandeiras refletem a contradição que expliquei, como parte das leis da história.

Para concluir, creio que há uma grande confusão entre as correntes de esquerda. Há correntes que defendem a ocupação da Ucrânia, sob a explicação de que se trata de uma luta anti-imperialista. Esse é um falso pressuposto, pois, não se trata de uma luta anti-imperialista oprimindo outra nação. Há uma situação que vale a pena exemplificar. Se a URSS estivesse em pé e fosse ameaçada pelos EUA e uma determinada república passasse para o lado do imperialismo, provavelmente haveria uma possibilidade que, em defesa das conquistas revolucionárias, se poderia passar por cima da autodeterminação. Caso contrário, não tem nenhuma fundamentação no marxismo o pressuposto de que a Rússia estaria em posição de luta anti-imperialista. Outra formulação das correntes é que primeiro se tem de defender a autodeterminação da Ucrânia. Uma das correntes do morenismo, o PSTU, apoia as sanções econômicas de Biden à Rússia e pede que as potências enviem armas à Ucrânia. Nós dizemos que não! Esse não é o ponto de partida do internacionalismo proletário. O ponto de partida são os EUA e sua ofensiva contra a Rússia. Esse é o ponto fundamental, disso decorre o problema da autodeterminação da Ucrânia.

Perguntas de participantes:

Até onde se pode dizer que o capitalismo na Rússia foi restabelecido?

Quais são as bandeiras fundamentais que temos que levantar neste momento?

Atílio

A restauração capitalista passou por muitas fases. Uma fase na época de Stalin, outra depois da morte de Stalin, com Khrushchov e Brejnev, uma fase com os governos que levaram à liquidação da URSS, como a de Gorbachev, Yeltsin e Putin. Como se vê, trata-se de um longo processo de restauração. Isso porque a conquista do proletariado fincou raízes profundas na expropriação da burguesia, na transformação da propriedade privada em propriedade social. E também na edificação do Estado Operário, sob a ditadura do proletariado e da democracia soviética.

Na época de Stalin, Trotsky colocava a questão de que a degeneração das relações entre a propriedade social, o controle

operário das forças produtivas, a democracia dos soviets e a ditadura do proletariado, essas relações, uma vez que passavam a se decompor, impulsionavam a favorecer a restauração capitalista. Ou seja, fortaleciam as tendências restauracionistas, que, embrionariamente, estiveram desde os primeiros dias da construção socialista. As forças restauracionistas, encarnadas pelo campesinato rico, pelos comerciantes, etc. tenderam a se potenciar, com a necessidade de aplicar a Nova Política Econômica (NEP), que incentivavam a produção para o mercado, expressavam uma contradição fundamental. A construção do socialismo e o funcionamento do mercado. Esta contradição deveria ter uma solução. E essa solução dependia, internamente, do desenvolvimento da indústria socialista, e, externamente, da revolução mundial, da revolução em outros países. Portanto o desenvolvimento das forças produtivas socialistas não poderia ser em um só país. Teria de se vincular às forças produtivas socialistas em outros países. Observa-se que essa contradição se resolveu em grande medida a favor da restauração capitalista. Vemos que, depois da queda da URSS, esse conjunto de relações se mostra muito mais comprometido. Isso se verifica na destruição da forma da democracia soviética, na substituição sua substituição por uma caricatura de democracia burguesa, e também se observa que desenvolveu e fortaleceu uma oligarquia, que já existia nos tempos de Stalin, mas embrionariamente. Agora, estamos vendo, com as sanções dos EUA, que estão saindo à tona as relações oligárquicas no Estado, que nós não tínhamos tanto conhecimento quanto passamos a ter neste momento.

O que significa isso? Significa que, em grande medida, a restauração capitalista avançou. Há conquistas do proletariado, como a estatização dos meios de produção, que, sob Putin, não foi entregue inteiramente aos capitalistas, o que é uma exigência do imperialismo. Essa é uma conquista. Mas é uma conquista que está destituída do fundamento da expropriação da burguesia, que é a propriedade social. Na Rússia, a propriedade social, originalmente como conquista do proletariado, já não vigora. Isso quer dizer que a restauração está muito avançada. Não podemos dizer que a restauração está concluída, mas que está muito avançada.

O problema está em que, se a classe operária russa não recuperar o terreno da independência de classe, não constituir uma vanguarda que se baseie no programa da revolução bolchevique, nos fundamentos do programa do marxismo-leninismo-trotskismo, não há como defender absolutamente nada do que resta das conquistas revolucionárias. Se não se

pôr em pé a vanguarda proletária, que se coloque pela defesa das conquistas da III Internacional, dos Primeiros Quatro Congressos da III Internacional, se não se constitui essa vanguarda, a tendência é que a restauração se conclua. O que depende de o proletariado derrubar a burocracia, derrubar a oligarquia e restabelecer a forma soviética. Por isso, a discussão se concluiu ou não concluiu é muito abstrata, se não se responder à tarefa de organizar o proletariado russo em seu campo de classe. Essa é a questão fundamental.

É muito importante um estudo mais profundo sobre até que ponto as relações capitalistas de produção estão instaladas na Rússia. Essa explicação é a base do marxismo, uma vez que a infraestrutura econômica é que decide sobre a natureza e as condições de existência da superestrutura política. Trata-se de fazer um estudo mais completo, mais preciso, para se ter a ideia em que etapa se encontra a restauração capitalista. Isso não nos isenta de fazer a defesa da propriedade estatal e da independência conquistada pela Rússia, uma vez que a independência se coloca diante dos EUA. Independência que é fruto da revolução proletária, e não da oligarquia restauracionista. Não da oligarquia, que compromete essa independência restaurando o capitalismo. No final das contas, os oligarcas vão romper a independência do país. Esse conflito com a Ucrânia está mostrando que a Rússia tem de abrir mão de sua independência.

Essas duas questões devem guiar nossa resposta. Por exemplo, a defesa que fazemos do desmantelamento da OTAN e das bases militares norte-americanas na Europa, é uma defesa da Rússia. Quando nos colocamos contra as sanções econômicas de Biden, pela imediata revogação das medidas de Biden, é uma defesa da Rússia. O que não estamos defendendo é a ação da Rússia em oprimir a Ucrânia. Como o proletariado russo vai se recuperar? A ausência de uma seção do CERQUI na Rússia prejudica sensivelmente nossa compreensão sobre as particularidades da restauração. O fato do CERQUI não ter seção em várias partes do mundo dificulta a compreensão con-



O imperialismo norte-americano já não pode assegurar, nos termos do pós-guerra e do colapso da URSS, as mesmas posições de dominação mundial. A ousadia de Putin de cercar a Ucrânia e exigir a segurança da Rússia contra a escalada militar da OTAN, bem como de obter apoio estratégico da China, revela profundas mudanças na ordem internacional, montada sob a égide dos Estados Unidos no pós-Segunda Guerra Mundial.

creta do desenvolvimento do proletariado em cada país. Não se podem criar fórmulas, às vezes vejo camaradas que tentam criar fórmulas: “para isso temos que responder assim, para aquilo temos de responder assim...”, sem nenhum conhecimento do que se passa com o proletariado da Rússia, da Ucrânia ou da Polônia. Essa é a formulação que devemos fazer.

Atílio no final:

Me permitam a palavra.

A tarefa fundamental para enfrentar o imperialismo é a unidade da classe operária. Sem a unidade da classe operária, não se derrota o imperialismo. E como se vai estabelecer a unidade da classe operária? A classe operária está fragmentada pelo nacionalismo. Uma parte está com a Ucrânia, outra parte está com a Rússia, há uma divisão da classe operária. E essa divisão diz respeito, de um lado, à ação do imperialismo, e, de outro, da opressão nacional exercida pela Rússia. Assim, as forças burguesas fragmentam a classe operária. A bandeira de derrotar o imperialismo, expulsar os EUA da Europa, acabar com o armamentismo da OTAN, e a bandeira de autodeterminação e retirada das tropas russas, são bandeiras que unificam o proletariado. Unificam o proletariado russo, pois ele vê essas bandeiras e diz “os revolucionários estão defendendo o fim da OTAN”, e os operários da Ucrânia vão dizer “estão defendendo nosso direito à autodeterminação

contra a ação opressora da Rússia”. Esse conjunto de bandeiras foi um grande acerto do CERQUI, pois tem uma base concreta nas respostas a essa contradição, que surgiu das condições de a Rússia ter um passado vinculado à URSS, esta herança, em favor da Rússia, está em choque com o imperialismo, com os EUA, que tinham como objetivo, não só colocar abaixo a URSS, mas também controlar a Rússia. Creio que o problema da crise de direção tem a ver com a resposta que unifique o proletariado. Se não se tem uma resposta que unifique o proletariado, não se tem uma resposta marxista. Não é leninista, não é revolucionário. Creio que isso deve ser bem entendido. Por isso a posição do CERQUI é precisa.

Escute o Massas, **podcast do Partido Operário Revolucionário**

ACESSE O NOSSO CANAL:

anchor.fm/por-massas

(Através desse link, é possível acessar outras plataformas, como o Spotify)

Na podcast Massas, você ouve episódios sobre a conjuntura nacional e internacional, e sobre as manifestações da luta de classes, além de ouvir a cobertura das atividades e atos políticos presenciais realizados pelo POR, dentre outros episódios.



**PARTIDO OPERÁRIO
REVOLUCIONÁRIO**

Avança a escalada militar

Só o proletariado pode enfrentar a escalada militar no mundo

Tem ficado claro que o mundo passa por uma escalada armamentista. A guerra, obviamente, é um grande impulsionador desse processo, mas é preciso explicitar que essa escalada já acontecia, mesmo antes do atual conflito na Ucrânia. O capitalismo se debate, de crise em crise. A ampliação do armamento mundial, assim como a própria guerra, são produtos dessas crises.

Estudos, feitos através de diversas instituições de pesquisa, mostram a escalada dos gastos militares dos países de forma gráfica. Logo depois da crise de 2008, por volta de 2010, o mundo conheceu um pico nos gastos militares. Os EUA, por exemplo, chegaram à impressionante cifra de US\$ 865 bilhões. Teve uma queda depois disso, mas voltou a crescer desde 2017, quando gastava US\$ 674 bilhões, chegando a 2020 com um gasto de US\$ 767 bilhões. Isso expressa 3,74% do imenso PIB estadunidense. Representa aproximadamente três vezes os gastos do segundo colocado, a China, com US\$ 245 bilhões.

O caso da corrida armamentista chinesa é importante. Reflete o acelerado processo de restauração capitalista sobre as antigas conquistas do proletariado, em um contexto de crise, onde a China tem assumido um papel de destaque na economia mundial. Este país elevou seus gastos militares de forma espetacular desde 1994, quando gastava US\$ 24 bilhões, para US\$ 244 bilhões, em 2020.

O capital, em seu movimento de autovalorização, precisa constantemente encontrar formas de se realizar. A fase imperialista do capitalismo, sua última etapa, é aquela em que predomina o capital financeiro e os monopólios. Os países imperialistas, aqueles que concentram os monopólios, exportam capital, exploram as semi-colônias etc., lutam constantemente para fazer seu capital, represado nos tempos de crise, penetrar em outros mercados. Aí está a importância do capitalismo de Estado, da China e da Rússia, comparecer como um obstáculo à livre penetração do capital internacional, embora a burocracia estatal restauracionista chinesa, em particular, tenha facilitado, desde os anos de 1980, a instalação das multinacionais. É nestes marcos que se impõe uma guerra comercial no mundo, e, por enquanto, com potencial de transformação em guerras bélicas localizadas. Neste sentido, os gastos militares parecem como capital parasitário. Neste sentido, os gastos militares parecem como capital parasitário que cria valor através das mercadorias bélicas, que cristalizam trabalho humano, mas são usadas para a destruição de forças produtivas.

A fase imperialista do capitalismo é de guerras, revoluções e contrarrevoluções. A Revolução Russa, nesse sentido, abriu a era da revolução social, contra a qual o imperialismo vem agindo com todas as suas possibilidades. A destruição da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) teve por consequência mais profunda a interrupção da transição do capitalismo ao socialismo. A guerra da Ucrânia deita suas raízes nessa regressão histórica. Não restam dúvidas de que também nesse caso o imperialismo se utiliza dos gastos militares para desaguar essa imensa quantidade de valores produzidos.

Na medida em que os Estados Unidos impulsionam a sua indústria militar, umbilicalmente vinculada ao Estado imperialista, provoca um movimento geral de elevação do armamentismo. A Rússia ampliou seus gastos militares e chegou, em 2020, a US\$ 67 bilhões, 4,26% do PIB; no Reino Unido, foi, de US\$ 54 bilhões, em 2017, para US\$ 59 bilhões, em 2020; na Alemanha, de US\$ 40 bilhões, para US\$ 52 bilhões de dólares. Em relação ao PIB do próprio país, o destaque fica para a Arábia Saudita, que gasta 8,5% de seu produto interno bruto, mais que o dobro do que qualquer outro país.

Quando se olha para os gastos per capita, ou seja, por habitante, os EUA seguem sendo o primeiro colocado, com US\$ 2.350,00, por habitante, ao ano. Seguido pela Arábia Saudita, US\$ 1.600,00, e Noruega, que é um país da OTAN, com US\$ 1.300,00 per capita. Este último dobrou seus gastos militares, desde o seu ingresso no braço armado do imperialismo.

Não pode haver dúvidas de que a OTAN, como expressão militar do imperialismo, representa hoje o centro do conflito entre a Rússia e a Ucrânia. Seu crescimento e fortalecimento, depois do fim da URSS, e seu avanço em direção ao Leste europeu, mostram que cumpre hoje um duplo papel econômico: por um lado, o de promover um cerco à Rússia, e avançar em direção à China, objetivando a eliminação do que sobrou nesses países das conquistas revolucionárias do século XX; de outro lado, a proteção do capital financeiro e dos monopólios industriais e comerciais, que se acham premidos pela profunda crise econômica.

Tomemos, agora, o que se passa nos países bálticos, ex-integrantes da URSS, que passaram à OTAN, há aproximadamente 20 anos. A Estônia quase dobrou seus gastos militares em relação ao PIB; a Lituânia triplicou nos últimos 10 anos (0,7% para 2,1%), e a Letônia seguiu o mesmo caminho, passando de 0,9%, em 2012 para 2,3%, em 2020. Os três fazem parte do atual cerco à Rússia, que o imperialismo quer fechar com o ingresso da Ucrânia no bloco militar.

O maior destaque ao armamentismo, porém, foi a decisão do governo alemão de rearmar a mais potente. Olaf Sholz, primeiro ministro, anunciou US\$ 100 bilhões em gastos com a “defesa”. Parte desse gigantesco montante irá para a OTAN, que contará com um aporte acima de 2%. O rearme da Alemanha recrudescerá a corrida armamentista na Europa e no mundo. Encerrou-se o processo de contenção da corrida armamentista montado pelos Estados Unidos, pouco antes (julho de 1991) e logo depois da desintegração da URSS (janeiro de 1993), em que a Rússia diminuía sua capacidade militar e o imperialismo norte-americano continuava a exercer sua hegemonia bélica, baseada nas armas nucleares. Em agosto de 2019, Donald Trump anunciou o rompimento do acordo de não produção de mísseis nucleares de curto e médio alcance. Soou como um alerta à Rússia. Os Estados Unidos se preparavam para a ofensiva de sua guerra comercial contra a China e a Rússia. A OTAN, por sua vez, por meio da Polônia, armava e treinava as Forças Armadas Ucranianas. Estavam estabelecidas as bases econômicas e militares para o conflito de fevereiro de 2022 na fronteira com a Ucrânia e, finalmente, para a guerra de ocupação.

Está claro que a desintegração do capitalismo, dinamizada desde a crise de 2008, potencializou as tendências bélicas, que pareciam refluir, depois do desabamento da URSS. O imperialismo empurra o mundo para a barbárie, e põe à luz do dia a tarefa do proletariado mundial retomar suas conquistas e tradições revolucionárias, e evidencia que é a própria fase imperialista de decomposição que estabelece objetivamente a transição do capitalismo ao socialismo, que foi interrompida pela contrarrevolução, que começou pela obra estalinista de destruição do partido bolchevique, do partido mundial, a III Internacional, e, finalmente, pela derrocada da URSS. A tarefa, portanto, consiste em retomar o caminho da revolução social, construindo os partidos operários revolucionários em todos os países, como seções do Partido Mundial da Revolução Socialista. Só o proletariado organizado, com seu programa e métodos próprios, pode barrar o avanço da barbárie, representado pelo crescimento do militarismo burguês.

Impactos da guerra sobre as economias e as massas mundiais

A guerra comercial travada pelo imperialismo contra Rússia trucidou a economia mundial. A inflação deu um salto à frente, especialmente nas semicolônias. A alta dos preços dos combustíveis, gás, transportes, matérias-primas e alimentos assinalam quais os impactos da guerra e das medidas imperialistas sobre as economias e as massas exploradas em todo o mundo.

Tendências da situação política

A Ucrânia é um grande produtor mundial de alimentos, principalmente de azeite de girassol, trigo e milho. A Rússia, por sua vez, é o primeiro exportador de trigo, gás natural e fertilizante, e o segundo país exportador de petróleo. Rússia e Ucrânia concentram 78% das exportações de fertilizantes, cereais, azeites e produtos alimentícios mundiais os países de economia atrasada.

O aumento dos preços dos fretes – devido ao aumento dos combustíveis e dos seguros – combinado com o alto grau de divisão mundial do trabalho – determinados países se “especializaram” em determinados ramos produtivos – impede de suprir a demanda de importações com preços e volumes equacionados e, assim, manter equilibrados os déficits fiscais e orçamentários dos Estados.

O cenário é mais trágico, quando verificadas as consequências da espiral inflacionária sobre a vida das massas, ampliando a miséria e fome. O aumento progressivo dos preços dos produtos e serviços essenciais impulsiona o rebaixamento direto dos salários, reacendendo as tendências recessivas. A saída dos capitalistas é a de arcar com os custos da guerra e da crise sobre as massas. O que, no quadro de queda dos salários e do aumento do desemprego e da miséria, se traduz em uma profunda desagregação social.

Reflexos na América Latina

O aumento dos preços de petróleo e derivados se reflete em toda a cadeia de produção de produtos alimentícios, matérias-primas agrícolas, produtos industriais, etc. Apenas uns poucos países produtores de hidrocarbonetos, minerais e cereais têm uma margem de manobra para tentar equacionar os estragos da desagregação da economia mundial. A escalada inflacionária, no entanto, contrapõe-se a tais vantagens, agravando as contradições que retroalimentam a crise.

Eis por que a recessão e estagnação são tendências dominantes na América Latina, e serão agravadas pelos impactos da guerra. O setor de exportações de matérias-primas, especialmente de produtos agrícolas, é um dos mais afetados, devido ao aumento dos preços dos combustíveis e a redução da oferta de insumos produtivos (agrotóxicos, fertilizantes, etc.). O mesmo se verifica no que diz respeito ao aumento das taxas de juros mundiais, que impulsionam o endividamento e insolvência das empresas e dos Estados.

A guerra na Ucrânia e os impactos das sanções e bloqueios contra a economia russa, assim como a destruição parcial da produção e exportações agrícolas ucranianas, expõem as brutais contradições com que se arrastam as economias da América Latina, exportadoras de matérias-primas e dependentes das importações de produtos industrializados e capital financeiro.

Nacional-reformismo no olho do furacão

O governo da Venezuela procura evitar condenar a Rússia, sem, contudo, deixar de aproveitar as novas condições para reatar laços diplomáticos e comerciais com a potência imperialista norte-

americana, ainda que limitadamente. O mesmo se verifica com os governos da Argentina e do Brasil, mostrando o quanto as novas condições políticas e econômicas mundiais obrigam a readequar as relações em função da sobrevivência dos governos, que têm de enfrentar o furacão da desagregação mundial.

Fazem parte desse processo as contradições e limites interpostos. Os governos e movimentos nacional-reformistas se veem impossibilitados de responder minimamente às necessidades dos explorados. O que lhes dificulta aproveitar a crise dos partidos oligárquicos e dos governos direitistas. Boric, no Chile, acaba de tomar posse, e se vê obrigado a arrancar a máscara do reformismo pequeno-burguês. Petro, na Colômbia, e Lula, no Brasil, almejam aproveitar a derrocada eleitoral e a maciça rejeição operária e popular aos direitistas para se elevarem ao governo. Se ganharem, terão de adaptar a governabilidade à situação de crise econômica e polarização entre a minoria, que concentra riquezas, e a maioria, que sobrevive entre a pobreza e a miséria.

Impactos no Brasil

O Brasil será um dos países mais afetados pelo aumento das taxas de juros, do dólar e do encarecimento dos créditos e dos preços das importações. Especialmente, pelo aumento dos preços dos combustíveis e do gás. Grande parte da produção de gás natural no país tem por destino o consumo industrial, como combustível das usinas termelétricas. Entretanto, espera-se que a elevação dos reservatórios das usinas hidrelétricas, com o aumento do volume de chuvas, assim como a recuperação da safra da cana-de-açúcar, possa compensar, pelo menos na primeira fase da crise, as tendências inflacionárias, em boa parte alimentadas pelo aumento dos preços mundiais de hidrocarbonetos.

Nosso país importa da Rússia 9 milhões de toneladas, por ano, de insumos para fertilizantes, ou seja, em torno de 25% do total das importações – sendo 85% o total de fertilizantes importados. De forma que a escassez de fertilizantes e seus elevados preços internacionais, dada a redução da oferta, coloca em risco a safra de 2022-2023, o que certamente elevará os preços dos produtos que são repassados aos consumidores. Eis por que a redução relativa dos preços do álcool anidro, nos últimos meses, beneficiou um setor de transporte de passageiros e usuários de carros. Mas, o aumento do Diesel, principal combustível do transporte de cargas e coletivo de passageiros, é decisivo para ampliar a espiral inflacionária que compromete os salários.

O prolongamento do conflito impulsionará uma alta do dólar, o que, combinada com o aumento da taxa de juros, se manifestará em depreciação do valor do real no mercado. O que, por sua vez, significa que aumentarão os custos das importações e se reduzirão os ingressos por exportações. O que crescerá, sem dúvida, será a lucratividade das empresas monopolistas, que produzem internamente com valores em reais, e exportam em dólares. Os mais atingidos serão os explorados, que ganham em reais.

Quadro esse que se agrava com a progressivo aumento das taxas de juros Selic, encarecendo o crédito e reduzindo os prazos de pagamento, bem como endurecendo as condições fiscais e monetárias para novos empréstimos de capital. Se se confirmar essa previsão, o Brasil se verá diante de uma nova crise fiscal e pressão orçamentária. No final das contas, a burguesia e seu governo as descarregarão sobre as massas, via destruição de direitos, redução

de subsídios, e congelamento dos investimentos públicos. Já se fala em uma nova reforma da Previdência.

O Brasil atravessa um longo período de estagnação, baixo crescimento e recessão. De 2016 em diante, o desemprego e o subemprego se elevaram. A média salarial despencou, e houve um rebaixamento geral do valor da força de trabalho. Ao se manter o baixo crescimento – ou se ter uma queda do crescimento –, vão se agravar os sacrifícios impostos às massas.

Eleições 2022

O governo direitista de Bolsonaro faz malabarismo, para tentar equacionar os fortes impactos inflacionários, visando a não comprometer suas apertadas margens de reeleição. O bloqueio parlamentar a sua proposta de reduzir impostos com medidas cosméticas, a exemplo da unificação do ICMS cobrado pelos estados, da desoneração de impostos, como o PIS/Cofins, ou do “auxílio-gasolina”, uma espécie de bolsa de R\$ 300 para quem recebe o Auxílio-Brasil, são ineficazes para mudar o rumo de decomposição econômica do país.

Por outro lado, um aumento da taxa Selic, prevista na casa de 12%, levará o Tesouro Nacional a gastar aproximadamente R\$ 900 bilhões em pagamento de juros da dívida pública. Para garantir os lucros parasitários do capital financeiro, qualquer que seja o governo de plantão, em 2023, deverá continuar o curso das contrarreformas, e reduzir os orçamentos dos serviços públicos. Em um ano eleitoral, a atual situação configura um calvário para o PT, que prometeu tomar medidas de proteção das massas empobrecidas e famintas. Se retomar ao comando do Estado, nas condições de desagregação econômica e social, as massas se enfrentarão com a impotência petista para resolver suas mais urgentes e vitais necessidades, projetando os conflitos e os choques de classes.

Política proletária

Está absolutamente claro que o proletariado se encontra

Crítica às posições das esquerdas diante da guerra

O Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional (CERQUI) vem fazendo uma ampla campanha, através de suas seções na América Latina, contra a guerra na Ucrânia. Em seus manifestos e declarações, vem desenvolvendo os fundamentos, explicações e respostas necessárias ao proletariado com independência de classe. Assim como o conflito é dinâmico, e apresenta a cada dia novos problemas, as respostas políticas também são, e somos obrigados a avaliar cada etapa do conflito e responder de acordo a cada novo problema colocado. Nossa campanha vai além dessas declarações, trata-se de levar aos movimentos, às escolas e universidades, sindicatos, às portas de fábrica, na agitação cotidiana, a política proletária contra a guerra. Isso é muito diferente de apenas emitir uma opinião sobre a guerra, como faz a maior parte das esquerdas. Pelo contrário, o POR defende que se organize e se levante um movimento nacional de luta, em defesa das necessidades imediatas dos explorados, e que esse movimento se coloque contra a guerra, sob as bandeiras de independência política da classe operária e dos demais trabalhadores: Abaixo as medidas econômicas e financeiras dos EUA contra a Rússia e economia mundial; Desmantelamento da OTAN; Retirada das tropas e bases estadunidenses da Europa e do mundo todo; Retirada das tropas russas da Ucrânia; Não à guerra de dominação e sim à guerra de classe.

Um evento da luta de classes dessa magnitude obriga todas as correntes políticas a se posicionarem sobre o conflito. Interessam

desorganizado e paralisado, diante da guerra e dos ataques dos capitalistas contra suas condições de vida. Ocorre que não pode reagir e organizar a luta no campo de sua independência de classe, sem que rompa os diques de contenção das direções sindicais e da política de conciliação de classes. Entretanto, as condições objetivas da crise obrigam os explorados a recorrerem aos métodos da luta de classes, para defenderem seus salários, empregos e direitos. Embora embalados pelos interesses eleitorais de suas direções, é sintomático que o MTST tenha sido obrigado a mobilizar contra os despejos; os servidores se manifestam contra a destruição dos planos de carreira, dos direitos trabalhistas e contra o avanço à precarização do trabalho. Observa-se também essa necessidade objetiva nas tendências de luta presentes na Argentina, Bolívia, Colômbia, Equador, e outros países.

Trata-se, portanto, de criar as condições de unificação nacional e organização dos protestos das massas. A defesa do aumento dos salários em relação à inflação, recuperação dos direitos retirados, redução da jornada, sem reduzir os salários, estabilidade no emprego e fim da terceirização, são o ponto de partida da luta por um programa próprio dos explorados. Uma vez as massas em movimento, se colocarão diante das privatizações e do saque do país, provocado pela gigantesca dívida pública. São dois pilares da luta anti-imperialista, que se combinam com a defesa das condições elementares de existência da maioria oprimida.

Nos próximos meses, no Brasil, as massas serão alvo da disputa eleitoral. A vanguarda com consciência de classe tem a tarefa de propagandear e agitar o programa próprio de reivindicações dos explorados; demonstrar os métodos de luta e a organização independente do proletariado, contrapondo-se à ofensiva eleitoral dos partidos da burguesia. E manter no alto a campanha do Comitê de Enlace contra a guerra na Ucrânia.

nos, em particular, as posições que são apresentadas pelas correntes que se reivindicam do marxismo, que se reivindicam da luta dos trabalhadores. Pretendemos então apresentar algumas destas posições, e suas contradições ou equívocos diante da guerra e dos fundamentos do marxismo-leninismo-trotskismo.

Podemos partir dos polos extremos dessas posições políticas, de um lado, o PCO, que está pela defesa incondicional da Rússia, e do outro, o PSTU (e seus satélites como a TS) que está pela derrota da Rússia na guerra. Em suas explicações deformadoras dos acontecimentos, ambos erram miseravelmente, ao tentar isolar o que está se passando concretamente na Ucrânia de suas raízes históricas, de seu desenvolvimento, da situação da classe operária mundial e dos efeitos da guerra na vida das massas. O PSTU, através de sua organização internacional a LIT, desenvolveu uma posição que centra fogo na derrota da Rússia na Ucrânia. As bandeiras apresentadas de “Fim da OTAN” e “Fora suas tropas e bases americanas”, fluem no ar, já que o apoio concreto é pelo armamento da Ucrânia “por quaisquer meios”, ou seja, inclusive pela OTAN, e diante das medidas econômico-financeiras do imperialismo estadunidense, o PSTU se colocou por apoiar tais medidas, já que elas acelerariam a derrota russa. O PSTU desconhece que a retaliação econômica à Rússia evidencia a ditadura do capital financeiro, exercida mundialmente pelos Estados Unidos e as demais potências mundiais. Ignora que se trata de medidas de guerra comercial, que o imperia-

lismo norte-americano já vinha desenvolvendo contra a influência da Rússia no mercado europeu de gás e petróleo. E, finalmente, o PSTU vira as costas para o fato que o cerco econômico à Rússia recairá sobre as massas exploradas, russas, ucranianas e mundiais, na forma de elevação do custo de vida, e que as economias dos países semicoloniais serão duramente afetadas. Em contrapartida, os monopólios ganharão rios de dinheiro. É uma afronta aos trabalhadores defender medidas que atacam a economia mundial, já devastada pelos dois anos de pandemia.

O POR se colocou, imediatamente, contra essas sanções de Biden contra os explorados de todo o mundo, e passou a estampar em sua campanha a consigna de “Abaixo as medidas econômicas e financeiras de Biden contra a Rússia e a economia mundial”. Uma organização satélite do PSTU, a Transição Socialista, é mais explícita e estampa em seu jornal: “Pela derrota de Putin na Ucrânia”, se colocando inteiramente ao lado da OTAN e seu avanço sobre as fronteiras russas, já que este é o significado concreto dessa possível derrota. A derrota de Putin que, de fato, expresse a defesa da real autodeterminação do país, depende do proletariado ucraniano tomar a frente dos combates, levantando a bandeira do desmantelamento da OTAN, fim das 700 bases militares norte-americanas na Europa e em todo o mundo, pela derrubada do governo burguês de Zelenski, constituição de um governo operário e camponês, que expresse a ditadura do proletariado.

O MES, corrente interna ao PSOL que se reivindica do trotskismo, segue a mesma linha geral do PSTU, pela derrota de Putin. Com diferenças, avaliam que as reais intenções russas são “promover uma guerra imperialista para a anexação de territórios e o reestabelecimento de um regime fantoche da Rússia, como aquele que controlava o país antes de 2014”, e como uma corrente que abdicou do trotskismo, defende a paz em abstrato, e dão uma resposta pacifista, tipicamente pequeno-burguesa, “Os internacionalistas de todo mundo não podem vacilar neste momento! Devemos expressar nossa solidariedade ao povo ucraniano e aos russos que lutam pela paz! [...] fazemos um chamado à construção de um ato internacional virtual “Pela retirada das tropas russas da Ucrânia!” Aqui fica clara a diferença de campanha contra a guerra realizada pelo POR, na medida de suas forças, e das correntes que recorrem ao pacifismo burguês e pequeno-burguês.

Apenas de passagem, vale mencionar a posição da Esquerda Marxista, antiga corrente interna ao PT, que atualmente se encontra no guarda-chuva do PSOL. A princípio está pelo fim da guerra e pelo desmantelamento da OTAN, mas rechaçam o argumento de que o ingresso da Ucrânia na OTAN ofereceria uma ameaça à Rússia: “A ideia de que a Ucrânia, membro da OTAN, seria uma ameaça direta à existência da Rússia, é completamente demagógica e propagandística. Faz parte do arsenal de propaganda de Putin, para buscar uma coesão política interna, e jogar fumaça sobre suas operações e reais intenções.” Como se vê, a Esquerda Marxista repete a propaganda de Biden, que acusa Putin de ser o causador da guerra.

Para a Rússia, trata-se de uma guerra defensiva em relação ao avanço do braço armado do imperialismo, a OTAN, mas também uma guerra ofensiva sobre a Ucrânia e sua independência. É nesses marcos da contradição que se coloca o problema. Isso, aliado à profunda crise de direção que vive o proletariado mundial, fruto da destruição do partido bolchevique, da III internacional e, finalmente, da destruição da URSS, nos permite caracterizar como uma guerra de dominação, não de libertação, onde está ausente uma resposta política própria e independente dos explorados do mundo todo.

Já o PCO, saiu na defesa incondicional da Rússia. Em declaração anterior ao início da invasão russa, o PCO decretou: “[...] fica

claro que, numa eventual guerra, a esquerda deve apoiar incondicionalmente a Rússia. Finalmente, este é o papel daqueles que se colocam como progressistas, defender o país oprimido contra o imperialismo, assim como foi feito na Síria, no Iraque, na Palestina, na Nicarágua, na Coreia, no Vietnã, etc.” Iniciam assim uma falsificação. Ao colocar a Rússia como país oprimido, e por isso, declarar o apoio incondicional à Rússia, vira as costas para as massas ucranianas, e fecha os olhos para os meios e métodos imperialistas (sanções, invasões, anexações, opressão nacional etc.), usados por Putin em sua ofensiva opressão nacional sobre a Ucrânia.

Ao fazer a crítica correta ao imperialismo e seu braço armado, a OTAN, e rechaçar, também corretamente, o avanço sobre as ex-repúblicas soviéticas, principalmente a Rússia, o PCO falsifica o caráter da ofensiva militar de Putin sobre a Ucrânia, como se de fato expressasse a luta anti-imperialista e defesa da nação oprimida. Oculta que não se trata da utilização dos métodos proletários para expulsar o imperialismo e a OTAN, o que exigiria apoiar-se nas massas russas, ucranianas e do mundo todo, para combater com as armas da luta de classes, das quais faz parte a guerra civil, para desmantelar a OTAN e as bases norte-americanas. Não foi e não poderia ser essa a via de Putin, já que dirige uma casta restauracionista e assenta seu governo em uma oligarquia burguesa. A via de Putin está em total acordo com o desenvolvimento do processo que levou à derrocada da URSS, em 1991, e interrompeu a transição do capitalismo ao socialismo. Interrupção contrarrevolucionária necessária para a oligarquia avançar o processo de restauração capitalista, impulsionado desde a época de Stalin.

A falsa explicação de PCO só poderia levar à conclusões igualmente falsas, tal como, “Para a classe operária e para os revolucionários do mundo todo, não resta sombra de dúvida, a derrota do imperialismo mundial enfraquece todas as burguesias e fortalece a classe operária internacional.” e também “[...] é óbvio que a OTAN sairá absolutamente desmoralizada desta guerra. Em grande medida, ela já está!”.

Uma guerra de dominação não pode levar ao avanço da luta e organização do proletariado. Uma guerra que não está criando ou impulsionando os organismos próprios de poder dos trabalhadores, nem a construção dos partidos revolucionários na Rússia e Ucrânia, sobretudo, somente reforça a dominação capitalista. Caso a Rússia saia vitoriosa, não terá como deter a marcha da guerra comercial, a escalada armamentista e o fortalecimento da OTAN, e deixará atrás de si os bárbaros efeitos da guerra de dominação. Caso saia derrotada, o resultado, em essência, será o mesmo. Não há hipótese de uma solução progressiva para a guerra, sem que seja por meio da luta unitária do proletariado ucraniano e russo.

Outras correntes, para tentar fugir desses polos explícitos de defesa do imperialismo ou da oligarquia russa, caem no erro de igualar os lados do conflito. Citamos rapidamente o caso da UP/PCR, uma corrente estalinista, que está com a caracterização completamente distorcida, de que a Rússia é um país imperialista, e, sendo assim, trata-se de uma “guerra interimperialista”, o que não é do interesse dos trabalhadores. Nota-se aqui o abandono completo dos fundamentos do leninismo em relação ao imperialismo como fase última do capitalismo, e das características próprias que tornam um país imperialista ou não.

A posição do Partido Comunista Brasileiro (PCB) é clara em explicar que os Estados Unidos e sua aliança europeia são os responsáveis pela guerra na Ucrânia. Eis: “Os Estados Unidos e a União Europeia querem a Ucrânia na OTAN para disputar com a Rússia o controle dos recursos naturais e dos mercados euroasiáticos, e disfarçam essas intenções alegando defender a ‘democracia’” O problema está em como o PCB responde à ocupação russa da Ucrânia. Diz: “A Rússia

de hoje não é a antiga União Soviética, cujo fim pôs por terra as muitas e profundas conquistas dos trabalhadores soviéticos. A Rússia é, hoje, um país capitalista, cujo governo atual tem pretensões expansionistas e exerce forte repressão aos movimentos dos trabalhadores.” Quanto à Ucrânia, explica que, “após a extinção da URSS, se desindustrializou e vive um quadro de crescente pobreza”. E que “sua economia se baseia em grandes grupos privados oligopolistas, e seu governo atual tem viés neofascista, que incentiva um sentimento nacionalista anti-Rússia.” Eis a conclusão: “A única solução para esse conflito, cuja escalada está longe de terminar, passa pela luta independente da classe trabalhadora mundial contra o imperialismo dos EUA, da OTAN e do sistema capitalista”. Quanto à Ucrânia, aponta “para a necessidade da classe trabalhadora organizar-se para liquidar de uma vez o regime neofascista e estabelecer no país um poder popular”. As publicações que tivemos acesso não trazem as bandeiras. Mas, nota-se que o PCB evita demonstrar que a incursão militar de Putin na Ucrânia é reacionária, uma vez que viola o direito à autodeterminação de uma nação oprimida. De forma que não se coloca pela retirada das tropas russas da Ucrânia. A caracterização de governo neonazista também tem servido de justificativa a Putin e parte das esquerdas que apoiam a intervenção militar da Rússia.

A Secretaria de Relações Internacionais do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) divulgou uma nota sobre a “Escalada da crise no Leste Europeu”. De forma telegráfica, no primeiro parágrafo, denuncia os Estados Unidos e a OTAN de terem “realizado uma política expansionista rumo ao Leste Europeu”, desde o fim da União Soviética. Conclui que a Rússia e a Ucrânia deveriam encontrar “na diplomacia e no diálogo, em consonância com o direito internacional e o princípio da não intervenção, uma saída pacífica para a atual crise”. E reconhece “que as legítimas preocupações da Rússia com sua

segurança sejam consideradas, e que seja revertido o cerco da OTAN às suas fronteiras”. Ocorre que a invasão militar da Ucrânia, no dia 24 de fevereiro, indicava o fracasso da “diplomacia e diálogo”. O direito internacional e o princípio da não intervenção é uma formalidade jurídica determinada pelo próprio imperialismo, que o viola constantemente. Esse linguajar legalista e pacifista é próprio de um partido estalinista que se integrou inteiramente no Estado burguês.

Aos explorados de todo o mundo, não podem existir dúvidas de que o centro do problema está na OTAN, essa herança contrarrevolucionária da “Guerra Fria”, esse braço armado do imperialismo, como tem demonstrado o CERQUI em suas declarações e manifestos. Contudo, esse fato de forma alguma nos autoriza a defender a guerra da Rússia contra a Ucrânia. Trata-se de caracterizar o mais precisamente possível a situação do proletariado mundial, encontrar as raízes que explicam a profunda paralisia em que se encontra, mesmo diante de um fenômeno tão brutal como uma guerra de tamanha proporção, e trabalhar incansavelmente, em todos os países, para recompor as forças da classe operária e dos demais trabalhadores, por meio da reconstrução do Partido Mundial da Revolução Socialista, a IV Internacional.

A delimitação marxista-leninista-trotskista das posições do CERQUI tem permitido ao POR, no Brasil, realizar uma campanha distinta das demais correntes de esquerda, nas fábricas, escolas, bairros e movimentos. Todas as suas publicações têm subordinado a propaganda revolucionária à luta do proletariado internacionalista. Está claro que a guerra na Ucrânia assenta um novo marco na crise mundial do capitalismo em decomposição. O que exige um trabalho mais concentrado em torno à tarefa de resolver a crise mundial de direção do proletariado.

XVI Congresso do POR-Brasil e XV Congresso do POR-Argentina

Publicamos a apresentação do folheto das resoluções aprovadas no XVI Congresso do POR-Brasil e o balanço do XV Congresso do POR-Argentina

Apresentação

Não é preciso insistir que o XVI Congresso do POR ocorreu no auge da crise na Ucrânia. Quando a Resolução Internacional foi redigida, no final de dezembro, havia apenas o prenúncio de que as tendências de desintegração mundial do capitalismo estavam caminhando para grandes confrontos, mais definitivamente dos Estados Unidos com a China. É nesse marco que se agravou o choque entre os Estados Unidos e a Rússia, com a ocupação militar da Ucrânia, ordenada por Putin, em 24 de fevereiro.

A Resolução evidencia a escalada militar, encabeçada pelo imperialismo norte-americano, e impulsionada juntamente com a guerra comercial. No momento em que a pandemia se generalizou, a disputa dos monopólios pela vacina trouxe à luz do dia o quanto vinha acirrando-se o conflito dos Estados Unidos com a China, em torno ao comércio mundial, às fronteiras nacionais e, sobretudo, ao controle de Taiwan e Hong Kong. O armamento da Austrália, com navios nucleares, pelos Estados Unidos e Inglaterra, a despeito dos interesses da França, foi um ousado passo do imperialismo no sentido de reforçar o controle imperialista do Mar do Sul da China. Há algum tempo, os Estados Unidos vêm incentivando o rearmamento do Japão, voltado a cercar a projeção mundial da China.

Em 2014, eclodiu a crise na Ucrânia. A constituição de um governo pró-União Europeia aplainava o caminho para a OTAN se instalar em solo ucraniano, e, assim, quase fechar a “cortina de ferro” dos Estados Unidos e aliados europeus à Rússia. Nota-se que as forças do imperialismo caminhavam mais ostensivamente para limitar a capacidade mundial da China e a regional da Rússia. Essa limitação não poderia ser imposta apenas pelos meios da guerra comercial. Eram e são necessários os meios militares. Em 2014, os Estados Unidos impuseram sanções econômicas à Rússia, em resposta à anexação da Crimeia e ao apoio aos separatistas na região de Donbass. O acordo de Minsk, aparentemente, havia acomodado os interesses da Rússia e da Ucrânia. No entanto, o governo ucraniano continuou amarrado aos objetivos dos Estados Unidos de levar a OTAN às portas da Rússia.

Na forma de teses, que vão dos pontos 12 ao 20, da Resolução Internacional, o XVI Congresso assentou as bases para que o POR se posicionasse, firme e corretamente, diante das manifestações da guerra comercial, das tendências bélicas e da guerra na Ucrânia. O leitor verá que, de conjunto, do ponto 12 ao 20, tem-se uma unidade analítica e programática, expressão da aplicação do mar-

xismo nas condições de desintegração do capitalismo em sua fase última, que é a do imperialismo. E se se analisar a Resolução como um todo, constituída de 31 pontos, se encontrará o fundamento do materialismo histórico, que os ampara.

Sem perder de vista as teses em sua totalidade, o leitor verá a importância estratégica das teses 12 e 13. Por elas, o POR vem se guiando no mar de contradições da guerra na Ucrânia. Mar revoltoso que tem despedaçado as correntes de esquerda, que se vestem de marxistas. A tese 12 reconhece o esgotamento do processo de abertura da China à penetração do capital monopolista e financeiro, iniciado nos anos de 1970, dando lugar à renhida guerra comercial e mudança nas relações em certa medida pacíficas para belicosas.

O imperialismo exige da China que abandone a centralização do processo de restauração e se subordine às diretrizes mundiais dos Estados Unidos, em função dos impasses do capitalismo, que se ergueram e se fortaleceram depois da crise de 2008-2009. O mesmo ocorre em relação à Rússia. A passagem de uma convivência mais ou menos pacífica para uma abertamente militarista reflete uma mudança qualitativa na situação mundial. A guerra na Ucrânia emerge como uma ruptura nas relações estabelecidas após a Segunda Guerra Mundial e a liquidação da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

O ponto 13 da Resolução Internacional tem a particularidade de assinalar também uma mudança de qualidade, que foi a destruição da URSS. Eis a tese: “O desmoronamento da União Soviética, em 1991, representou uma vitória final do imperialismo sobre as mais avançadas conquistas do proletariado russo e mundial.” Como dissemos, a Resolução foi redigida antes que o deslocamento de tropas russas para a fronteira com a Ucrânia se convertesse em guerra de ocupação. A tese 13, portanto, estava voltada a indicar que a derrocada da URSS fragilizava a China, diante dos Estados Unidos. Eis por que conclui: “Agora, se fala em uma nova “Guerra Fria”, não mais entre as potências capitalistas e a União Soviética, mas entre os Estados Unidos e a China, que se encontra em avançado estágio de restauração.”

Essa tese, por ser estratégica, acabou guiando as respostas do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional (CERQUI), do qual o POR é uma de suas seções, diante da guerra na Ucrânia. Concebida na forma de síntese, como se caracteriza

qualquer tese política, a URSS foi uma criação da Revolução de Outubro de 1917, abriu o período de transição do capitalismo ao socialismo e passou a ser um instrumento da luta proletária pela revolução mundial. Em sua base, encontrava-se a propriedade social dos meios de produção. Assentada sobre ela, erguia-se a organização soviética e, em seu cume, o Estado Operário, regido pela ditadura do proletariado e pela democracia soviética. A III Internacional se formou como um pilar da luta mundial pelo comunismo. Essas conquistas foram sendo minadas pelo processo de burocratização estalinista e pelas forças internas e externas restauracionistas, e, finalmente, se desmoronaram, interrompendo a transição do capitalismo ao socialismo, e dando lugar a uma nova etapa de restauração capitalista, sob o comando de uma oligarquia burguesa mais bem constituída e definida.

A Rússia se fragilizou com a dispersão das quinze ex-repúblicas soviéticas, que foram sendo atraídas e incorporadas na órbita da União Europeia e dos Estados Unidos. A OTAN, já instalada nas ex-repúblicas populares, como Polônia, Romênia, etc., subordinou as ex-repúblicas dos Balcãs e caminhava em direção à Ucrânia e Geórgia, quando o governo russo se viu na contingência de se contrapor militarmente ao cerco imperialista, ocupando a Ucrânia. O movimento de autodefesa, desencadeado por Putin, porém, se realiza por meio da opressão nacional, a ponto de recorrer à guerra de ocupação e às anexações.

A classe operária russa, ucraniana, polonesa, enfim, a europeia, está completamente à margem da guerra. O que evidencia a profunda e trágica crise de direção revolucionária. Não é possível, portanto, a Rússia impor-se diante dos Estados Unidos e da frente ampla do imperialismo, oprimindo as repúblicas que se desprenderam da URSS. As ex-repúblicas foram tomadas pelo processo de restauração capitalista, conduzidas pela oligarquia restauracionista, carregadas de ódio nacional e envoltas pelo nacionalismo pequeno-burguês e burguês.

A situação de paralisia do movimento operário não deve ser desconhecido, uma vez que a tarefa revolucionária é a de justamente encontrar o caminho por meio do qual se levantará contra a ofensiva dos Estados Unidos e a guerra reacionária. Qualificamos de reacionária, porque somente seria progressiva e revolucionária se expressasse o levante da nação oprimida contra a nação opressora, e expressasse a luta proletária pela autodeterminação das nações oprimidas. Essa orientação se baseia nas formulações programáticas do marxismo-leninismo-trotskismo e no reconhecimento de que a destruição da URSS interrompeu a transição do capitalismo ao socialismo.

O retrocesso e o atraso na luta do proletariado contra a burguesia de seus países e a burguesia mundial deixam um vasto campo aberto para a guerra comercial se transformar em confrontos bélicos. Sem o Partido Mundial da Revolução Socialista e sem os partidos marxistas implantados no proletariado, a burguesia decrépita empurra mais e mais a humanidade à barbárie.

Esta publicação traz também a Resolução Nacional, acompanhada de duas resoluções específicas, uma sobre a opressão racial durante a pandemia, outra sobre o avanço do agronegócio em Rondônia e, conseqüentemente, a violenta luta de classes. Cabe apenas, como comentário final, afirmar que a Resolução Nacional expressou a sólida linha desenvolvida pelo POR, durante dois anos de pandemia, que ainda continua tirando a vida de centenas de brasileiros, entre eles os mais pobres e miseráveis. A vanguarda com consciência de classe tem o dever de fortalecer a construção do partido marxista-leninista-trotskista.

8 de março de 2022

R\$5

**Adquira
com o
distribuidor
do Massas:**

Partido Operário Revolucionário

XVI Congresso

12 e 13 de fevereiro de 2022

Resoluções e Manifesto

**Viva a construção do partido
marxista-leninista-trotskista!**




O POR-Brasil saúda o XV Congresso do POR-Argentina, seção do Comitê de Enlace pela Reconstrução da IV Internacional

Realizou-se o XV Congresso do POR Argentina

Cada Congresso é uma conquista política, na tarefa histórica de construir o partido revolucionário em nosso país, como uma seção do Partido Internacional que estamos construindo, o Comitê de Enlace pela Reconstrução da Quarta Internacional (CERQUI).

Aos camaradas que assistiram pela primeira vez, e, principalmente, os que vêm de outras organizações, chamou a atenção a organização e disciplina do Congresso, o número de camaradas que intervêm e a qualidade de suas intervenções, levantando diferenças e discussões, abordando todos os pontos da pauta, exercendo o centralismo democrático na mais alta instância do Partido, contribuindo assim, coletivamente, para a elevação política de toda a militância.

A discussão sobre a situação internacional centrou-se na guerra da Ucrânia, embora o documento em discussão fosse anterior à crise. A atualidade da guerra permitiu verificar o acerto das teses apresentadas no documento e aprovadas no Congresso, bem como as definições anteriores do Partido e do CERQUI.

As teses do documento da Situação Política Internacional mostram como a Pandemia impactou a guerra comercial, ao ponto de os Estados Unidos controlarem e manobram barbaremente para impor as suas vacinas, desabastecendo as semicolônias e os setores mais vulneráveis da sociedade. Como a Pandemia agravou a crise do capitalismo em desintegração, com sua grande explosão, em 2008, que não havia sido concluída. Mostrou-se a incapacidade da burguesia em atender à saúde dos oprimidos, bem como o fracasso de sua política de isolamento social, à qual se adaptaram as direções políticas e sindicais, paralisando as massas, bloqueando a possibilidade de intervir com seus próprios métodos na crise. Essa paralisia foi usada por governos e empresas para atacar as condições de vida e de trabalho de milhões de trabalhadores no mundo. Assistimos a uma forte destruição das forças produtivas neste último período, crescem o desemprego, a miséria e a fome em todo o mundo, os empregos são cada vez mais precários. A recuperação econômica, iniciada em 2021, e projetada para os próximos anos, não é suficiente para restaurar os níveis pré-pandemia. Sob a Pandemia, aumentou fortemente a ajuda financeira às grandes corporações, que elevaram seus lucros. A riqueza continua concentrada, aumentando a insuportável desigualdade social. Foram emitidos trilhões de dólares, para “socorrer” os capitalistas, agigantando o parasitismo financeiro.

A guerra comercial avançou rapidamente devido às medidas de Trump, especialmente contra China e Europa, objetivando recuperar a economia norte-americana e seu papel hegemônico, ameaçado pelo crescimento chinês. Esse agravamento tende a se transformar em guerra, como está acontecendo nos dias de hoje. Biden não podia deixar de seguir as tendências que já se desenvolviam. Assistimos ao esgotamento da partilha do mundo, que ocorreu após a Segunda Guerra Mundial,

e ao esgotamento do respiro que significou para o capitalismo o enorme avanço da restauração capitalista na China, Rússia e Europa Oriental. A magnitude da crise obriga o capital financeiro a ir fundo, e pressionar para apoderar-se dos recursos e das empresas estatizadas nesses países.

O documento destaca a importância histórica que o colapso da URSS teve para o imperialismo, o que lhe permitiu avançar rapidamente com os processos de restauração no Leste Europeu e nas ex-repúblicas soviéticas, e também com a implantação da OTAN, que foi apoiada por movimentos nacionalistas, direitistas, e no ódio gerado nas massas pela política criminoso do estalinismo.

A discussão sobre a situação internacional centrou-se na guerra da Ucrânia, embora o documento em discussão fosse anterior à crise. A atualidade da guerra permitiu verificar o acerto das teses apresentadas no documento e aprovadas no Congresso, bem como as definições anteriores do Partido e do CERQUI.

Ressaltou, também, a importância da ausência de uma direção revolucionária internacional do proletariado. Sua expressão máxima, a Terceira Internacional, foi liquidada por Stalin. E a IV Internacional não esteve à altura da tarefa de ocupar o seu lugar. O proletariado paga caro pelas derrotas que não foram superadas. Por isso, é urgente, imprescindível, avançar na tarefa de pôr em pé os partidos revolucionários em todos os países e reconstruir a Internacional, o Partido Mundial da Revolução Socialista. As massas lutam o melhor que podem, resistem aos ataques da decomposição capitalista, realizam rebeliões extraordinárias, e frequentemente, ressurge a dramática ausência da direção revolucionária, que as expresse e as oriente para a vitória. Recomendamos o estudo deste documento que tentamos sintetizar, e que também tem sido a base da discussão e aprovação no XVI Congresso da seção brasileira do CERQUI, realizado em 12-13 de fevereiro.

A discussão sobre a situação política nacional ressaltou a importância de ter caracterizado com precisão o que faria o governo Fernández, centrado em reconhecer e pagar a gigantesca dívida externa, conforme exigido pela burguesia e pelo imperialismo, comprometendo a recuperação econômica do país, e a resolução dos problemas mais urgentes dos oprimidos, que arcam com o desemprego, a pobreza e a miséria. Verifica-se que as massas estão perdendo as ilusões no governo, que acreditavam poder reverter a situação desastrosa, deixada por Macri. O governo se mantém graças ao papel das direções sindicais e sociais, que bloqueiam as lutas, as isolam em nome da defesa de seu governo. Essa política conciliadora, que per-

mitiu um forte ataque aos salários, pensões e emprego, começou muito antes, garantindo a governabilidade a Macri, para que pudesse chegar ao fim de seu mandato.

O governo de Fernández está em crise, e expressa o esgotamento do ciclo nacionalista burguês, submetido cada vez mais abertamente ao capital financeiro. No essencial, mostra que se trata da continuidade do governo anterior.

O documento assinala que a situação das massas é gravíssima, que são décadas de retrocesso insuportável nas condições materiais. O que coloca na ordem do dia a luta pelas reivindicações mais urgentes, as reivindicações mais elementares contra o desemprego, a carestia e a fome, que só podem ser impostas pela ação direta das massas. A subordinação do governo ao pagamento da dívida externa, e seu respeito à grande propriedade, impossibilita o atendimento dessas reivindicações.

A situação catastrófica das massas exige uma resposta extraordinária e a direção dos sindicatos é o maior dique de contenção.

Além disso, as direções colaboracionistas causaram enormes danos nesses anos de pandemia, mantendo os sindicatos paralisados. É imprescindível recuperar a independência política dos sindicatos, expulsando a burocracia serviçal do governo e dos grandes capitalistas.

O documento também levanta a necessidade de um balanço da crise sanitária, mostrando que o governo fracassou, com o objetivo de desmascarar o discurso governamental que sensibiliza boa parte da população.

Ressalta-se que somente a classe operária, dirigindo o conjunto dos oprimidos, pode resistir e defender a nação contra a investida do imperialismo. A questão nacional aparecerá com mais força, colocando qual é o programa que responde aos ajustes e o saque, colocando a necessidade da frente única anti-imperialista, dos métodos e da estratégia de poder da classe operária.

O documento denuncia o papel do Congresso Nacional como uma cova de parasitas, que deve ser combatida, para não semear a menor ilusão de que algum de nossos problemas pode ser resolvido ali, confrontando o discurso da esquerda centrista, que não ousa questionar, e se adapta a essas ilusões.

A discussão sobre o balanço político-organizativo refletiu um avanço, em relação aos Congressos anteriores. Permitiu avaliar o acerto de nossa linha de intervenção diante da Pandemia, convocando os explorados, desde o primeiro momento, a desconhecer a autoridade do governo para enfrentar a crise sanitária. E, fundamentalmente, o acerto da imediata intervenção nas ruas de Neuquén, colocando-se à frente da luta em defesa da vida das massas. Nesse ponto, destaca-se a importância da elaboração do POR do Brasil, pois, melhor expressou a linha proletária diante da nova situação.

Destaca-se como a militância porista interveio nos processos eleitorais, defendendo as bandeiras revolucionárias da classe operária, alertando sobre a direitização do peronismo.

Na frente docente, foi fundamental o desenvolvimento de nossa linha, defendendo a educação presencial e as assembleias, contra as políticas da burocracia e da esquerda.

Identificamos que a tendência à luta de massas é latente, e que foi demonstrada pela revolta de mais de 40 dias em Neuquén, e as lutas de Chubut e Mendoza, contra o saque da mineração, contrário à necessidade nacional. O aspecto fundamental da situação política está na possibilidade de desenvolver a ruptura das massas com as ilusões no peronismo. Realizou-se um balanço sobre a intervenção na classe operária, destacando o trabalho político em várias frentes, impactadas pela Pandemia, fechamento de fábricas, suspensões e demissões. Também foi importante reconhecer que a vanguarda da classe operária continua influenciada pelo nacionalismo burguês, o que requer

atenção especial sobre como intervir, como aplicar a tática da frente única.

Foi uma conquista a recuperação de várias seções da ATEN, e o profundo acerto do partido no desenvolvimento da tática frentista, importante para derrotar a burocracia e colocar o partido em uma situação de particular responsabilidade de direção.

No plano organizativo, destacou-se a importância de garantir o funcionamento partidário presencial nas condições da Pandemia, do temor ao contágio e das medidas repressivas. Foi uma prova de fogo para o partido em geral e os organismos, em particular, garantirem o funcionamento. Apesar de todos os obstáculos, realizaram-se os Congressos regionais.

táculos, realizaram-se os Congressos regionais.

Avaliaram-se as dificuldades que teve a direção CERQUI para manter o seu funcionamento, destacando especialmente a importância de combater as tendências federativistas. Diante da situação de profunda crise mundial, é necessária uma resposta centralizada. Agora é hora de se preparar para o próximo Congresso Internacional, a ser realizado no meio do ano.

Destacamos a regularidade da publicação do Massas, aumentando a frequência e a elaboração coletiva de notas, e também por ter publicado 3 volumes das Obras Escolhidas de Guillermo Lora, além de “Os revolucionários nos parlamentos burgueses”, que se somaram ao “Os Quatro Primeiros Congressos da Terceira Internacional”, e nosso Programa, fundamento de nosso Partido.

VIVA O XV CONGRESSO DO POR!

(Extraído do Jornal Massas, nº 411,
órgão do Partido Operário Revolucionário da Argentina)

No plano organizativo, destacou-se a importância de garantir o funcionamento partidário presencial nas condições da Pandemia, do temor ao contágio e das medidas repressivas. Foi uma prova de fogo para o partido em geral e os organismos, em particular, garantirem o funcionamento. Apesar de todos os obstáculos, realizaram-se os Congressos regionais.

Milite no POR, um partido de quadros, marxista-leninista-trotskista. Discuta nosso programa.

nossa.classe@hotmail.com - www.pormassas.org - fb.com/massas.por - anchor.fm/por-massas / ☎ (11) 95446-2020